

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



**“QUEM SABE, SOBE”: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A
SUSPENSÃO CORPORAL CONTEMPORÂNEA**

CLARA MADUELL GÓMEZ

Pelotas – RS – Brasil

2018

CLARA MADUELL GÓMEZ

**“QUEM SABE, SOBE”: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A
SUSPENSÃO CORPORAL CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Antropologia do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriane Luísa Rodolpho

Pelotas – RS – Brasil

2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G633q Gómez, Clara Maduell

“Quem sabe, sobe” : um estudo antropológico sobre a suspensão corporal contemporânea / Clara Maduell Gómez ; Adriane Luísa Rodolpho, orientadora. — Pelotas, 2018.

195 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Suspensão corporal. 2. Corpo. 3. Body modification. 4. Sensações. 5. Representações sociais. I. Rodolpho, Adriane Luísa, orient. II. Título.

CDD : 301

CLARA MADUELL GÓMEZ

**“QUEM SABE, SOBE”: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A
SUSPENSÃO CORPORAL CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Antropologia do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em 21 de maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Adriane Luísa Rodolpho – PPGAnt/UFPEL (Orientadora)

Prof.^a Dr. Cláudio Baptista Carle – PPGAnt/UFPEL

Prof.^a Dr.^a Helen Gonçalves – PPGAnt/UFPEL

Prof.^a Dr.^a Monalisa Dias Siqueira - UFSM

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, que é o resultado de alguns anos de estudo e reflexões, representa o fim de um ciclo importante na minha trajetória acadêmica. A realização dessa pesquisa não teria sido possível sem a colaboração e o apoio de algumas pessoas por quem tenho imensa gratidão.

Quero agradecer, especialmente, aos meus pais. Elisabeth Nunes e Miguel Gómez, por todo amor, suporte, incentivo à minha formação acadêmica e pelo encorajamento para enfrentar essa jornada em outra cidade. Agradeço, também, à minha família pelotense: Mário Augusto, Maria Francisca, Tiago, Márcia Cristina, Fernando e João Pedro pelo acolhimento e por ser meu porto seguro longe de casa.

Muitos fazem parte da minha lista de gratidão. Muito obrigada:

À Thais Homem pela força na troca de cidade e por ser minha primeira amiga em Pelotas. Às minhas companheiras de casa Bruna, Fátima e Stefânia por dividir o dia a dia comigo.

Aos meus colegas e amigos da UFPEL e, em particular à Anelize, Maysa, Renata, Taís e Tanize pelo compartilhamento de saberes e risadas, pelos incontáveis cafés pra acordar para as aulas e pelas cervejas fora delas. Também pelos ouvidos e por partilhar angústias na caminhada para conclusão do curso. Sou grata por deixarem esse mestrado mais leve. Teria sido bem mais difícil sem esse nosso companheirismo, com certeza!

Ao amigo e colega da UFRGS Jorge Scola pelas dicas acadêmicas, apoio e paciência. Um dia quero ser uma antropóloga como ele! Ao Lucas Grimaldi por nossa cumplicidade e por padronizar essa dissertação. À minha mãe, novamente, pela revisão desse trabalho. À Giovana Grando e à Carolina Barbieri pelos *helps*.

Às equipes de suspensão corporal *Ritulz*, *Mente Suspensa*, *Independent Suspensions Brazilian Group*, *Surreal Crew* e *Diabos Mutantes*. Aos profissionais Cami, João, Zé, Ricardo, Ralado, Marie, Fernanda e Du por me permitirem frequentar seus eventos e observar os procedimentos de suspensão corporal, pois confiaram que o assunto seria abordado de maneira séria.

A todos os entrevistados, principalmente à Bárbara Goerl e ao Thi Angel, seja presencial ou virtualmente, pelo entusiasmo com a pesquisa. Seus relatos muito contribuíram para fundamentar minha dissertação. Meu reconhecimento por terem

contado a mim suas histórias e experiências com o corpo. A todas as pessoas que me permitiram ver os procedimentos e suas suspensões propriamente ditas e pela permissão de registros essenciais no trabalho.

Aos professores do PPGAnt por todo empenho em resolver as questões da turma, pelo acesso à informação e pela troca de conhecimento nesses dois anos. À minha orientadora Adriane Luísa Rodolpho pelo interesse no tema e pela assistência. À Thaise, secretária do programa, pela agilidade e resoluções de problemas ao longo do mestrado.

Por último, mas não menos importante, meu carinho a todos meus amigos que compreenderam a distância, a ausência e a falta de tempo. Eles sempre apostaram em mim e me incentivaram nessa caminhada.

E, enfim, a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para que essa etapa da minha vida fosse concluída, meus sinceros agradecimentos.

*Nos enseñaron desde
niños
cómo se forma un cuerpo
sus órganos sus huesos
sus funciones sus sitios
pero nunca supimos
de qué estaba hecha el
alma
¿será de sentimientos /de
ensueños /
de esperanzas? ¿de
emociones?
(El Alma no es el Cuerpo
– Mario Benedetti)*

RESUMO

O estudo teve como objetivo compreender as técnicas do processo da suspensão corporal contemporânea, entender as noções dessa prática corporal e as diferentes percepções dela entre os praticantes. Essa é uma das técnicas inseridas no vasto campo da *body modification* - conceito usado para definir procedimentos de modificações corporais. A suspensão corporal é uma modificação temporária, que consiste na inserção de ganchos de aço cirúrgico em determinadas zonas do corpo para a elevação no ar, vertical ou horizontalmente, usando um sistema de cordas como meio de içagem. Dessa forma, as representações corporais são centrais nesse estudo, uma vez que se buscou compreender quais as motivações e significados que a alteração voluntária tem para os participantes. Para isso, fiz uma etnografia em encontros de suspensão no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e analisei as narrativas dos adeptos, dando ênfase para as sensações em cada etapa da intervenção. E, do encontro com meus interlocutores, problematizei essa prática corporal, interpretei o grupo social e também o grupo no social. Concluí que a suspensão contemporânea é uma manifestação corporal que faz sentido em relação ao conjunto de símbolos desse grupo e gira em torno do hedonismo e das práticas do bem-viver.

PALAVRAS-CHAVE: Suspensão Corporal. Corpo. *Body Modification*. Sensações. Representações Sociais.

ABSTRACT

The purpose of this study was to understand the techniques of the contemporary body suspension process, to understand the notions of this body practice and the different perceptions of the same among practitioners. This is one of the techniques in the vast field of *body modification* - a concept used to define body modification procedures. The body suspension is a temporary modification, which consists in the insertion of surgical steel hooks in certain areas of the body for lifting in the air, vertically or horizontally, using a rope system as a means of lifting. Thus, body representations are central to this study, since we seek to understand the motivations and meanings that voluntary change has for the participants. For that, I did an ethnography in suspended meetings and restricted events in Rio Grande do Sul and Santa Catarina and analyzed the narratives of the adepts, emphasizing the sensations at each stage of the intervention. And from the meeting with my interlocutors, I questioned this corporal practice, I interpreted the social group and the group in the society. I conclude that the contemporary suspension is a bodily manifestation that makes sense in relation to the group of symbols of this group and revolves around hedonism and good living practices.

KEYWORDS: Body Suspension. Body. Body modification. Sensations Social Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro das posições de suspensão.....	38
Figura 3: Sexualidade	40
Figura 4: Renda Familiar	40
Figura 2: Faixa etária	40
Figura 5: Iniciados sendo girados até desmaiar. Quadro de George Catlin.....	59
Figura 6: Quadro <i>The Last Race</i> de George Catlin.....	60
Figura 7: Estacas cravadas no tórax de um indígena Sioux.....	61
Figura 8: A Dança do Sol. Quadro de George Catlin.	62
Figura 9: Homem Sadhu.	64
Figura 10: Festival Thaipusan	66
Figura 11: Festival Thaipusan	66
Figura 12: Festival Chidi Mari.	67
Figura 13: Kataragama Festival em Sri Lanka.	68
Figura 14: Imagem de divulgação do evento.....	69
Figura 15: Folheto de definição da Ritulz	70
Figura 16: Fê concorrendo em uma categoria de <i>piercing</i> no <i>Tattoo Fest</i> 2014	72
Figura 17: Evento Ritulz.....	73
Figura 18: Preconceito social com a prática da suspensão corporal.....	80
Figura 19: Problema social por realizar suspensão corporal	81
Figura 20: Imagem de divulgação do evento.....	82
Figura 21: Local e montagem dos equipamentos para suspensão	84
Figura 22: Suspensão <i>suicide</i> de Jamaica	88
Figura 23: Suspensão <i>suicide</i> de Assis	92
Figura 24: Suspensão <i>astronaut</i> de Matheus	95
Figura 25: Suspensão <i>knee</i> Ricardo	97
Figura 26: Imagem de divulgação do evento nas redes sociais.	99
Figura 27: 1º dia do Encontro de suspensão corporal do Sul	103
Figura 28: Suspensões de Mima, Nayara, Matheus e João.....	110
Figura 29: Suspensões de Affonso, Arthur e Vanessa.....	119
Figura 30: Suspensão <i>suicide</i> de Ganso.....	123
Figura 31: Fê furando as costas de Kita.....	125
Figura 32: Imagem de divulgação do evento.....	127

Figura 33: Corpo: Performance de Suspensão por Ganchos e Cordas	132
Figura 34: Escala da dor	139
Figura 35: O que é suspensão corporal.....	142
Figura 36: Quantas vezes já se suspendeu	143
Figura 37: Folheto Ritulz.....	154
Figura 38: Performance de suspensão de Stelarc, em 2012.....	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CHEGANDO AO TEMA.....	11
ACESSOS, NEGOCIAÇÕES E INTERLOCUTORES: QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	13
CAPÍTULO 1 - CONSTRUINDO CORPOS E REMODELANDO RITOS: A INFLUÊNCIA CULTURAL NOS CORPOS DOS INDIVÍDUOS.....	26
1.1 O CORPO SOCIAL	27
1.2 “PEGANDO O GANCHO”	37
1.2.1 Caracterização dos participantes	39
1.3 ESTUDO DOS RITUAIS.....	48
1.4 O BREVE E CONHECIDO HISTÓRICO SOBRE A SUSPENSÃO CORPORAL.....	55
1.4.1. Indígenas Mandan	57
1.4.2. Indígenas Sioux	60
1.4.3. Cultura Sul Asiática.....	63
CAPÍTULO 2 - COM OS PÉS NO CAMPO DOS SEM PÉS NO CHÃO: UMA ETNOGRAFIA EM ENCONTROS DE SUSPENSÃO CORPORAL	69
2.1. <i>RITULZ</i>	69
2.1.1. Preconceito social	74
2.2. SUSPENSÃO NA ILHA	82
2.3 ENCONTRO DE SUSPENSÃO DO SUL	99
2.4 SUSPENSÕES PRIVADAS NA <i>HOOK HOUSE</i>	121
2.5 CORPO: PERFORMANCE DE SUSPENSÃO POR GANCHOS E CORDAS ...	127
CAPÍTULO 3 - VOAR, VOAR, SUBIR, SUBIR: DECODIFICANDO AS PERCEPÇÕES E AS MOTIVAÇÕES DOS ADEPTOS DA SUSPENSÃO CORPORAL	135
3.1 O VOO DO MEDO À PAZ.....	136

3.2. A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É	138
3.3 MOTIVAÇÕES.....	142
3.3.1 Ritual	143
3.3.2 “Quem sabe, sobe”: o autoconhecimento e a superação	152
3.3.3 Sentir o <i>rush</i>	157
3.3.4. Sexualidade.....	159
3.3.5. Performance.....	161
3.3.5.1 Os Estudos de Performance	162
3.3.5.2 Suspensão performance	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	183

INTRODUÇÃO

CHEGANDO AO TEMA

A expressão corporal é uma forma de comunicação não verbal, uma vez que, através do corpo, homens e mulheres se relacionam simbolicamente entre eles e com a sociedade; o diálogo se dá por meio de gestos e posturas. O corpo é importante para uma infinidade de práticas e o estudo das possibilidades expressivas da corporeidade tem tomado uma dimensão importante, já que é possível pensá-lo como condição existencial da vida cultural.

É por meio da imagem que um indivíduo percebe o outro. O sentido mais desenvolvido em nossa sociedade é o da visão e formas de construção corporal aparecem como opção de nossa “sociedade visual”, especialmente quando surgem meios de remodelagem do corpo (PIRES, 2005). Cabe lembrar que, na história humana, o corpo sempre passou por processos de modificação (SOARES, 2015).

O controle das práticas corporais foi uma das primeiras ações executadas para “civilizar” as sociedades chamadas “primitivas”. De alguma forma, quanto mais marcados eram os “outros”, mais civilizado era o Ocidente. Paradoxalmente, na atualidade, crescem a incorporação e aceitação de práticas de exploração e modificação corporais provenientes de culturas alheias à ocidental.

Interesso-me por modificações corporais desde meus treze anos, quando tive vontade de fazer uma tatuagem. A partir de então, insistia com meus pais para que me permitissem, pois, para menores de idade, é preciso autorização. Eles não concordaram; então, ao fazer dezoito anos, a aprovação era dispensável e fiz a primeira. Comecei a me aproximar e a me fascinar por questões relativas a marcas corporais. Ao entrar na universidade, passei logo a desenvolver o tema na cadeira de Antropologia I no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2010. Dediquei-me à teoria e a algumas práticas mais corriqueiras. Era necessária uma monografia como trabalho final dessa disciplina e tive a intenção de desenvolvê-la sobre tatuagem. Ao pesquisar, me deparei com o universo da *body modification*.

Fiquei tão impressionada que decidi investigar sua história e desenvolvimento. Venho amadurecendo esse trabalho, deixando de ser apenas uma adepta e apreciadora de tatuagens e *piercings* para me tornar, também, uma pesquisadora, tentando me

afastar do familiar e compreender a diversidade de identidades que uma sociedade complexa comporta (VELHO, 1994).

O termo *body modification*, como será mais bem definido no primeiro capítulo, é usado para designar as modificações corporais das mais diversas formas e feitas por uma motivação cultural (irreversível ou não). Refere-se a várias práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*¹, implantes, entre outras que alteraram a aparência e a forma do corpo.

A *body modification* nos apresenta uma nova possibilidade de pensar e entender práticas na qual o corpo passa por dolorosas transformações. É um espelho de uma cultura que predominou no passado e, hoje, retorna com força total, uma mistura entre o dito “primitivo” e o moderno.

Para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso² da Graduação, participei de duas convenções (2013 e 2014) de tatuagem e *piercing* que contaram com a presença dos “melhores tatuadores” do sul do Brasil. Ocorreram no centro de eventos Casa do Gaúcho, no parque Harmonia³, em Porto Alegre, e convidavam visitantes com a frase “Vem para quebrar tabus e preconceitos!”. Os organizadores assim descreviam os encontros: “Serão dois dias de cultura e muita arte. Concurso de *tattoo* e *piercing* e a presença do casal mais modificado do mundo”. Os eventos, de fato, contaram com a presença de Gaby, argentina, e Victor Peralta, uruguaio; casal que, com mais de 84 mudanças corporais, consta no *Guinness Book*.

Esse universo da modificação abrange a prática chamada de suspensão corporal, considerada temporária; consiste na inserção de ganchos de aço cirúrgico em determinadas zonas do corpo para elevação no ar, na vertical ou na horizontal, usando um sistema de cordas como meio de içagem. Segundo André Meyer (2011):

Os ganchos para suspensão medem cerca de 4 centímetros e são cravados como *piercings*, mas numa profundidade bem maior, para impedir que a pele se rasgue ao suportar o peso do corpo (MEYER, 2011, p.109).

Foi muito importante ter comparecido a essas convenções de *tattoo*, principalmente por ter a chance de, pela primeira vez, assistir uma suspensão. Em minhas pesquisas, eu já tinha lido e visto imagens sobre a prática, mas uma suspensão

¹ Cicatriz que resulta de um processo de queimadura da pele.

² GÓMEZ, Clara. A Pele Marcada: Um Estudo Antropológico Sobre o Corpo Como Superfície Simbólica na Sociedade Urbana Atual. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

³ O Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, também chamado de Parque da Harmonia, é um parque urbano localizado na Avenida Loureiro da Silva, na região central de Porto Alegre.

“ao vivo” era inédita para mim. Um rapaz se suspendeu pelos joelhos no palco, enquanto se ouvia um rock pesado. Os responsáveis pela elevação empurravam o jovem que ficava balançando no ar de cabeça pra baixo e a plateia fotografava. Já Gaby Peralta, foi erguida pelas costas, fazia malabarismos lá em cima e sorria como se sentisse algo prazeroso.

Dentre todas as práticas estudadas em meu TCC, a suspensão foi a que mais me despertou curiosidade. Assim, decidi continuar os estudos tendo como tema central essa atividade.

ACESSOS, NEGOCIAÇÕES E INTERLOCUTORES: QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para a antropóloga Kênia Kemp (2005), a suspensão é um exemplo de apropriação dos rituais dos povos tradicionais pelo movimento de Modificação Corporal. É milenar, realizada em épocas diferentes e por diversos motivos que, normalmente, envolviam limites físicos, dando ênfase para experiência espiritual e aprendizado proporcionado ao suspenso (ABREU, SOARES, 2012).

Atualmente, a técnica da suspensão é a mesma, porém não há uma relação com a religião; embora, para alguns, pode ser uma experiência espiritual. As mudanças no fluxo sanguíneo e os hormônios liberados na prática geram estados extáticos nos suspensos. Por isso, se recomenda uma preparação não só física, mas também mental antes de se iniciar nessa experiência.

A suspensão, retomada pela cultura ocidental, vem atraindo cada vez mais adeptos. Cada vez mais pessoas, dentro do mundo das modificações corporais, apresentam vontade de se suspender. É importante tentar compreender essa linguagem e saber o porquê dos homens e mulheres estarem em busca dessa prática e o que ela representa.

Beatriz Ferreira Pires (2005), que estuda as modificações corporais, diz que, para além do medo e da dor, o que choca, o que incomoda ou fascina, na visão de corpos modificados, é a postura e a coragem de brincar, de experimentar, de vivenciar o momento que os seguidores se permitem o tempo todo. Creio que é importante estudar essa prática que usa o corpo como meio de refletir sobre seus próprios limites. Há um

gozo pela extremidade, pela brincadeira, a graça está em até onde o corpo é capaz de suportar. Apesar de toda a segurança da técnica e cuidados (medições, cálculos, assepsia) permanece a ideia de que a pele pode romper e que é necessário descer depois de um certo tempo. Segundo Daniel Lírio (2007), psicanalista e psicólogo que estudou a suspensão corporal, um dos pontos mais interessantes da prática é ela, simultaneamente, constituir uma imagem singular fascinante aos espectadores e colocar em jogo o corpo em tudo que ele tem de mais característico, seus limites, suas dores, prazeres, também sua força e seu peso⁴.

Entendo o corpo como forma de expressão, levando em conta que, a única forma de se autoconhecer é através da compreensão do que é viver com seu próprio corpo. Já afirmava Merleau-Ponty (2006): “Tenho a consciência do mundo por meio de meu corpo”.

Assim, não só a prática da suspensão, como o corpo dos adeptos é de fundamental importância na minha pesquisa. Também não ele em si, sua representação, mas toda sua relação com a percepção de mundo, a conexão com o meio e com as pessoas.

Meu projeto de pesquisa inicial para o Mestrado tinha como objetivo compreender, através das apreensões sociais ao redor das modificações corporais, a suspensão humana como ritual de passagem. Após a observação de campo, o exame de qualificação e conversas com alguns adeptos e com professoras do departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, percebi que a suspensão pode ser um ritual moderno, mas que eu me limitaria muito ao pensar nela só dessa forma, visto que há uma multiplicidade de sentidos envolvidos em sua realização e se torna impossível a atribuição de uma única e simples motivação em todos os casos (LÍRIO, 2007). Resolvi redefinir meu tema, que necessitava de um melhor recorte.

Delimitei meu objetivo a compreender as práticas do processo da suspensão corporal humana contemporânea, entender as noções dessa técnica corporal, uma das práticas inseridas no vasto campo da *body modification*. Então, esse trabalho consiste em uma tentativa de investigar algumas das motivações de quem opta por essa atividade, fazendo uma análise das narrativas dos praticantes e dando ênfase para as percepções das sensações em cada etapa da técnica. Do encontro com meus

⁴ Observei apenas uma suspensão de um rapaz “acima do peso”, mas ao ler a bibliografia sobre o assunto, entendi que a pessoa com quilos a mais pode realizar poucas posições de suspensão, pois seu peso deve ser bem distribuído entre os ganchos.

interlocutores, pretendi problematizar essa prática corporal e interpretar o grupo social e o grupo no social.

Além disso, os objetivos específicos dessa pesquisa foram entender os significados das noções de corpo e suas diferentes concepções entre os adeptos da prática; acompanhar eventos de suspensão corporal; fazer entrevistas com *suspenders* e suspensores; coletar dados secundários em sites, redes sociais e *blogs* e levantar bibliografia sobre o tema.

Inicialmente, meu foco empírico era na cidade de Esteio, região metropolitana de Porto Alegre, porque sabia, através da internet, que lá era a sede da *Surreal Crew*⁵—equipe de suspensão. Mas ao conversar com o grupo local fui informada que as sessões são privadas e de difícil acesso. Assim, estava disposta a me limitar a entrevistas com adeptos e profissionais sem assistir nenhuma nova sessão até descobrir dois eventos aos quais tive oportunidade de comparecer: um em Porto Alegre e outro em Florianópolis.

Como acompanhava a página do *Facebook* da *Surreal Crew*, fiquei sabendo de uma jornada, que contava com a colaboração da equipe Diabos Mutantes (SP), anunciada para o feriadão compreendido entre 7 e 10 de setembro de 2017. Tentei novamente o contato com a responsável pelo grupo Marie e consultei sobre a possibilidade de comparecer ao encontro. Ela me perguntou sobre o tema do trabalho e o que eu pretendia fazer. Expliquei e ela respondeu que, normalmente, é “cabreira” com os trabalhos de faculdade, mas que, dessa vez, iria permitir porque eu poderia ajudar fazendo os registros fotográficos. Compareci ao encontro onde vi dez suspensões em diversas posições e convivi intensamente com os praticantes. Eu enviei todas as fotos para Marie. E, ela passou a me convidar tanto para as suspensões na *Hook House* (Casa do Gancho) - como o local é chamado - como para jornadas em outras cidades.

De última hora, quase nas vésperas da entrega da dissertação, surgiu outro evento público de suspensão como performance em um bar em Porto Alegre. Assim, aos poucos e insistindo com os organizadores, as opções de acesso às sessões de suspensão foram surgindo.

Então, como resultado final, essa dissertação é uma pesquisa feita durante os anos de 2016, 2017 e 2018, com observação de campo em quatro eventos de suspensão: dois em Porto Alegre (RS), um em Florianópolis (SC) e um em Esteio (RS).

Esse último, ocorrido num feriadão, foi o único com duração de mais de um dia.

⁵ Equipe conhecida nacionalmente entre os praticantes de suspensão corporal.

Também compareci a uma sessão privada na mesma *Hook House*. Contabilizei, ao todo, oito dias (e algumas noites) intensos em campo e presenciei mais de quinze suspensões.

Para dar conta do que me propus, utilizei o método de pesquisa qualitativo que, segundo Gilberto Velho (1978), foi com o qual a Antropologia se identificou. Procurei fazer uma etnografia, uma investigação antropológica que consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles (LÉVI-STRAUSS, 1982). Segundo as antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert a escrita etnográfica configura-se:

Na tríade autor/tradutor/texto na conformação da prática investigativa ao oportunizar ao antropólogo a sistematização de seus pensamentos interiores e a construção de ações estáveis em relação à cultura e à sociedade pesquisada (ECKERT, ROCHA, 2002, p. 4).

Assim, foram meus principais instrumentos de trabalho: o diário de campo, o contato direto com o universo estudado e observações. Principalmente a observação participante, que oferece uma aproximação entre pesquisador e pesquisados, impondo um deslocamento da cultura do investigador para se situar no interior do fenômeno observado, inserindo-o assim na comunidade de praticantes (MALINOWSKI, 1984). Mas também, no primeiro evento de Porto Alegre, utilizei a observação flutuante, método de Colette Pétonnet (2008), grande nome da Antropologia urbana francesa, que propõe flutuar com o olhar distanciado sobre os ambientes urbanos. Observei toda a movimentação em volta sem objeto fixo, ou seja, fiz uma observação desendereçada (SIMÕES, 2008). Segundo Colette Pétonnet e Soraya Simões:

Consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PÉTONNET, 2008, p. 102)

A observação *flottante*, ao se deixar flutuar – ou, dito de outro modo, ao se mostrar desatenta ao conhecimento *apriorístico* –, se deixa conduzir pelo inesperado, pelo modo como as pessoas se apresentam num dado momento e determinado lugar da cidade – em um dado *endereço*, portanto –, cuja destinação de uso pode parecer insuspeitada. (SIMÕES, 2008, p. 2)

Esse método exige do pesquisador um grau considerável de disponibilidade para, em um encontro eventual, identificar o início de “uma viagem” (SIMÕES, 2008; PÉTONNET, 2008).

O trabalho de campo também foi dirigido pelo conceito de Clifford Geertz (2008) de Descrição Densa, ou seja, de interpretar e analisar dentro do contexto em que se encontram os interlocutores antes do registro. Segundo o autor, é necessário estudar os sistemas culturais como textos, que devem ser analisados compondo os detalhes da vida cultural para formar uma descrição aprofundada. Assim, o antropólogo deve descrever seu objeto de estudo em suas mais diversas particularidades, levando em conta todos os pequenos fatos que cercam sua vida social. Não bem os fatos em si, mas a ação social destes fatos.

A Antropologia tem se valido da fotografia, desde o início da disciplina, com a intenção de registrar a diversidade social. Margareth Mead e Gregory Bateson (1942) em *Balinese Character. A Photographic Analysis*, trabalho que integra o recurso fotográfico ao discurso antropológico, realizaram, entre 1936 e 1939, uma pesquisa sobre o comportamento em Bali, Indonésia. Produziram cerca de vinte 25 mil fotografias com a intenção de compreender a cultura balinesa por meio das ações, olhares e comportamentos, construindo um estudo entre o verbal e o não verbal (visual).

Abordaram um conjunto de textos e duzentas páginas são reservadas à análise fotográfica do *ethos*⁶ balinês. São cem pranchas organizadas por eixos, composta por fotografias e comentários das mesmas (SAMAIN, 2000). Mead e Bateson atribuíram à utilização do visual como instrumento de pesquisa que forma um trabalho de mútua dependência entre a narrativa verbal e visual para a análise e obtenção de resultados.

Balinese Character ajudou a definir a Antropologia Visual. A utilização da imagem como suporte na elaboração da pesquisa de campo vem sendo, a partir dessa obra, um interessante instrumento para a construção da etnografia.

Nesse sentido, a suspensão corporal é uma prática espetacular e extremamente visual para quem assiste. Segundo Lírío (2008), para além do sangue, a prática coloca o corpo em uma situação bastante incomum, os momentos da perfuração e da subida causam expectativa e portam forte valor estético. Para o suspenso, há também o valor narcísico comprovado pela abundância de máquinas fotográficas nesses eventos o que também confere sentido à prática para além das outras motivações.

O próprio grupo estudado dá centralidade para a questão da produção de imagens (nos eventos, havia muita gente fotografando, além de uma exposição de fotos

⁶ Aspectos morais e éticos de uma dada cultura (GEERTZ, 2008).

e ilustrações em um deles). Levei câmera fotográfica⁷ em todos os eventos que compareci. Primeiramente, pedi autorização aos organizadores. No lançamento da *Ritulz* me responderam: “Pode fotografar, quanto mais melhor” (porque havia uma fotógrafa oficial do evento). Já no evento Suspensão na Ilha, Ralado, o organizador, disse que eu poderia registrar, mas que, antes de publicar qualquer imagem, era preciso o aval dele. Após o encontro, enviei todas as imagens e ele ficou de analisá-las para selecionar e liberar algumas para mim. E, no Encontro de Suspensão do Sul, como dito antes, a fotografia acabou sendo o meio de entrada no campo, uma vez que a organizadora permitiu minha participação apenas porque eu ajudaria na coleta do material visual. No evento de performance, também fiquei responsável por fazer e enviar os registros para os idealizadores. Cabe salientar que as fotos de todos os eventos usadas nesse trabalho foram feitas por mim, mas, por precaução, o organizador do Suspensão na Ilha preferiu colocar a marca d’água da equipe.

Muitos dos participantes do evento em Florianópolis me procuraram para pedir as fotos. Inclusive, no dia, Rafaela, namorada de um dos que se suspenderam, me disse tendo uma câmera na mão: “Que bom que tu tá aqui pra fotografar; eu não sei se vou conseguir olhar⁸”! Esse desabafo de Rafaela me fez sentir útil para meus interlocutores durante meu trabalho de campo e não só uma curiosa sobre a suspensão corporal. Como cita Milton Guran (2011):

Em muitas situações, a fotografia, embora possa parecer a princípio um fator complicador, acaba por estabelecer um elo entre pesquisador e o grupo e pode até se constituir em moeda de troca simbólica, numa espécie de dom e contra-dom que contribui para viabilizar pesquisa (TRAVASSOS, 1996 *apud* GURAN, 2011, p. 83).

A utilização das fotos no trabalho permite que o leitor visualize melhor o tema, enriquecendo a narrativa e reforçando o empenho da pesquisa, além de ter um potencial de prospecção e de explicitação de informação que lhe é próprio e exclusivo (GURAN, 2011). Minha intenção é vincular texto e imagens - preferi posicionar as fotos ao longo do capítulo a colocá-las em anexo - visando um trabalho científico, visto que as fotos,

⁷ Que me foi emprestada pelo Programa de Pós- Graduação em Antropologia da UFPEL.

⁸ O choque e a repulsa ao imaginar ganchos cravados na pele também é comum nas expressões das pessoas quando eu conto sobre meu trabalho. Igualmente faziam o questionamento “Por que eles fazem isso?”, já explorado na dissertação de Julyana Manguinho, procuram dar uma funcionalidade para a prática como se fosse necessário ela ter uma função social que corresponda a interesses como comer ou dormir (MANGUINHO, 2012). Eu, por estar familiarizada com a prática desde a graduação, não mais sinto isso. Pelo contrário, nos encontros de suspensão, acabo fazendo uma “participação observante”, torcendo por cada pessoa que “sobe”.

por si só, não são capazes de explicar toda a reflexão. Optei por colocar as fotos dos eventos em pranchas com as legendas em uma página separada com a finalidade de as imagens ajudarem a definir a corporalidade e o *ethos* do grupo adepto à prática. Há uma lógica que só a escrita pode conduzir. Assim, tratei de “fotografar para contar” (*ibidem*, 2011). As imagens integram o discurso, articulando a linguagem visual e a escrita (os resultados da pesquisa e o instrumental teórico).

Além de muitas conversas informais, outra técnica de pesquisa que utilizei, para dar conta do tema proposto, foi o da entrevista. Fiz entrevistas presenciais com três adeptos (sendo dois deles também profissionais) da suspensão em Porto Alegre, com o auxílio de um roteiro, e formulei perguntas com propósito de obter dados que servissem à investigação. Assim, apresentei as questões para os entrevistados lerem e depois comecei a conversa. Segundo Gil (1994), essa é uma forma de interação social, em que uma das partes busca coletar dados e a outra é a fonte de informação. As entrevistas foram gravadas em vídeo nos estúdios em que eles trabalham⁹ - muitas pessoas que se suspendem e com quem conversei são também profissionais de tatuagem ou *piercing*. A minha intenção era, posteriormente, produzir um vídeo da prática com os depoimentos. Essas conversas possibilitaram a obtenção de dados dos diversos aspectos da vida social e do comportamento desses adeptos.

Quando iniciei o Mestrado e defini o tema, a primeira pessoa com quem conversei foi Bárbara, uma conhecida minha de muitos anos, desde os tempos da escola primária. Para o trabalho de TCC, já havia entrado em contato com ela porque é tatuadora e *body piercer*. Naquela época, se suspender era apenas um sonho para Bárbara e, agora, já realizou duas suspensões pelas costas com os maiores profissionais da área do país. Mais uma vez, a procurei para me ajudar e, assim, comecei um pré-trabalho de campo.

Marquei com Bárbara dia 29 de setembro de 2016, às 14h, no estúdio dela, no centro de Porto Alegre. Conversamos bastante sobre o assunto. Me contou das duas experiências e de como a mãe dela a recriminou quando descobriu: “Ela me perguntava pra qual seita satânica eu entrei”. Sugeri à Babi, como costume chamá-la, de começarmos a entrevista. Passei a ela a minha folha com perguntas para que ela tivesse ideia dos meus questionamentos. Em um móvel, posicionei a câmera. Direcionei o foco

⁹ João é tatuador do *Ibrahim Tattoo* na Capital, onde o encontrei e, também, Cami. Bárbara possui seu próprio estúdio de tatuagem e *piercing*: o *Babi Tattoo e Piercing*.

para o sofá onde ambas estávamos. Acionei o “play” do aparelho e iniciamos a conversa. No decorrer do tempo, surgiam questões fora do roteiro inicial. E, Babi, entusiasmada, respondia, sempre muito receptiva. Passada uma hora, quando paramos de falar, quis desligar a câmera e, só então, percebi que já estava desligada. Por algum motivo técnico que desconheço, foram gravados apenas os 29 primeiros minutos. Julguei que tomaria muito mais o tempo dela se fosse repetir o que não foi registrado. Resolvi, então, aproveitar o que foi captado e, ainda, o que ficou na minha memória sobre suas declarações.

Cecília, minha colega da graduação e que também frequentou o mesmo colégio que eu, soube que minha nova pesquisa versava sobre suspensão corporal. Ela me passou, então, o contato de João, chamado por ela carinhosamente de “Joãozinho”, tatuador. Ele também tinha estudado na nossa escola. Eu não lembrava dele da época do ensino médio e não o procurei de imediato. Esperei para definir minha pesquisa. Meses depois, foi anunciada outra convenção de tatuagem, dessa vez no estacionamento do Barra Shopping de Porto Alegre. Entrei em contato com um dos organizadores através da própria página do evento na rede social *Facebook*. Perguntei se haveria suspensões e suas datas. Ele me respondeu que essas sessões não poderiam mais ocorrer devido proibição da Vigilância Sanitária¹⁰. Mas, insistiu para que eu fosse ao evento onde deveria procurar João no estande do *Ibrahim Tattoo*, onde trabalha como tatuador. Então, percebi que se tratava da mesma pessoa indicada por Cecília. Agradei e, embora eu tivesse intenção de ir à convenção, não pude participar. Na ocasião, eu estava em Pelotas com aulas na UFPEL. Não foi possível me deslocar a Porto Alegre e também sabia que, durante o encontro de tatuadores, João estaria sem tempo de me receber. Tempos depois, adicionei João aos meus contatos do *Facebook*. Falei para ele sobre minha pesquisa e se mostrou bastante interessado. Disposto, ficou de me avisar quando tivesse um tempo durante o período em que eu estava em Porto Alegre para que pudéssemos conversar. Achei que cairia no esquecimento e que ele não voltaria a fazer contato. Surpreendentemente, uns dias depois, ele me chamou querendo agendar um bate-papo incluindo Camila, sua namorada e companheira de suspensões.

¹⁰ De acordo com os organizadores, para que as convenções de tatuagem possam acontecer de forma segura e adequada, a Vigilância Sanitária impõe normas como a colocação de lavabos ecológicos para que os profissionais façam a higienização das mãos antes de fazer os procedimentos. O espaço deve ter infraestrutura básica como ser fechado para evitar a entrada de animais e insetos, ter banheiros, ventilação e saídas de emergência. Eu não encontrei nenhuma informação sobre a proibição de sessões de suspensão.

Marcamos o encontro no estúdio em que João trabalha. Agradei a ele por convidar sua parceira, pois, quanto mais informações e declarações, mais elementos eu teria para analisar. Cheguei ao estúdio *Ibrahim Tattoo* no horário combinado. O casal estava sentado no sofá da recepção conversando com os outros tatuadores. Eram 19h, provavelmente o horário de fechamento do local. Apresentei-me, nos cumprimentamos e João pediu ao dono do estúdio para ocuparmos o andar superior. A resposta foi positiva e subimos. Lá, expliquei o trabalho e mostrei o roteiro da entrevista. Questionei se achavam que havia algo mais a acrescentar. Cami respondeu que, por eles, era “isso mesmo”. Liguei a câmera e começamos a gravar.

Cami e João, além de serem adeptos da suspensão, também são *suspensores*, ou seja, também fazem as pessoas subirem. Deixaram uma equipe para lançar uma marca própria de roupas que pretende dar representatividade à cultura da modificação corporal de uma maneira mais profunda.

Criei também um formulário no *Google Drive*¹¹ - ferramenta de armazenamento de dados do *Google*, onde é possível fazer perguntas que são respondidas *on-line* e cujas respostas são salvas e, mais tarde, exportadas em forma de planilha do *Excel* - que enviei para grupos de modificação corporal na rede social *Facebook* para alcançar adeptos de outros estados. Obtive, assim, quatorze respostas, dentre estas as de participantes de evento de Florianópolis. Todos se mostraram dispostos, me responderam e pediram pra ver o resultado da pesquisa.

Por ocasião do trabalho final de curso da graduação, em 2014, já havia utilizado a plataforma *Google Drive*¹² para ter acesso às opiniões dos considerados adeptos de modificações tidas como “extremas” (incluindo a suspensão). O questionário foi endereçado para quarenta praticantes de vários estados, mas apenas oito responderam, sendo a maioria da cidade de São Paulo.

Para essa dissertação, reutilizei algumas dessas respostas concedidas por adeptos da suspensão para o TCC. Para que se possa diferenciar as pesquisas, os trechos estão identificados no final com nome e ano das respostas; os do trabalho da graduação estão

¹¹Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSejft4kzzwWQbdgZ5IW2S5Y8iWuwlSdoaBtngmTulgZhQav5w/viewform?c=0&w=1>

¹² Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1oH779BvwQ4EztZW128foNtYlmJtxf2CgTFicxc8lngA/viewform>;

datados de 2014, enquanto as novas entrevistas, durante o período do Mestrado, foram feitas em 2016 e 2017.

Cabe salientar que, como fui autorizada, utilizei os nomes verdadeiros dos interlocutores, tanto dos entrevistados pessoalmente, como nas conversas informais e questionários *online* sem substituí-los por identidades fictícias. De forma geral, os membros dessa comunidade tendem a se orgulhar de suas práticas e suas marcas achando desnecessário que seus nomes sejam alterados.

A internet tornou-se algo familiar para um extrato da população e facilitou o contato com o público que é de fora de Porto Alegre, já que ela propicia a comunicação em escala mundial. Através dela, qualquer indivíduo pode partilhar informações em frações de segundo e sob diversas formas.

Manuel Castells, importante na discussão da análise sociológica das transformações produzidas pela internet, afirma que, via rede, a comunicação é mais intensa e transparente, o que permite a diversidade cultural. Os usuários se relacionam *online* e se conectam em portais de interesse comum. (CASTELLS, 2003).

Nasce uma sociedade em rede com a intenção de circular informação e que muda as relações sociais, econômicas e culturais (*Ibidem*, 2003). Assim, o ciberespaço é um local onde a pesquisa antropológica é possível e legítima (RIFIOTIS, 2016), ou seja, o ciberespaço também é um campo etnográfico. Com o auxílio da tecnologia, a etnografia virtual torna-se um método importante.

O computador/Internet faz parte de um conjunto de meios de comunicação embasados pela tecnologia digital – mídia digital. Com esse novo suporte (diferente do impresso e do eletrônico) é possível transmitir a informação sem distinção (imagem, vídeo, voz e dados) na forma de *bits* e *bytes*. Nas últimas duas décadas, a expansão da rede superou a de qualquer outro invento do ser humano comparando a quantidade de indivíduos que a utilizam e quanto tempo levou para atingir esse patamar). Atualmente, o número de *sites* publicados na Internet chega a cifra dos milhões (DORNELLES, 2004, p. 245).

Vem crescendo a quantidade de pesquisas que fazem de objetos virtuais, ou da relação com estes, seu tema. Dessa forma, Adriana Dias (2007) propõe uma metodologia com base na observação participante de Malinowski:

Neste novo desafio metodológico e conceitual, um novo campo se apresenta à etnografia: as ilhas digitais, dos cibermares. Como pensar o método de Bronislaw Malinowski, teorizado por ele no formato de “observação participante”, para este novo objeto? Malinowski advoga que é tarefa do etnógrafo “a integração de todos os detalhes observados, bem como a síntese sociológica dos diversos indícios importantes (MALINOWSKI, 1922, p. 72), pois o nativo, imerso em suas experiências pessoais, não seria capaz de dar conta de descrever esta totalidade (...) Etnografar no virtual é observar uma

densa interconexão simbólica, e para tanto é preciso problematizar a tradição etnográfica fundamentada no trabalho de campo que se ergue fundamentada sobre o vínculo entre povo e lugar, nos moldes do funcionalismo malinowskiano: o desafio dos sites explicita, ainda, a necessidade de observar conexões, paralelismos e contrastes aparente incomensuráveis (DIAS, 2007, p. 65).

Segundo ela, era preciso pensar uma metodologia que se adaptasse à “elasticidade” dos links e para as conexões que eles revelavam. Aproveitando essa facilidade, além de pesquisa na literatura antropológica disponível, fiz bastante uso de fontes secundárias como *blogs* e, certamente, o site *frrrkguys* – o principal portal brasileiro de modificação corporal, que recentemente divulgou o Primeiro Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017¹³ no qual foram questionadas 88 pessoas e apresentou dados bastante interessantes. Também por ter, nos meus contatos das redes sociais, a maioria dos meus interlocutores, tive acesso às suas opiniões sobre o tema e, especialmente, pesquisei no mais conhecido *site* destinado a esse público: o BME (*Body Modification Ezine*), canadense, criado em 1994 por Shannon Larratt - artista, empresário e adepto de modificações corporais. É uma referência para todas as pessoas interessadas nesta área. Com a finalidade de construir uma “comunidade”, através do portal pode-se ter acesso a fotos (para ver as mais extremas é necessária uma senha), entrevistas, depoimentos, novidades, *chats*, endereços de lojas, estúdios e clínicas relacionadas às modificações corporais.

A partir dos avanços tecnológicos e da difusão da informática, tornam-se possíveis essas redes virtuais; surge, então, uma Cibercultura, ou seja: a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais (LEMOS, 2003). Nada mais justo que a Antropologia estude-a. Podemos entendê-la com a seguinte definição:

A forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (LEMOS, 2003, p. 12).

Assim, a Antropologia está aberta à ideia de que a ciência e a tecnologia são campos cruciais para a criação da cultura no mundo contemporâneo. Também os antropólogos pesquisam esse mundo para que se renovem as políticas de diversidade cultura (ESCOBAR, 2016).

Nessa era, surgem também novas normas que se reciclam juntamente com a cultura, a informação computadorizada e as biotecnologias estão produzindo

¹³ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

transformações na sociedade moderna. O corpo, constructo social, sofre mudanças com as novas informações. Os elementos não cabem mais nas categorias sociais anteriormente estabelecidas, estão sempre em transformação. O corpo da Cibercultura é transmutado e adaptado às técnicas e máquinas que o auxiliam. Os entes que povoam o mundo tornam-se então “ciborgues” (HARAWAY, 2009). Donna Haraway (2009) diz que esses têm a capacidade de ubiquidade, de estar em tudo e em todos, uma transgressão das fronteiras. Segundo a autora, somos todos híbridos teóricos e fabricados de máquina e organismo, somos todos imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade matéria – centros que conjugados estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Esta perspectiva converge com o entendimento de Lemos, para quem:

Na Cibercultura, entramos na fase de colonização interna do corpo com próteses e nano máquinas, correlata à explosão de transformações subjetivas através dos atuais *piercings*, *tattoos*, ou formas extremas de androgenia (LEMOS, 2003, p.7).

Nota-se que, ao passo que a cultura se modifica, o corpo caminha junto com ela, torna-se maleável, flexível e sujeito à vontade do indivíduo. A dominação do homem sobre si próprio, graças ao progresso da ciência, faz com que surjam ou se reatualizem técnicas de remodelagem do corpo como a suspensão corporal.

Segundo Lemos (2003), os artistas exploram muito bem essa reconfiguração do corpo, buscando problematizar a noção do corpo único e natural. Um exemplo é o australiano Stelarc, praticante de suspensão corporal como performance – que será analisada posteriormente. Para Stelarc, na Cibercultura, o corpo torna-se obsoleto. Assim, esse é o lema da época, mesmo que reedite a máxima separação cartesiana entre corpo e espírito (*Ibidem*, 2003).

Dito isso, definido o tema, o objeto e o método utilizado para pesquisa, apresento minha dissertação de Mestrado em três capítulos:

O primeiro contextualiza os estudos de corpo e ritual na Antropologia, fazendo uma breve análise sobre os textos de autores que tratam da influência cultural da sociedade sobre o corpo do indivíduo. Também intento esclarecer o termo *body modification*, explicar a técnica da suspensão e caracterizar o contexto em que meus interlocutores circulam. Pretendo, da mesma forma, expor uma curta história das supostas origens da suspensão corporal nos grupos tradicionais norte-americanos e em culturas asiáticas.

No segundo capítulo, abordo a experiência da etnografia em minha pesquisa propriamente dita: aponto os locais e o que foi observado em campo. Fotos auxiliam na compreensão do conteúdo.

No terceiro, reproduzo os discursos dos praticantes abordando suas percepções sobre diversos e importantes assuntos da prática. Analiso as narrativas dos adeptos sobre suas motivações, sobre quais vieses eles julgam ser possível estudar a prática e intermediar as explicações com teoria antropológica relevante ao tema.

CAPÍTULO 1 - CONSTRUINDO CORPOS E REMODELANDO RITOS: A INFLUÊNCIA CULTURAL NOS CORPOS DOS INDIVÍDUOS

La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice: El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta. (Eduardo Galeano - “Ventana sobre el cuerpo”, Las palabras andantes).

Através da história, o corpo humano não só foi objeto de exaustivos estudos, como também foi produzido. Ele é um dado da natureza, mas igualmente é significado e alterado pela cultura, uma produção discursiva que está inscrita socialmente e definida através de práticas e atos (BUTLER, 1999; FOUCAULT, 2014). Assim, como o corpo existe na totalidade de seus componentes, é necessária a sua desnaturalização para poder tomá-lo como histórico e cultural e, conseqüentemente, provisório e mutável por ser suscetível às intervenções do seu meio.

O filósofo Maurice Merleau - Ponty afirma que o corpo não é um objeto, mas sim dá condições para que todos os outros objetos existam. Segundo ele:

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 273).

Assim, o corpo evidencia a existência do sujeito no mundo, o corpo é a própria existência e cabe à vivência propiciada pelo corpo dar acesso à subjetividade. Então, só somos capazes de entender, sentir e pensar porque o nosso corpo proporciona essas experiências.

O estudo da maneira pela qual cada sociedade coage os indivíduos a usar o corpo e a se comunicar de determinada forma abre novas perspectivas para a análise da integração social. Segundo o antropólogo José Carlos Rodrigues (1975), estudar a apropriação social do corpo é importante para os cientistas sociais, uma vez que ele é o mais concreto e o primeiro patrimônio do homem. O autor afirma que, por meio da pressão exercida pela sociedade, a marca da estrutura social imprime-se sobre a própria estrutura individual, de forma a fazer do psíquico, do físico e do coletivo uma fusão que somente a abstração separaria.

Dessa forma, nessa primeira parte do capítulo, pretendo fazer um breve apanhado de como a Antropologia evidencia a construção corporal e suas práticas pela cultura.

1.1 O CORPO SOCIAL

Marcel Mauss (2003), em seu texto “As Técnicas do Corpo”, foi fundamental na análise do corpo e suas percepções na área da Etnologia. Para ele, o corpo é o mais natural e primeiro instrumento, objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Mauss percebe o corpo como educado por técnicas, como resultado de relações entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, ele afirma que há uma construção social do corpo. De acordo com o pesquisador, a cultura, através do aprendizado, é fundamental na determinação de posturas corporais.

As técnicas corporais são transmitidas através de uma tradição. Então, é por meio da educação corporal que a estrutura social é impressa nos indivíduos. Não existiriam “maneiras naturais” do corpo, mas sim formas adquiridas e transmitidas culturalmente. Diz ele:

Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 2003, p. 407).

Mas, como cada sociedade tem seus hábitos próprios, ele passa também por uma variabilidade cultural, fazendo com que haja, para cada comunidade, um corpo típico. Conforme Mauss, o estudo das técnicas corporais tem de se enquadrar no dos sistemas simbólicos. Então, os valores culturais estão refletidos no corpo, que é uma representação da construção da pessoa. Essa perspectiva de Mauss torna capaz de analisar as técnicas do corpo como fruto das estruturas de uma cultura que determina os usos do corpo.

Para exemplificar que o corpo humano é sempre uma representação da sociedade e que nele não há processo exclusivamente biológico e que não pode haver um modo natural de considerar o corpo que não implique, ao mesmo tempo, uma dimensão social, Bastide (1983) interpreta os modos de dormir, sentar e relaxar, mostrando suas variabilidades entre culturas. Ele descreve posições, por exemplo, como a de um flamingo que para em um pé só com uma perna dobrada, postura essa vista por nossa sociedade como nada confortável, mas já para outras, cujos músculos estão

acostumados e os corpos treinados, como formas de relaxamento. Percebe-se que procedimentos podem ser incorporados, nada é orgânico. As posições dos corpos são influenciadas pela cultura que impõe ritmos nos quais o corpo é moldado.

O corpo não é, então, simples suporte de identidades sociais, mas sim um instrumento, atividade que articula significações sociais, uma matriz de símbolos e objetos de pensamento. Anthony Seeger, Roberto da Matta e Eduardo Viveiros de Castro (1987) propõem repensar a Antropologia com os olhos dos índios brasileiros e não dos povos africanos ou melanésios. A originalidade das sociedades tribais brasileiras reside numa elaboração da noção de pessoa com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico. Ou seja, passa pelo corpo a compreensão da organização social e cosmologia dessas sociedades.

A noção de pessoa é uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas. Essas sociedades entendem o corpo como matriz de significados sociais e objeto de significação social. Há uma ordenação da vida social a partir de uma linguagem do corpo: os resguardos por doença, morte, as reclusões por luto – todos esses momentos acionam o corpo, segundo regras estruturais recorrentes e consistentes.

Segundo os autores, o corpo físico não é totalidade do corpo, nem o corpo é a totalidade da pessoa, há uma "pluralidade de níveis, estruturados internamente". Os corpos são pontos de convergência de dualismos como: homens/mulheres; vivos/mortos; crianças/adultos; individual/coletivo; cotidiano/cerimonial; sangue/alma. Perguntar-se sobre o lugar do corpo é iniciar uma indagação sobre as formas de construção da pessoa.

Segundo Anthony Seeger (1980), os maiores valores culturais estão introduzidos no corpo que, como já visto acima, é uma representação da construção da pessoa. Assim como os autores anteriores, ele também postula que diferentes culturas, têm diferentes técnicas do corpo e, assim, enfatizam e definem os significados dos órgãos e faculdades de formas distintas. Entre os Suya, por exemplo, a boca não é uma zona erógena, já que eles não beijam. Sempre encontraremos diferenças se compararmos as sociedades. Dentro de uma mesma comunidade, qualquer manifestação corporal de um indivíduo é significativa para seus membros e só faz sentido em relação com o conjunto de símbolos do grupo (LE BRETON, 2011).

Segundo Rodrigues (1975), a Antropologia demonstra que duas coisas podem frequentemente ser a mesma coisa e que uma coisa normalmente é duas ou mais coisas, segundo variações dos sistemas culturais. Por exemplo: o mesmo gesto pode indicar coisas diferentes e, coisas idênticas são, muitas vezes, referidas por gestos diferentes.

De fato, Clifford Geertz (2008) - que é considerado o fundador de uma das vertentes da Antropologia contemporânea, a chamada Antropologia Hermenêutica ou Interpretativa que implica em tomar a subjetividade como elemento fundamental do trabalho antropológico - defende um conceito de cultura essencialmente semiótico, uma vez que consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidas. Para este autor, o trabalho etnográfico deve partir de uma descrição densa, ou seja, as descrições culturais devem ser feitas com base nos valores culturais de determinado povo, atendendo a interpretações que fazem de suas experiências pessoais ou de um grupo particular porque são descrições de interpretações. No estudo da cultura, a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas. Não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles, começar com um conjunto de significantes e tentar enquadrá-lo de forma inteligível a uma lei ordenadora.

Portanto, as linguagens e significados são usados para definir e regulamentar ações e condutas de um determinado grupo em relação aos demais. A cultura é, então, um processo onde os grupos estabelecem modos distintos de viver, assim como diversas sociedades atribuem diferentes significados ao mesmo fenômeno. Como aponta Victor Turner:

Not is communication through symbols limited to words. Each culture, each person within it, uses the entire sensory repertoire to convey messages: manual gesticulation, facial expressions, bodily postures, rapid, heavy or light breathing, tears, at the individual level; stylized gesture, dance patterns, prescribed silences, synchronized movement such as marching (TURNER, 1992, p. 9).¹⁴

Então, sem que os indivíduos saibam, ao pensar o corpo, pensam também na sua estrutura social e, ao defendê-lo, defendem a ordem social, pois, antes de tudo, as

¹⁴ A comunicação, através de símbolos, não se limita a palavras. Cada cultura, cada pessoa com ela, usa todo o repertório sensorial para transmitir mensagens: gesticulação manual, expressões faciais, posturas corporais, respiração rápida, pesada ou leve, lágrimas, de forma individual, gestos estilizados, padrões de dança, silêncios prescritos, movimentos sincronizados. (Tradução livre minha).

categorizações dos corpos são categorizações sociais (RODRIGUES, 1975). Conforme José Carlos Rodrigues:

A linguagem que apreende o corpo é uma instituição social: uma linguagem que volta a suas fontes para aprender sua própria sociedade. A sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. As relações da sociedade com o corpo são relações da sociedade com ela mesma; são codificações lógicas tanto quanto morais (RODRIGUES, 1975, p. 137).

A sociedade exerce pressão de diversas formas para que as pessoas mantenham seus corpos dentro de um padrão. Hertz (1980), em seu texto “A Proeminência da Mão Direita”, evidencia que a predominância do uso da mão direita sobre a esquerda é um costume sobre o qual a atuação da sociedade também é bastante importante. Em sua pesquisa, ele concluiu que a prevalência absoluta da mão direita não aconteceria se não tivessem influências externas ao organismo que a fixam e a reforçam. A mão direita é imposta pela coerção, enquanto uma interdição pesa sobre a esquerda.

Também, obviamente, existem conjuntos de formações orgânicas que conduzem os indivíduos a determinadas ações, há certos comportamentos que estão presentes nos seres humanos independente da formação específica que cada um teve. Mas, a cada uma dessas atuações comportamentais biológicas, a cultura atribui uma significação especial; cada cultura, à sua maneira, exalta ou inibe esses impulsos selecionando-os. Ao realizar essa tarefa, a sociedade dita normas em relação ao corpo. Essas normas são cristalizadas por meio da educação – pela religião, pelo espaço geográfico, pela família, pela classe social - através de castigos ou recompensas, até que se conformem, assumindo assim um caráter de “natural” (RODRIGUES, 1975).

Mary Douglas (1978) segue na mesma linha e afirma que a maneira que percebemos o corpo físico é condicionada pelo corpo social. A experiência física do corpo é constantemente modificada pelas categorias sociais, então, há um contínuo intercâmbio e reforço entre os dois tipos de experiência.

As formas que o corpo adota e o cuidado que temos com ele com higiene, alimentação ou terapia, as concepções de doenças e curas, as teorias sobre suas necessidades com relação ao sono e exercícios, as diferentes etapas pelas quais ele há de passar, a dor que é capaz de resistir, sua esperança de vida, ou seja, todas as categorias culturais por meio das quais se percebe o corpo devem estar perfeitamente de acordo com as categorias por meio das quais entendemos a sociedade. Toda ação leva em si a marca de um aprendizado, desde comer à de lavar-se e, especialmente, a sexual. Em nossa sociedade de tradições judaico-cristãs, a moral orienta o uso dos corpos com

relação à sexualidade e essa moralidade se transmite mais essencialmente através de um processo de aprendizagem.

Mary Douglas (1978) identifica uma tendência inerente a expressar determinados tipos de situações por meio de um estilo corporal adequando a elas. Essa predisposição pode se qualificar de natural conforme é inconsciente e se obedece a ela em todas as culturas. Surge como resposta a uma situação social que aparece sempre revestida de uma história e uma cultura locais. A expressão tida por natural está determinada pela cultura.

Douglas entende que o corpo físico é um microcosmos da sociedade, que se enfrenta com o centro de onde emana o poder, que reduz e aumenta suas exigências em relação direta com a intensificação ou relaxamento das pressões sociais. Mas, ao mesmo tempo, o corpo físico, por virtude da norma de pureza, se conceitua como oposto do corpo social. A distância que existe entre os dois corpos corresponderá ao nível de pressão que a sociedade exerce e à coerência de suas classificações.

Então, para a antropóloga não encontraremos símbolos naturais em elementos léxicos individuais. O corpo físico pode ter um significado universal somente enquanto sistema que responde ao sistema social. O que simboliza, desde um ponto de vista natural, é a relação das partes de um organismo com ele todo. Os símbolos naturais são capazes de expressar a relação que existe entre um indivíduo e a sociedade. Os dois corpos são o Eu e a Sociedade, algumas vezes estão tão próximos que quase chegam a se fundir e outras, muito longe um do outro. A tensão que existe entre eles é o que nos permite deduzir certos significados.

Segundo Rodrigues (1975), o corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular. Assim, o comportamento individual está subordinado a códigos, na maior parte das vezes inconscientes, que impõe as maneiras de agir, sentir e pensar consideradas adequadas. E que também essas condutas, que condizem com as normas ou desviantes, expressam a natureza do sistema social. Dessa forma, podemos reconhecer no nosso corpo e no das pessoas que nos relacionamos, diversos indicadores da nossa posição social. Na mesma linha, Pierre Bourdieu afirma:

Um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais (BOURDIEU, 1995, p. 156).

Assim, tendemos a tomar como naturais os comportamentos específicos do grupo a que o sujeito pertence. Para o antropólogo Thomas Csordas (2008), a cultura tem como base existencial o corpo, este é o sujeito dela. Ele retoma as discussões de Merleau - Ponty e Bourdieu para criar o paradigma da corporeidade - um campo metodológico indeterminado, definido pela experiência perceptiva e pela forma de engajamento no mundo - de modo a colapsar as dualidades evocadas por estes dois autores. Para Merleau - Ponty, há uma dualidade sujeito-objeto; o corpo seria um contexto em relação ao mundo. Bourdieu apresenta a dualidade estrutura-prática: o corpo seria o princípio gerador e unificador de todas as práticas. Csordas relata que as duas vertentes utilizam a mesma chave teórica para resolver o dualismo: a corporeidade. O paradigma de Csordas caracteriza-se pelo colapso do binarismo desses dois autores: entre corpo e mente / sujeito e objeto.

Thomas Csordas argumenta que os conceitos de pré-objetivo e de *habitus* permitem tratar da emergência de sentido na experiência sem considerá-la como pré-cultural, por ter lugar num mundo culturalmente constituído e socialmente compartilhado. De Merleau - Ponty, vem a ideia de que os objetos culturais sofrem um processo de objetificação de percepções sensoriais que ocorrem no corpo, a percepção começa no corpo e, através de pensamento reflexivo, acaba em objetos, ou seja, “nossa percepção termina nos objetos” e começa no corpo. De Bourdieu, vem o conceito de *habitus*, enquanto mediação universalizante se investe de dupla função, na sua relação com estruturas objetivas, é o princípio gerador das práticas, na sua relação com repertório total de práticas sociais e seu unificador.

Segundo Csordas, para Merleau - Ponty, o corpo é um “contexto em relação ao mundo” e a consciência seria o corpo se projetando no mundo; já para Bourdieu, da objetificação das percepções e da produção de *habitus* viria o “corpo socialmente informado”, o “princípio gerador e unificador de todas as práticas”, e a consciência é uma forma de cálculo estratégico fundido com um sistema de potencialidades objetivas. Esse corpo socialmente informado cria modos somáticos de atenção - estar atento “com” e estar atento “ao” corpo. Csordas usa esse conceito de modos somáticos de atenção para tratar dos processos multissensoriais, através dos quais experimentamos com nossos corpos em um mundo habitado por outros. Isso permite tanto a consideração de nossas experiências num mundo cheio de sentidos, quanto a própria base para a auto-objetivação.

David Le Breton (2011) também diz que o corpo constitui a base da existência individual e coletiva, ou seja, a existência é primeiramente corporal, através dele o homem se apropria da substância de sua vida e a traduz em direção aos demais por meio dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros de sua comunidade. O corpo existe na totalidade de seus componentes graças ao efeito da educação recebida e das assimilações dos comportamentos do meio em que vive. Segundo ele, o homem não é o produto do seu corpo, ele próprio produz as características de seu corpo em interação com os outros e na sua imersão no campo simbólico.

Para Le Breton, a corporeidade se constitui socialmente; a designação do corpo, quando é possível, traduz um feito do imaginário social. Entre as sociedades, a caracterização da relação do homem com seu corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais infinitamente variáveis posto que a relação do indivíduo com o mundo não para na infância, mas sim se mantém durante toda sua vida e se modifica conforme as mudanças culturais e sociais que se impõem ao seu estilo de vida. O corpo está vivo e em movimento, há diferentes papéis que convém assumir no decorrer de sua existência e esse processo nunca termina completamente.

Diferentemente das sociedades contemporâneas que têm ênfase no individualismo, nas sociedades tradicionais, o *status* de uma pessoa era subordinado completamente ao coletivo. O corpo era integrado por uma obrigação social de práticas simbólicas cotidianas. O corpo da modernidade é o resultado do individualismo ocidental que traduz o fechamento do sujeito em si mesmo. É o elemento que marca os limites da pessoa, onde começa e acaba a presença do indivíduo. Ele é entendido, primeiramente, como o modo de vida de cada sujeito. De acordo com David Le Breton (2003), hoje a relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob o respaldo do próprio domínio. O homem e a mulher contemporâneos são convidados a construir o corpo, modelar sua aparência. O corpo é, hoje, um motivo de apresentação de si, um empreendimento a ser administrado de acordo com o interesse da pessoa e de seu sentimento de estética: “o selo do domínio é o paradigma da relação com o próprio corpo no contexto contemporâneo”. Le Breton declara:

O desinvestimento dos sistemas sociais de sentido conduz a uma centralização maior sobre si. A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais perto possível de si. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar (LE BRETON, 2003, p. 32).

Assim, cada indivíduo gostaria de ter seu próprio corpo, um corpo para si, um corpo por si. Querer um corpo seu é poder decidir um *design* pessoal. Todos gostariam, por meio da arte ou da ciência, de personalizar, não tanto a aparência por adesão à moda, mas a própria matéria do corpo (ANDRIEU, 2004). Rodrigues (1975) afirma que uma das mais notáveis características do ser humano e que também o caracteriza é a plasticidade de seu organismo, capaz de permitir as mais diversas adaptações. O corpo emagrece ou engorda, se constrói ou se destrói, seguindo o desejo do sujeito de se modificar. Em todas as culturas, se pratica a modificação corporal, a contemporânea adquire um caráter mais individualista e violento na crítica dos binômios natureza/cultura, homem / máquina.

O filósofo Bernard Andrieu (2004) defende que ter um corpo seu é uma ilusão do sujeito contemporâneo. Educado na ideologia da libertação e na pedagogia da expressividade, esse sujeito encontra, no seu corpo individual, a única instância para se identificar. O indivíduo corta a continuidade biológica para decidir sobre sua própria natureza, gênero e a qualidade de seus produtos. A cultura do corpo é a ideologia desse novo narcisismo e busca por uma identidade pessoal: estabelecer uma correspondência entre si e o corpo. A preocupação com a estética tornou-se um meio de transformar suas existências, cuidar de si e intervir sobre o próprio corpo; dessa forma o indivíduo moderno tem uma nova forma de constituição de si. Logo, o culto ao corpo não é só uma reconstrução narcísica, ele se torna o modo de subjetivação pelo qual o sujeito se coloca em sociedade.

No livro “Em nome do corpo” (1998), a antropóloga Nízia Villaça e o doutor em teoria literária Fred Góes, afirmam que pensar a corporeidade torna-se complexo para o sujeito que oscila entre ideais de máximo controle aliado à busca pela perfeição e uma estética fora dos padrões que tenta denunciar a objetivação do indivíduo. De fato, se considerarmos todas as modelações que o corpo sofre, constataremos que ele é um pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições, ou seja, formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito. Somado a isso, em definitivo, “ser um corpo” é estar marcado por particularidades como por exemplo: impressão digital, cicatrizes, DNA, que assinalam a especificidade do corpo definindo-o como único e pessoal (ROSSI, 2011).

Pensar o corpo hoje é pensar suas performances, seus limites numa visão que o contemple como um dos elementos do universo semiótico, onde se produzem as

subjetividades. Os avanços das ciências oferecem a possibilidade ao sujeito moderno de modificar o corpo, tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais da sua estrutura. Aceitar ou não seu corpo são opções do indivíduo “a partir do distanciamento obtido pela consciência de seu corpo, fruto da relação ontológica do sujeito consigo mesmo”. O corpo surge, também, como subjetividade, como carne e imagem, matéria e espírito simultaneamente (VILLAÇA, GÓES, 1998).

Segundo Thiago Soares (2015), historicamente, não existe um corpo que não tenha passado por um processo de modificação. Rasgando, perfurando, queimando a pele se imprimem cicatrizes-signos que são formas artísticas ou indicadores de rituais de *status*. As modificações corporais estiveram presentes em toda a história humana; quase todos os povos possuíam formas de adornar o corpo por motivos culturais, religiosos ou estéticos. Assim, as marcas corporais podem ser uma forma de agir, através do corpo, uma significação do eu no mundo (MANGUINHO, 2012).

Em cada sociedade, poder-se-ia fazer o inventário dessas mensagens e descobrir o código da vida social. Nenhuma prática sobre o corpo se realiza sem que se tenha como suporte um sentido genérico ou específico, não há razões para se imaginar que as pessoas se submetam a modificações a contragosto ou sem conformidade intelectual. (RODRIGUES, 1975). Relembrando Marcel Mauss, a tradição e a eficácia são fundamentais nas técnicas de corpo.

Nas sociedades contemporâneas, o sucesso das marcas corporais vem aumentando em associação com a ideia de que o corpo é maleável. O culto ao corpo ganha muita visibilidade. Proliferam academias de musculação, cirurgias estéticas, produtos cosméticos, estúdios de tatuagens e *piercings* e cresce, também, o número de registros de doenças como a anorexia e a bulimia. É perceptível o aumento de casos de manipulação corporal e até encenações mais complexas de intervenções artísticas e *body art*¹⁵ (MOREIRA; JUNIOR; CAITANO, 2010)

A busca da singularidade do corpo encontra ressonância nas práticas da *body modification*, conceito usado para definir uma longa lista de modificações corporais, irreversíveis ou não, feitas sem necessidade médica (PIRES, 2005). Essa é uma definição ampla que pensa as modificações nas mais variadas técnicas, como descrevem Nízia Villaça e Fred Góes no trecho:

¹⁵ O uso do corpo como suporte e intervenção para arte.

O conceito *body modification* traduz, a um só tempo, tanto a prática baseada na tecnologia da cirurgia plástica, quanto as técnicas do *piercing* e da tatuagem, passando pela química dos esteróides, numa alucinante mistura de técnica, arte e denúncia que desestabiliza a compreensão [...] O *body modification* problematiza as fronteiras entre feminino e o masculino, confunde as identidades étnicas e provoca verdadeiras revoluções nos conceitos de natureza e cultura (VILLAÇA, GÓES, 1998, p. 63).

No trabalho de Camilo Braz, a definição do sociólogo Mike Featherstone de *body modification* é assim apresentada:

O termo '*body modification*' se refere a uma longa lista de práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*, o *cutting*, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *body building*, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo [...] Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos (FEATHERSTONE, 1999 *apud* BRAZ, 2006, p. 25).

Porém, há uma barreira clara entre duas “vertentes” da modificação corporal, duas tendências diferentes de corporalidade, que fazem parte do mesmo processo cultural de remodelagem da imagem corporal. Beatriz Ferreira Pires (2005), em seu livro “O Corpo Como Suporte da Arte”, faz essa divisão. De um lado, temos as remodelagens que buscam o modelo de beleza “padrão” imposto pela sociedade como, por exemplo, as cirurgias estéticas e plásticas e, ainda, pessoas que se sujeitam a horas de exercícios na academia de ginástica. Essas práticas buscam aperfeiçoar características já intrínsecas do ser humano e o sucesso é marcado pela invisibilidade da cicatriz (EDMONDS, 2007).

O outro grupo é formado pelas marcas corporais e, ainda, subdivide-se em dois. O primeiro de categoria *mainstream* (corriqueira), engloba as pessoas que fazem as alterações por motivos estéticos, como a tatuagem e o *piercing* que, para não serem considerados comuns, atualmente, devem ser muito grandes, numerosos ou em locais não convencionais como, por exemplo, nos genitais. E o segundo, composto pelos os participantes do Movimento de Modificação Corporal que moldam o corpo querendo ser diferentes e que compartilham ideais concernentes à modificação corporal; eles têm mais de um tipo de intervenção, às vezes de características mais “extremas” como a escarificação, o *branding* ou a bifurcação da língua que são feitas de forma crescente e

regular. A lógica do Movimento de Modificação Corporal é a exibição deliberada das marcas e o significado está em sua visibilidade (KEMP, 2005).

Essas modificações estão saindo da marginalidade e sendo absorvidas pelas tribos urbanas (LE BRETON, 2003). Então, ao adotar o conceito *body modification* estarei fazendo referência a esse último, ou seja, ao grupo que, de fato, assume o termo como categoria.

1.2 “PEGANDO O GANCHO”

Dentro das práticas do universo da *body modification* está a suspensão corporal contemporânea, tema deste trabalho. Consiste em uma alteração corporal temporária que foca no estímulo de sensações da prática de elevação de uma pessoa, através de uma engrenagem de cordas e roldanas, utilizando ganchos de aço cirúrgico cravados em sua pele por meio de perfurações com agulhas feitas momentos antes da suspensão. Os “anzóis” podem ser aplicados em determinadas zonas do corpo para içar alguém no ar em diversas posições e deixando, posteriormente, apenas pequenas cicatrizes.

“Suspensão”, segundo o dicionário, é um substantivo feminino que refere-se à uma interrupção por um período longo ou uma pausa breve; um estado de êxtase, arrebatamento, enlevação. Assim, denota tanto uma condição quanto um processo de mudar um estado, uma reorientação física e gravitacional que potencializa as substâncias físicas e mentais, ou seja, a relação de uma pessoa com ela mesma e dela com outras e com o ambiente. Metaforicamente, a suspensão é um ato de elevação, ascensão ou evolução (MANGUINHO, 2012).

Os materiais como mosquetões, placa de ancoragem, cordas e fitas são adaptados da prática do rapel e os ganchos da pescaria, porém, hoje em dia, há ganchos fabricados propriamente para a suspensão. As agulhas são descartáveis e próprias para a aplicação de *piercings*.

A suspensão mais comum é a *suicide*¹⁶, feita com um gancho em cada lado das costas. É escolhida, normalmente, para iniciar¹⁷ na suspensão, porque o indivíduo fica mais livre para se movimentar. A apontada como a mais dolorida é a suspensão vertical por ganchos no peito, constantemente chamada de *O-Kee-Pa* pelos praticantes; entretanto, há uma apropriação cultural indevida do termo. Dentro da própria

¹⁶ Tem esse nome porque lembra a posição de um enforcamento.

¹⁷ Expressão êmica para definir a primeira suspensão da pessoa.

comunidade da modificação é consenso que essa denominação não é correta, justamente por não trazer todos os elementos do ritual indígena norte-americano tradicional (ABREU, 2013). As principais posições estão na imagem a seguir:

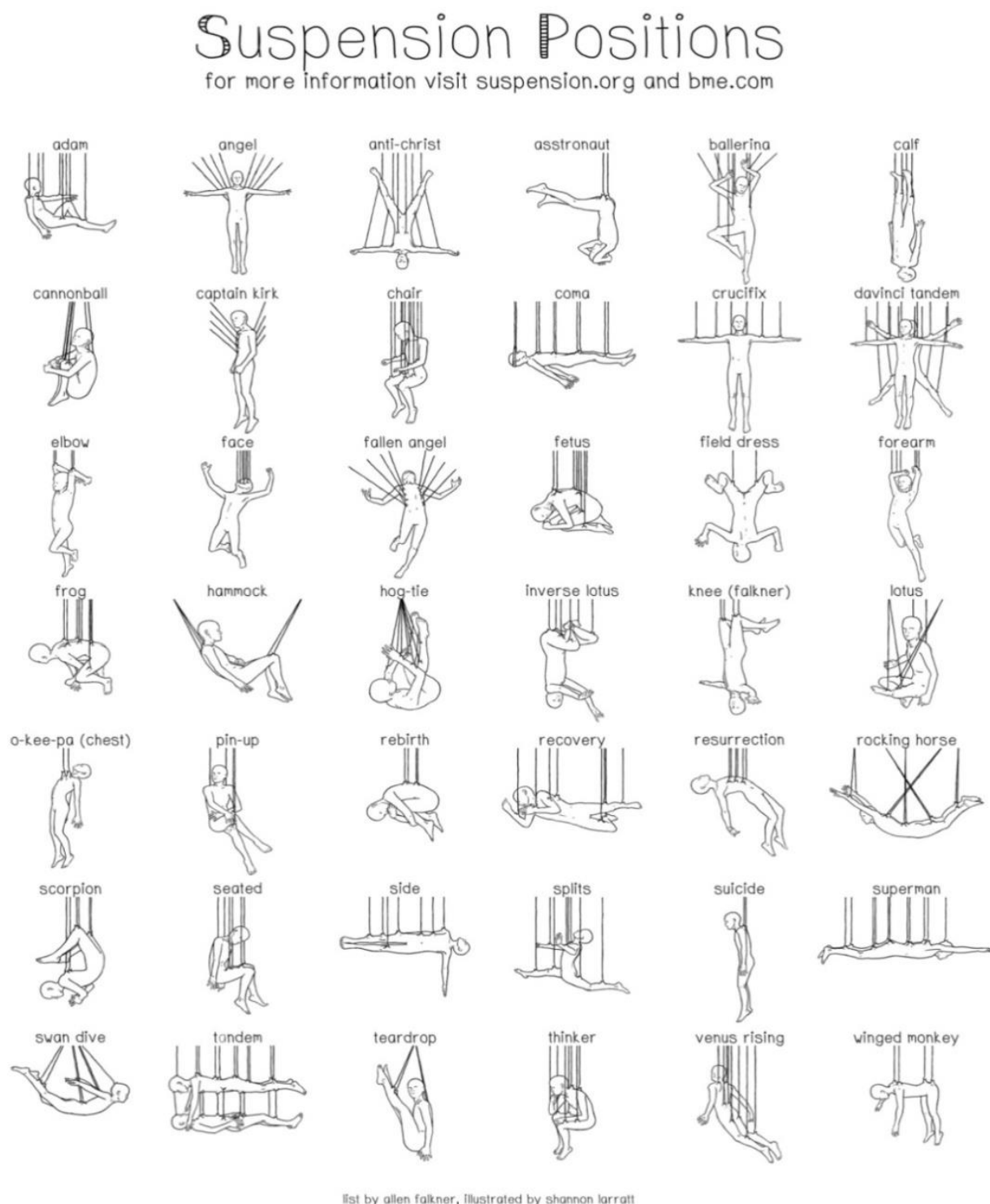


Figura 1: Quadro das posições de suspensão

Fonte: <http://www.suspension.org>

Segundo Camilo Braz (2006), uma das variações da suspensão é o *pulling*, do inglês “puxar”. É um tipo de prática onde se inserem ganchos em diversas partes do corpo e são puxados horizontalmente com uma ou mais pessoas estirando em direção oposta ou alguma coisa fazendo contrapeso. A diferença é que, nessa prática, as pessoas se mantêm com os pés no chão.

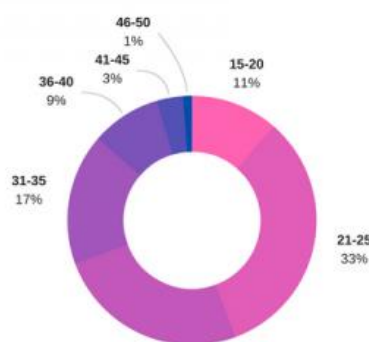
Normalmente, as suspensões são feitas por *crews* ou equipes, grupos de amigos profissionais da *body modification* que se responsabilizam por fazer os adeptos “voarem”. Em Porto Alegre, existe o Coletivo *Ritulz* e, na região metropolitana, a Corpo Suspenso e a Surreal Crew. No restante do país, existem outras famosas como a Diabos Mutantes, a Valkirias, a Uai Fly, a Mente Suspensa, a *Xtreme Suspension*, a *Independents Suspensions Brazilian Group* e a *Suspension Friends*¹⁸.

As suspensões podem ser feitas em vários locais. A maioria ocorre em lugares fechados - o que facilita as necessidades técnicas - como em casas particulares, onde as pessoas se suspendem durante uma espécie de confraternização. Os eventos podem ser privados ou públicos. Muitos preferem a prática a céu aberto, pois propicia o contato com a natureza. Normalmente, é necessário pagar pelo serviço prestado de suspensão e os valores variam conforme as posições escolhidas.

1.2.1 Caracterização dos participantes

Segundo o 1º Censo Nacional de Suspensão Corporal, que entrevistou 88 adeptos da prática, 33% das pessoas que praticam a suspensão têm entre 21 e 25 anos de idade; 25% entre 26 e 30 e 17% entre 31 e 35 anos. A grande maioria é branca, cisgênera e se divide em heterossexuais e bissexuais. Economicamente falando, predominam as classes D (35%) e C (32%). Podemos ver nos gráficos abaixo:

Qual a faixa etária:

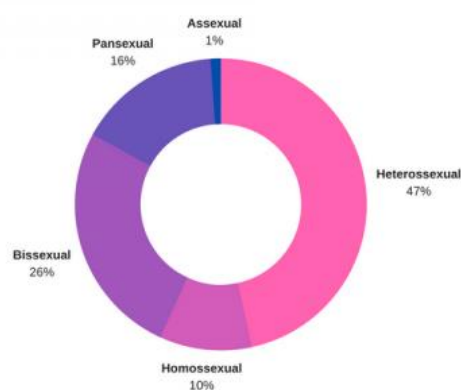


¹⁸ Optei por colocar em itálico apenas as equipes cujos nomes não pertencem ao vocabulário brasileiro.

Figura 2: Faixa etária (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Qual a sexualidade:

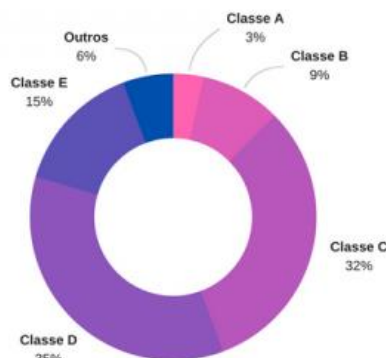


I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 3: Sexualidade (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Qual a renda familiar (Base IBGE):



I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 4: Renda Familiar (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Meu universo de pesquisa não difere muito dos dados do censo. O perfil dos interessados é bastante homogêneo. Meus interlocutores são jovens, têm de 18 a 37 anos, todos cisgêneros; a grande maioria heterossexual, branca, de classe média (baixa e alta) e uma parte considerável é vegetariana ou vegana.

A partir desse recorte social, pretendo descrever, em seguida, como esse público se relaciona ao usar seu corpo como forma de identidade social e grupal. Pois, quando falamos em corpo, obrigatoriamente também falamos de identidade, já que o primeiro se constitui como referência que ancora a identidade. O corpo parece ser, então, a referência central da identidade do sujeito, sua materialização e do que possivelmente virá a ser (LOURO, 1999; WEEKS, 1999).

Há um incômodo sentido pelo ser humano contemporâneo ligado à busca idealizada de uma identidade estável e fixa (CANTON, 2009). O sociólogo Stuart Hall (2006) questiona se é possível falar em uma identidade única. Segundo ele, as identidades pós-modernas transpassadas pela globalização - que age nas identidades nacionais, acelerando os processos globais e proporcionando a sensação das distâncias mais curtas, fazendo com que o mundo pareça menor - estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas, o que torna o conceito de identidade muito mais fluido e difícil de ser definido. Ele afirma:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2006, p. 7).

Então, esse sujeito antes vivido com uma identidade única e estável se fragmenta. Assim, ele é composto não só de uma, mas de várias identidades que, muitas vezes, podem até ser contraditórias. Segundo Hall, o sujeito assume identidades diferentes em diversos contextos, o “eu” não é coerente.

O sujeito pós moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa e essencial; ela se torna uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006). Então, somos cada um individual, mas também somos os outros, as alteridades e tudo com o que nos relacionamos (CANTON, 2009). Para Hall, as sociedades modernas são, portanto, sociedades de mudança constante, rápida e permanente; esta é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e modernas.

Mirian Goldenberg e Marcelo Ramos (2007) constatarem que, atualmente, os meios de costume de produção de identidade (como família e religião) encontram-se frágeis. Dessa forma, alguns optam por se apropriar do corpo para se expressar. Porém, a identidade depende do olhar do outro, é construída na associação com algo externo. O

culto ao corpo das sociedades ocidentais valoriza a aparência e o corpo físico assume um papel fundamental na exteriorização da subjetividade e na construção das identidades. (IRIART *et. al.*, 2009). Kênia Kemp assim se refere:

Em todos os momentos de nossas relações sociais, estamos nos posicionando em relação a situações, pessoas, objetos ou ideias. Nessa relação é que podemos nos perceber como sujeitos e tomar consciência de nossa subjetividade. Construimos e reconstruimos constantemente nossa identidade, através das ações e noções que resultam dessa interação social (KEMP, 2005, p. 31).

Nossa “sociedade visual” permite que a imagem se torne o modo em que a pessoa percebe a outra e que o corpo se molde, conforme o desejo do indivíduo (PIRES, 2005). Dessa forma, o sujeito pode ser diferente dos outros, inclusive de si mesmo, ser um corpo-imagem inconstante. Segundo Beatriz Pires, portanto:

Além disso, pertencer a uma sociedade extremamente visual – a um período histórico onde o surgimento e a renovação de novos elementos e interesses sociais são constantes e ocorrem numa velocidade que dificulta sua apreensão, onde não existe mais nexos entre passado, presente e futuro, nem a obrigatoriedade e a segurança do definitivo, onde é cada vez mais difícil a sobrevivência de características próprias, sejam elas individuais ou sociais – desperta no indivíduo o desejo de apropriar-se fisicamente dessa inconstância e de adquirir, por meio da fusão entre a ciência e a tecnologia atuais e o resgate de práticas milenares de alterações corporais desenvolvidas por outras sociedades, a opção de construir o seu corpo conforme a identidade que possui ou a identidade que deseja (PIRES, 2003, p. 77).

As modificações corporais são maneiras de construir uma relação de identidade e alteridade pelo próprio corpo. Como afirma Canton (2009), ele é nossa existência materializada. Assim, ao longo da história, em diversas culturas, o corpo tem sido modificado de maneira consistente ou com a intenção de diferenciação ou de singularização do grupo para marcar pertencimento.

Essas formas de mudança corporal são pilares da identidade pessoal e/ou grupal; se tornam meios de identificação. O corpo se transforma em um mediador simbólico entre os indivíduos.

Notei que o estilo dos frequentadores dos vários eventos era o mesmo, como se houvesse um padrão de comportamento. Todos tinham modificações corporais, estas parecem ser usadas para explicitar a identidade, o estilo de vida, ligado ao contexto urbano, e o grupo a que está inserido o sujeito. Porém, nem todos se suspendiam; a suspensão é apenas uma das práticas pela qual o grupo mostra interesse. Existe, portanto, uma distribuição e uma articulação entre espaços e práticas do universo da *body modification*.

Então, através do corpo expressamos tanto nossa identidade, quanto a identidade da comunidade a que pertencemos, como afirma Kênia Kemp:

Em decorrência, todas as nossas decisões sobre o corpo são necessariamente mediadas pelos valores sociais [...] Nosso corpo como resultado e produtor de experiências é elemento fundamental no processo de construção das identidades culturais (KEMP, 2005, p. 28).

Como já visto, o corpo humano é produzido por processos sociais e é o meio que une um sujeito com o outro, as identidades são construídas e moldadas através de uma referência corporal. Ao mesmo tempo em que o corpo é único, ele é também compartilhado, é “similar” aos demais corpos “produzidos” neste tempo e espaço e pela mesma cultura (GOELLNER, 2003). Dessa forma, ele nos identifica com alguns e nos torna diferente de outros. A identidade do sujeito é construída também da experiência com a diferença, há uma fruição inter-étnica. A identidade é uma negociação, um jogo de alteridade. Porém, há um investimento dado ao corpo que o adequa aos modos de determinado grupo e o diferencia de outros grupos.

Dentro dessa comunidade, se cria um ambiente seguro onde o indivíduo pode afirmar sua condição cultural. Afirmação essa que precisa ser reforçada através de suas atividades sociais, revestindo a vida coletiva de significados (KEMP, 2005). O grupo de modificados tem um *ethos*. Geertz (2008) define o *ethos* de um povo como o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. Gregory Bateson (2008) também define o termo:

O sistema de atitudes emocionais que determina qual valor uma comunidade atribuirá às várias satisfações ou insatisfações que os contextos da vida podem oferecer; ele pode ser satisfatoriamente encarado como o “sistema culturalmente regulado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos (BATESON, 2008 p.261).

Há, então, uma “comunidade *mod*¹⁹” – cujo elemento central é o próprio corpo e também o meio para um laço social - à qual pertencem os praticantes de modificações (LÍRIO, 2007). O corpo é, simultaneamente, objeto de intervenção, de identidade e de uma cultura.

Essa comunidade tem origem, segundo Le Breton (2003), com o movimento *punk*, onde o ódio à sociedade britânica transforma-se em ódio ao próprio corpo, alvo de perfurações e marcas, servindo de prova radical da revolta de determinada juventude, e também com os primitivos modernos.

¹⁹ Abreviatura para modificada/o.

Conforme a literatura utilizada, os primitivos modernos ou *modern primitives* são os que optam por intervir no corpo de maneira considerada mais “extrema”. Termo descrito por Le Breton (2003) como: “Todas as pessoas não tribais que reagem a uma urgência primal e que fazem alguma coisa com seu corpo” e criado por Fakir Musafar, o fundador desse movimento, em 1967, e que define o estilo de vida desse grupo. Musafar testou, em si, várias intervenções corporais e ficou conhecido como pai das modificações contemporâneas e propositor do movimento da *body modification*.

Os pertencentes a essa corrente ganham a nomenclatura por resgatar as técnicas de marcação do corpo das sociedades tradicionais e adaptá-las para a atualidade. Como afirma T. Angel, criador do site *frrrkguys.com.br*:

A modificação corporal é um legado social, cultural, político, artístico, logo, histórico da humanidade. Um patrimônio efêmero, um legado precioso e sagrado [...] Buscamos compreender e se fazer compreender as modificações corporais reconhecendo as nossas especificidades tupiniquins e latinas. Temos uma vivência rica e complexa que não pode e não deve ser pormenorizada. A nossa história com as modificações corporais é anterior à colonização. A colonização foi responsável pelo extermínio de parte dessa história. A colonização não acabou ainda (T. Angel, 2015).²⁰

Os *modern primitives* são sujeitos ativos na criação e transformação de seus corpos, dispostos a encontrar novos sentidos para sua corporeidade, reformular os valores de beleza, identidade e dor. Para esses, as modificações são feitas de forma contínua e, quanto mais extrema for, mais alto é o limite superado. O desejo de ultrapassar barreiras como forma de afirmar e fortalecer o caráter é constante em suas intervenções. Kênia Kemp explica:

Os ‘primitivos modernos’ se apropriam dos rituais de modificação corporal a partir do referencial individualista de propriedade sobre um corpo que é único, insubstituível, passível, portanto, de interferências ditadas pela vontade pessoal. (KEMP, 2005, p. 62)

Segundo Lírío (2007), o movimento é um discurso contrário à alienação, à reificação e à massificação típicas da modernidade; em favor da espiritualidade, da transcendência e da espontaneidade; simultaneamente à manutenção de valores modernos como a individualidade, a posse do próprio corpo e o entretenimento, além de competitividade, singularidade, beleza, a dor e, principalmente, a liberdade.

Trata-se de uma subcultura, que se utiliza do seu próprio corpo como ferramenta política. Em Porto Alegre, onde moro, também são notáveis essas comunidades. O grupo frequenta os mesmos lugares: os mesmos bares, festas, *shows* de *rock* e *rap*,

²⁰ Manifesto Freak. Disponível em: <https://xtangelx.wordpress.com/2015/12/28/manifesto-freak/>

restaurantes veganos e vegetarianos, convenções de tatuagens e *piercings*. Segundo Vítor Sérgio Ferreira:

Essas técnicas corporais encontram-se frequentemente ancoradas a culturas de dissidência, ancoradas em espaços de sociabilidade juvenil vulgarmente designados como «subculturas» ou «tribos urbanas», que encontram nas margens das vivências juvenis quotidianas novos espaços para protagonizar (FERREIRA, 2008, p. 158).

Os praticantes são jovens dos segmentos médios urbanos que buscam a valorização da aparência. Há também um visual próprio dos participantes desse circuito, uma estética que se reflete tanto nas vestimentas, quanto nos adornos corporais. Existe um conjunto de atividades e comportamentos que formam um âmbito delimitado, uma dinâmica dessa “tribo” na cidade – que não integra o indivíduo na sociedade mais ampla, ao integrá-lo em uma tribo que contesta as normas, o diferencia da sociedade total - porém não significa que todos estejam “nivelados”. Define Lírio:

De forma geral, podemos dizer que a possibilidade de pertencer a uma comunidade ou de reconhecer-se frente a outros praticantes permite uma identidade no grupo. Identidade significa que é reconhecido como parte e compartilha referenciais e, principalmente, experiências corporais comuns; simultaneamente, a identidade implica a constituição de uma forma singular, um estilo próprio, à medida em que cada um poderá experimentar essa prática de forma singular, adquirir um lugar, uma personalidade nesse grupo (LÍRIO, 2010b, p. 2).

O circuito dos adeptos das modificações corporais pode ser descrito como reconhece José Guilherme Magnani:

Trata-se, enfim, de um fenômeno de proporções, consolidado na cidade, que mobiliza recursos, envolve pessoas, modifica comportamentos, inventa ritos e propõe novas modalidades de uso do tempo livre. Diversificado, apresenta uma série de nuances que impedem que seja tomado como um bloco, sob pena de colocar num mesmo caldeirão realidades bastante diversas (MAGNANI, 1999, p. 12).

Neste trabalho, torna-se importante abordar as subjetividades na pós-modernidade, como o faz Magnani (2002) que apresenta alternativas para estudar o espaço urbano. A proposta do autor é um olhar “de perto e de dentro”, ou seja, uma “etnografia na cidade e não da cidade”. Retorna à importância da etnografia para a possibilidade de romper com o antagonismo entre o indivíduo e as megaestruturas urbanas, de modo a resgatar uma série de práticas que não são visíveis ao ser trabalhado apenas o olhar de fora e de longe - este não pode ser descartado, ao contrário, ele permite ampliar o horizonte de análise, bem como complementar seu argumento.

A prática proposta por Magnani procura considerar para além de este olhar a possibilidade de escolha dos indivíduos com relação à maneira como se organizam em

sociedade. O autor ressalta o cuidado de não tornar essas questões particulares, buscando mapear os diferentes segmentos sociais, tendo em vista a existência de planos intermediários onde se podem identificar padrões e regularidades.

Percebi, então, que há um “estilo de vida” comum, com base de sustentação, nos circuitos e trajetos que se recortam na paisagem da cidade (MAGNANI, 1999), mas não há uma heterogeneidade de práticas. A suspensão parece, assim, um passo a ser atingido mais adiante pelos portadores do universo de modificações. O corpo vai sendo testado aos poucos, são degraus a serem galgados, ou seja, quem se interessa pela suspensão, normalmente, já se aventurou em muitas tatuagens e *piercings* anteriormente. Por ser uma prática que nem todos têm coragem de fazer; pessoas ligadas às modificações corporais, que já testaram seus corpos com outras técnicas, têm menos medo. O que não impede que indivíduos que não possuem modificações tenham vontade de passar por essa experiência, mas não foi o que observei em campo. Como assegura Lírío:

Os interessados pelos relatos [de suspensão corporal] são normalmente adeptos de algum tipo de modificação corporal. Ao entrarem em contato com o material compartilhado, poderão sentir curiosidade e interesse em também se suspender, poderão imaginar as sensações com base em suas próprias experiências com modificação, o quão resistentes seriam a essa prática, a possibilidade de “voar”, qual modalidade escolheriam etc. (LÍRIO, 2008, p. 66).

Os praticantes de suspensão de todo país criam redes e normalmente se conhecem, se não ao vivo, virtualmente. Por fazer contato, nos eventos de suspensão, com muitos adeptos, fui adicionada a círculos de amizade em redes sociais por pensarem que eu também me suspendia. A partir do relato, no *Facebook*, de uma profissional e adepta percebemos como se relacionam:

Uma pequena reflexão... é incrível o poder que a suspensão tem de criar intimidade e laços entre as pessoas... às vezes, sinto uma falta grande de umx amigx dos jogos²¹, saudade... uma vontade de abraçar e ta junto, aí eu paro e reparo “nossa, eu vi essa pessoa umas duas ou três vezes”, só que a vibe é tão intensa, a cumplicidade é tanta que parece que somos grandes amigos há anos! Um de cada lado do Brasil e a vontade de ta junto é imensa, essa é a mágica do rolê, por isso agito os encontros! Quero só lembranças boas dessa caminhada que só tá começando e já tá maravilhosamente linda, nada vai me desanimar (Karine, 2017).

Durante as altas intensidades de estímulos e o apoio durante um momento doloroso, a sensação de conhecer o sentimento pelo qual passa o suspenso acaba criando fortes vínculos entre os praticantes. Não está no foco só a prática, mas o todo, as

²¹ As jornadas de suspensão, às vezes, são referidas pelos praticantes como “jogos”. Não são raras as expectativas nas redes sociais acompanhadas de frases como: “Que os jogos comecem!”.

relações com os *suspenders* e com as pessoas à volta. Assim, nota-se que o que une os suspensos de todo país não é o contato frequente presencial, mas sim a identificação do mesmo estilo de vida, ou seja, aspectos comportamentais que usam o corpo e as marcas corporais como forma de se expressar. Há, então, nessas práticas uma busca por singularidade de um corpo cuja forma o indivíduo deve completar com seu próprio estilo (LE BRETON, 2004) e, ao mesmo tempo, por pertença.

A maior parte dos profissionais do ramo da *body modification* também se conhece e se relaciona. Inclusive, as equipes de suspensão costumam fazer eventos em parceria. A maioria de meus interlocutores trabalha no próprio ramo da *body modification*, como tatuadores ou *body piercers*, como constata também o censo brasileiro de suspensão:

A grande maioria dessas pessoas atua como profissional da tatuagem e *body piercer*. No entanto, existem biólogas, redatoras, designers, artistas visuais, mecânicos, fotógrafos e pessoas com variadas profissões que também fazem suspensão corporal (1º Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017).

Assim, caracterizei o público que pesquisei, para que o leitor possa ter noção do que trata a prática e quem são seus adeptos. Agora, para que se entenda melhor a técnica da suspensão contemporânea é importante fazer um apanhado de suas conhecidas origens.

Saliento que, nas pesquisas que fiz sobre a suposta origem da suspensão corporal, um discurso aparece como hegemônico. Os textos, produzidos pelos assim chamados pesquisadores êmicos da suspensão, parecem resgatar o próprio discurso de Fakir Musafar que reatualiza a prática a partir de um ritual de indígenas norte-americanos. Daniel Lírio, o mais conhecido dos pesquisadores sobre o assunto, traz esse discurso como pressuposto, sem problematizar o mesmo e as origens da técnica.

Alguns antecedentes da prática hoje conhecida como suspensão corporal podem ser encontrados entre os Sadhus, na Índia, e entre as tribos Sioux e Mandans, nos Estados Unidos. Uma cerimônia típica dos Mandans é a dança do sol (Sun dance). Na versão descrita por Musafar na revista RE/Search (1989), ganchos ou garras de águias eram prendidos por corda a uma árvore sagrada para serem cravados na pele de um índio, que juraria dançar até conseguir que os ganchos extirpassem sua pele, ficando, então, livre (LÍRIO, 2010, p. 28-29).

Não se sabe ao certo se somente esses grupos indígenas praticavam a suspensão, mas temos apenas registros do grupo que Musafar escolheu reatualizar e que se transformou em uma narrativa comum sobre a suspensão, num processo de invenção

de uma tradição. O historiador Eric Hobsbawn, ao analisar “a invenção das tradições”, define:

Um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSEBAWN; RANGER, 1984, p. 10).

Segundo Gérard Lenclud (2013), as tradições são pensadas como algo que mantém uma permanência do passado ao presente, conservando-se no tempo, sendo portadora de uma mensagem cultural. Essa noção, segundo Maria Eunice Maciel (2002) poderia ser criticada, argumentando-se que o seu uso no presente não é o mesmo que no passado, que as manifestações ditas “tradicionais” também não têm uma história de mudança e variações e, se elas se mantêm, não é da mesma forma e seu sentido é outro. Assim, vejo a suspensão atual ressignificada através de processos sociais.

Segundo Julyana Manguinho (2012), que fez sua dissertação sobre a *body modification*, há uma busca por legitimação da suspensão relacionando-a com outros grupos e referenciais para dar a entender que a suspensão não nasceu da cultura urbana, que não seria “coisa de louco”, já que outros grupos tradicionais também o faziam. E, ao realizar tal comparação, se ameniza o estranhamento da prática pelos olhos dos leigos. Parece, então, haver uma postura ambivalente no grupo, já que possuem um caráter dissidente, porém querem se enquadrar socialmente.

A seguir, tratarei de expor alguns registros da suspensão corporal em sociedades anteriores à atual e em festivais da Ásia contemporânea com o objetivo principal de diferenciá-los da técnica hoje resgatada pela comunidade da *body modification*. Porém, antes disso, é necessário um breve estudo sobre a teoria antropológica a cerca dos rituais, visto que, a suspensão, nessas sociedades, é parte de um conjunto de práticas consagradas por tradições de diferentes grupos, assim, o corpo estava tanto imerso na cultura como na ritualidade.

1.3 ESTUDO DOS RITUAIS

Para Durkheim (1978), a sociedade é um todo que nos antecede. Ele entende que os rituais nascem nos grupos e suas funções são fazer emergir, manter ou reciclar ideias relacionadas à religião dos próprios grupos. Ou seja, criam um conjunto de valores que, sendo socialmente partilhados, assumem uma conotação religiosa, sendo que religião, para o sociólogo, não diz respeito necessariamente ao sobrenatural, mas sim à sociedade

(PEIRANO, 2003). Assim, a religião, segundo ele, é a expressão da solidariedade social e da crença coletiva. Sozinhos, os indivíduos não são nada e só alcançam sua significação como membros de um grupo social.

Arnold Van Gennep foi um dos principais autores a se dedicar ao estudo do ritual em si, ou seja: algo que marcava uma mudança na vida de um indivíduo (inserido em um grupo social) e não mais da religião. Pretendia classificar os rituais de acordo com o papel que desempenhavam na sociedade e suas partes constitutivas e universais: 1) separação das condições sociais prévias; 2) estágio liminar de transição; 3) incorporação à nova condição ou retorno à inicial (PEIRANO, 2003).

Georges Lapassade (1990) descreve os estados propostos por Arnold Van Gennep (2008), os ritos de passagem que acompanham as transições - as passagens de época, dos anos da vida comportam três momentos: o da *separação*, quando abandonamos, por iniciação tribal, a família, ou quando deixamos provisoriamente o mundo profano para entrar na esfera do sagrado por ocasião de um ritual; o da *margem*, ou fase liminar que é o tempo de latência e de maturação, de transformação preparando a aquisição de um novo *status*, ou a chegada da nova temporada; e o da *agregação*, um termo que, na linguagem de Van Gennep, designa a volta à vida social normal, seja a afiliação a um novo grupo ou um novo *status* em um outro nível da sociedade. Os trechos abaixo também definem os estados, para Victor Turner:

A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um 'estado') ou ainda de ambos. Durante o período 'limiar' intermédio, as características do sujeito ritual ('o transitante') são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consoma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez e, em virtude disto, tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e 'estrutural', esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições (TURNER, 1974, p. 116-117).

Segundo Patrícia Dias:

Os ritos remetem ao ato de atravessar fronteiras, seja de um lugar para o outro, ou atravessar fases da vida social, da infância para a adolescência ou da vida de solteiro para a vida de casado, o que obriga o indivíduo a vivenciar um período entre dois mundos – o mundo do profano e o mundo do sagrado. A fase de estar entre um mundo e outro é chamada, por Gennep (1978), de período de margem. Passar de uma fase a outra significa despojar do homem velho e, literalmente, adquirir uma pele nova (DIAS, 2010, p. 79).

Para Lapassade (1990), se as mudanças, no decorrer da existência, podem ser espontaneamente acompanhadas de transe, os ritos que comportam transe voluntariamente induzidos podem também facilitar essas transições. A estrutura da passagem ritualizada caracteriza notadamente certas práticas religiosas e, às vezes, profanas, implicando em transe.

É quase evidente, a princípio, pelos ritos de iniciação, que se trata de iniciação tribal – considerando o conjunto de uma faixa etária – ou de iniciação religiosa. Entre os rituais da segunda categoria, é necessário contar os que consagram o acesso do noviço a determinadas funções que comportam os transe. Esse acesso pode se dar a partir de uma escolha pessoal ou de uma decisão coletiva: o candidato à iniciação deve, então, fazer o aprendizado de transe ritual.

O médium ou o xãma deixa por um tempo o mundo comum para entrar num estado de visão, de possessão mediúnica ou de inspiração que vai colocá-los em ligação com o mundo sobrenatural. Voltando em seguida para junto dos homens, ele trará as mensagens dos deuses. Enfim, toda liturgia consagrada à celebração de entidades sobrenaturais constitui ela também um rito de passagem: deixamos por um tempo o mundo profano abordando os ritos de separação, vivemos por um tempo no mundo do sagrado – os ritos específicos podem marcar a entrada nesse mundo – que deixaremos quando for o momento, finalmente, para retornar ao mundo comum. Essa celebração litúrgica dá sentido e legitima o conjunto de rituais acompanhados de transe: ela é seu horizonte ao mesmo tempo que sua base.

Descrita por Van Gennep, a passagem ritualizada corresponde exatamente àquela dos EMC (Estados Modificados de Consciência); deixamos por um tempo o mundo comum para entrar no do transe graças a uma ruptura com o estado anterior. O novo estado que é, diria Van Gennep, um estado limiar, se instala então, mas ele é sempre transitório. Ao cabo de algum tempo, graças a uma nova desestabilização, o estado comum de consciência retoma, é o fim do transe, com a volta à realidade normal.

Victor Turner (2008), referência nos estudos sobre os rituais, deu continuidade às análises de Van Gennep. Estudou os Ndembu e percebeu que, entre eles, os conflitos eram uma ocorrência comum e pública de tensão, que aconteciam em fases anarmônicas do processo social. Aponta-nos, então, uma sociedade que se estrutura com base no conflito. Para Turner, é a partir do conceito de “drama social” - processos de ruptura,

crise, reparação e reintegração - que os conflitos podem ser analisados. Assim se, para Van Gennep, o rito se dividia em três momentos, para Turner, ele pressupõe quatro etapas: ruptura, crise e intensificação da crise, ação reparadora e desfecho. O excerto de Rubens Silva explica:

Como esclarece Jonh Dawsey (1999, f. 18, grifo do autor), a primeira etapa (separação) define-se pela ‘quebra’ de algum relacionamento considerado crucial por parte do grupo social significativo”; a segunda (intensificação da crise) aponta para a “clivagem social”; a terceira (ação remediadora) consiste na tentativa de “reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos”; e, finalmente, a quarta etapa caracteriza-se pela “reintegração do grupo social ‘ofendido’ ou reconhecimento social de cisão irreparável” (SILVA, 2005, p. 36-37).

Para compreender esses conflitos, o autor opta pelo estudo dos rituais que são fixos e rotineiros, além de serem extremamente relevantes para os nativos. Os rituais aparecem como forma de resolução para tais conflitos e diminuição das rivalidades. Os elementos rituais servem como processos de “negociação” desses dramas que se instauram.

Para Turner, durante a etapa de correção do drama – quando a unidade social está em sua fase autoconsciente -, ocorre o período da liminaridade. Essa noção, oriunda de Van Gennep, acontece na fase intermediária dos ritos de passagem e caracteriza mudanças no *status* social de um grupo ou de um indivíduo. Segundo Arnold Van Gennep:

Para los grupos, como para los individuos, vivir es un incesante disgregarse y reconstituirse, cambiar de estado y de forma, morir y renacer (VAN GENNEP, 2008, p. 261) ²²

É, então, um estágio ritual que torna possível, momentaneamente, um posicionamento fora das hierarquias, das classes e da ordem social. Um período à margem, como um estado não estruturado, porém situado entre dois estados estruturais. Ou seja, seria um momento onde não se é mais o que se era e não se é ainda o que se será. O neófito é despido de sua identidade, está “em suspenso” (*between and betwixt*), é nada no grupo, não tem significado nem função social. A liminaridade implica que o alto não poderia existir sem que o baixo também existisse e quem está no alto deve,

²² Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. (VAN GENNEP, 2008. Tradução minha)

primeiramente, experimentar como é estar em baixo e só pode experimentar isso nos ritos de passagem.

Ao longo do período de liminaridade e todas as suas características de abolição das estruturas hierárquicas, observa-se um estado de solidariedade entre aqueles que passam juntos por esta situação. O autor aponta para o surgimento do estado de *communitas*, entre aqueles “ninguéns”, isto é, uma “comunidade” de indivíduos iguais com sentimento de passividade e submissão ao grande grupo. Então, é na fase liminar dos ritos de passagem que a *communitas* é engendrada. Essa está no âmbito da consciência que age de forma coletiva, é a sociedade em comunhão de indivíduos iguais, em comunidade e não estruturada.

Turner percebe que o conflito é estruturante e faz parte da relação como modo de resolução e transformação dentro da dinâmica. Segundo ele, assim é possível perceber as mudanças das sociedades. Estrutura faz parte da constituição formal, corresponde ao cumprimento de obrigações e leis, de direitos. *Communitas* é uma brecha da estrutura e seria, ela própria, a representação da antiestrutura, pois no momento em que a *communitas* é estruturada, ela deixa de ser, ou precisa, ser recriada. Rubens Alves Silva resume:

Esse autor parece sugerir que, no processo da vida social, os dramas emergem demarcando a relação dialética entre ‘estrutura’ (que representa a realidade cotidiana) e antiestrutura (momentos extraordinários, definidos pelos ‘dramas sociais’). Nessa dialética social, o que evidenciou Turner é que em um determinado momento a estrutura institui a antiestrutura, de modo a produzir um efeito de distanciamento reflexivo sobre si mesma; em um segundo momento, a ‘antiestrutura’ tende a contribuir para revitalização da própria estrutura social (SILVA, 2005, p. 37).

Quando o ritual é concluído, o indivíduo é um novo ser, abrindo uma nova etapa de vida; há, finalmente, a reintegração do sujeito no coletivo, consumando assim a passagem e a aquisição de um novo *status*. O rito caracteriza uma mudança de significado social do indivíduo, em qualquer segmento da estrutura social. Portanto, a ação ritual ocasiona verdadeiras transformações de caráter e de relacionamento sociais, onde o comportamento simbólico cria a sociedade.

Como se percebe, para Turner, os ritos de passagem representam um deslocamento de fronteiras, há diferentes estados como algo que se estende além do *status* e posição social, englobando também estados mentais, culturais e sentimentais.

Para Turner, há possibilidade de existir “valor ritual”, reconhecendo o conceito de Radcliffe-Brown (1973), defensor do estudo da estrutura social, que o utiliza para

chegar aos valores que determinam as relações sociais. Dessa forma, segundo Radcliffe-Brown, os rituais e mitos também se tornariam valores:

Quando duas ou mais pessoas têm um interesse comum em certo objeto, pode-se dizer que este objeto tem um valor social para as pessoas assim associadas. O estudo dos valores sociais neste sentido é, pois, parte do estudo da estrutura social (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 245-246).

De acordo com o autor, para compreender um ritual, é necessário saber seu significado, ou seja, os sentimentos que ele expressa na vida dos nativos, para assim poder identificar sua função social e sua contribuição a todo sistema. A expressão “valor ritual” indica que um símbolo recorrente em um ciclo de rituais tem grande chance de manter o mesmo significado em todos. Então, o estrutural funcionalismo pretende derivar o ritual da estrutura social como sistema concreto de inter-relações pessoais e atribui a ele uma função de reforço de sentimentos comuns. Já Turner pretende ver, no ritual, uma expressão direta dos sentimentos (GOLDMAN *apud* RODOLPHO 2004). Ele tinha preocupação em estudar a multiplicidade de significados e a polissemia dos símbolos nos rituais.

Segundo Andràs Zempléni (*apud* RODOLPHO, 2004), através dos ritos de passagem, os ritos de iniciação marcam a transição de um *status* social para outro. Porém, mais do que transição, a iniciação é um rito de formação, que diferencia os participantes dos não iniciados. As iniciações podem contar, e normalmente contam, com ritos de inscrição nos corpos dos neófitos com marcas e signos visíveis da transformação de nova identidade.

Pierre Clastres (1990) percebe como é grande o número de sociedades tradicionais que acreditam que o ingresso dos jovens na idade adulta deve ser feito através de ritos de passagem. Esses rituais de iniciação, muitas vezes, ordenam a vida social da comunidade. De acordo com o antropólogo, a sociedade designa o corpo como único local propício a conter o traço de uma passagem ou a determinação de um destino. O corpo mediatiza a aquisição de um saber do grupo e esse saber é inscrito nele. Como sustenta Adriane Rodolpho:

É por isso que a iniciação pressupõe um antagonismo entre os grupos ‘de fora’ e os ‘de dentro’: a lógica da iniciação, autorreferenciada, cria uma linguagem, um simbolismo e saberes que lhe são próprios e que acabam por possuir um ‘sentido iniciático’ (RODOLPHO, 2004, p. 144).

Segundo Clastres (1990), em cada sociedade diferem os meios e as técnicas, mas o martírio é característica corriqueira dos rituais de iniciação. É como se fosse uma

escrita, onde o grupo inscreve, no indivíduo, um saber e, é através do sofrimento, que o ensinamento é transmitido. A iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal e essa se exprime no silêncio oposto à dor. Após o rito, fica o saldo de cicatrizes das feridas recebidas; um homem iniciado é um homem marcado e essa cicatriz seria um obstáculo ao esquecimento, uma vez que ela foi sentida em um momento de medo e dor. A intenção é não perder a memória do segredo confiado pela tribo; assim, a função da inscrição de marcas no corpo é avaliar a resistência pessoal e busca proclamar um pertencimento social (CLASTRES, 1990).

Há, então, a invenção da tradição através de um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, implica a continuidade com um passado histórico adequado, é a ideia do mito fundacional que localiza a origem da nação em uma época passada tão distante que geralmente se perde e, desta maneira, transforma a desordem em comunidade (HALL, 2006).

Então, temos que: ritos são o conjunto de cerimônias e de regras cerimoniais praticadas dentro de uma religião, já os mitos são os relatos simbólicos passados entre as gerações que narram ou explicam fenômenos e costumes sociais. Os ritos trazem o movimento da humanidade, sua história tem como função integrar o individual ao coletivo ou o indivíduo ao grupo; a função do rito é criar, por repetição, uma temporalidade integrando a comunidade. A celebração do mito por meio dos rituais provoca, no indivíduo, um afloramento do espírito grupal. Integra cada um no seu contexto, no seu meio. (SCHNEIDER, 2008)

Logo, ritual é um fenômeno que nos revela expressões e valores de uma sociedade que ressalta o que já é comum ao grupo. Serve para transmitir valores, conhecimentos da comunidade e, também, é próprio para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais. Através do ritual e do mito, a religião dá expressão simbólica que obriga, sutilmente, os participantes com um compromisso emocional e intelectual a um sistema de crenças organizado com o qual se fundamenta a vida na sociedade.

Assim, tendo a noção de ritual esclarecida, mas entendendo também que o conceito pode variar para cada autor, pretendo agora analisar os ritos às quais pertencem as diferentes origens da suspensão corporal que se tem registro atualmente.

Poderei, deste modo, traçar um paralelo com situações de outras culturas, pois, segundo Cláudia Fonseca (1999), não se pode ver o universo como um todo homogêneo; é necessário perceber as particularidades (semelhanças e divergências) para

aprofundar a análise. É nesse vaivém que se resgatam as sutilezas da análise social. Com olhar comparativo, alimentado por pesquisas bibliográficas, o pesquisador consegue distanciar-se de seu universo para construí-lo em termos sociológicos, pois, para chegar a alguma conclusão de seu material, é necessário situar seus sujeitos em um contexto histórico e social. Sem essa contextualização, o “qualitativo” não acrescenta grande coisa à reflexão acadêmica.

1.4 O BREVE E CONHECIDO HISTÓRICO SOBRE A SUSPENSÃO CORPORAL

A suspensão corporal humana é realizada há séculos em diversas sociedades e por diferentes pretensões. Dado que vários grupos praticavam esse ritual, é difícil atribuir sua origem a um só. Como atesta Van Gennep (2008):

Carece por completo de interés la cuestión de si cada tipo de mutilación se ha inventado una sola vez, transmitiéndose a continuación en préstamo de pueblo en pueblo, o si se ha inventado varias veces de modo independiente. Señalo únicamente que, al ser cada tipo de mutilación un procedimiento de diferenciación colectiva, el préstamo no puede realizarse entre tribus limítrofes, siendo posible únicamente en el caso de que dicha forma, aún desconocida, pueda servir para diferenciar más a un grupo dado de sus vecinos (VAN GENNEP, 2008, p. 111).²³

Assim, cada grupo deu a ela um significado, sua particularidade e sua maneira de fazê-la. Tratarei aqui da “narrativa modelo” das poucas origens que se tem registro, como já dito.

Há relatos dando conta de que os membros das sociedades realizavam, por meio dessa prática, a iniciação dos mais jovens que transcendiam o corpo e tinham visões, buscavam contatar os espíritos através da suspensão (LÍRIO, 2010). Há, também, registros de que a suspensão era feita como passagem. A apropriação contemporânea dos rituais de iniciação e passagem entre os nativos da América do Norte é assim exposta por Ronaldo Sampaio, o *piercer Snoopy* em seu *blog*:

Historicamente, as suspensões foram realizadas nos rituais de passagem, busca da visão, rituais de cura, de penitência, os rituais de devoção divindade ou como meio de obter visões, deixando o corpo e/ou comunicação com o mundo espiritual. Eles têm sido usados para testar a resistência do corpo e da mente, ou mesmo só para irritar os moralistas de plantão. Mais notadamente, alguns nativos das Tribos Americanas e seitas diferentes da religião Hindu

²³ Carece por completo de interesse a questão se cada tipo de mutilação foi inventada uma única vez e transmitida em continuidade e em empréstimo de povo em povo ou se foi inventada várias vezes de forma independente. Indico apenas que, cada mutilação ao ser um procedimento de diferenciação coletiva, o empréstimo não pode se realizar entre tribos limítrofes, sendo possível, unicamente, no caso em que essa forma, ainda desconhecida, possa servir para diferenciar mais o grupo de seus vizinhos. (VAN GENNEP, 2008. Tradução minha).

têm utilizado rituais de suspensão durante séculos [...]. Geralmente era feita para testar a resistência física. Se o mesmo não suportasse, estaria desonrando os seus familiares e seria rejeitado como guerreiro. Imaginem a fúria dos ataques Indígenas aos Yankes na época. Os índios ficavam até dois dias suspensos e só desciam para se alimentar e no momento das festividades, após terem cumprido com êxito seus feitos (SAMPAIO, 2010).²⁴

Nas sociedades tradicionais, as suspensões eram parte de rito maior que incluía danças, canto, percussão, práticas de jejum, fumo do cachimbo cerimonial, a experimentação de visões e o corpo como forma de expressão, e, às vezes, eram dedicados à sociabilidade entre tribos. Segundo Gutiérrez (2009), quem guiava e direcionava os rituais tanto públicos como privados eram os Xamãs, as cerimônias estavam destinadas a cumprir um fim muito mais social que religioso.

Segundo Daniel Lírio (2010) e Nathalia Abreu (2013), que estudaram as “origens” da suspensão corporal através dos registros de Fakir Musafar, hoje se tem registros de três antecedentes da suspensão corporal contemporânea. São eles: os *Mandan*, dos Estados Unidos que habitavam a região próxima do Rio Missouri; os *Sioux*, grupo vizinho aos Mandan, que habitava as regiões de Dakota do Norte e Dakota do Sul, também no continente Norte Americano, e os *Sadhus*, hindus considerados “santos”.

Algumas bibliografias referem-se à Dança do Sol como ritual Mandan; já Hoebel e Frost (1981), em seu livro “Antropologia Cultural e Social”, descrevem o rito Mandan, denominado como “okipa” ou *o-kee-pa* ²⁵, como uma versão particular desse grupo para a cerimônia da Dança do Sol, muito tradicional na região e, por isso, de origem desconhecida. Pelo que pude perceber pela bibliografia, o ritual é praticado com variações por distintas etnias norte-americanas, entre elas a dos indígenas Sioux, que será mais bem detalhado posteriormente.

A Dança do Sol era praticada pelas etnias pelo menos uma vez por ano, durante o solstício de verão. É um rito de tribos caçadoras de búfalo. O animal é que constitui o tema principal da cerimônia, pois ele representava a qualidade de vida (alimentação, vestimenta, abrigo). Assim, o sacrifício através do jejum, da sede e da dor reflete o desejo de retornar algo de si à natureza. Oferendas também eram doadas a crânios de búfalos durante o rito.

²⁴ Disponível em: <http://piercer-snoopy.blogspot.com.br/2010/11/suspensao-humana-minha-experiencia.html>

²⁵ De onde provém a denominação da suspensão atual por dois ganchos no peito.

Envolvía até quarenta dias de preparação, com períodos de privação de comida e sono (LÍRIO, 2010), buscava trazer a mensagem de regeneração, de que há ciclos de vidas e mortes simbólicas. Segundo a bibliografia, as motivações do rito também podem ser distintas, como os explicados na sequência:

El ritual denominado “Danza del Sol” (Wiwanyag Wachipi) o “Okeepah”, se realizaba (...) como agradecimiento, pedidos de ayuda, protección propia así como de sus seres queridos, la tribu o la nación (grupo de tribus aliadas). Se realizaba a veces para cumplir un juramento, y también como celebración de pasaje o para ser iluminados con visiones del más allá. Siempre eran motivos altruistas y no materialistas. Éste ritual, se realizaba por lo menos una vez al año, durante el solsticio de verano, y era especialmente común para las tribus cazadoras de búfalos. Dependiendo del motivo de la ceremonia y de la tribu, el ritual podía durar de cuatro a ocho días (GUTIERREZ, 2009, p.15).²⁶

Assim, pretendi fazer uma breve coleta de informações dos rituais dessas duas etnias mencionadas para que se possa traçar um paralelo da prática entre elas; os grupos hindus e a técnica atual, buscando entender suas semelhanças e diferenças.

1.4.1. Indígenas Mandan

De acordo com Hoebel e Frost (1981), os Mandan constituíam uma sociedade matriarcal. Como visto, viviam na região das altas planícies nos Estados Unidos, suas aldeias fixas eram formadas por grandes cabanas de barro. Sua subsistência era baseada na horticultura (milho, fumo e, principalmente, trigo), realizada pelas mulheres, e na caça do búfalo, pelos homens. O auge dessa civilização foi entre 1738 e 1782 até começar sua decadência por epidemias de varíola e destruição completa em 1860, devido a ataques dos indígenas Sioux.

Para o homem mandan, o teste absoluto de sua capacidade era feito durante a cerimônia de tortura dos okipas, que era encenada a cada verão. Deve-se enfatizar que é no sadismo dessa prática que o senso da própria dignidade e autoestima dos mandan encontrava uma saída orgíaca.

Segundo Gutiérrez (2009), o ritual okipa era de iniciação para jovens caçadores e se realizava duas vezes por ano, depois da temporada de caça. As bases eram as

²⁶ O ritual denominado Dança do Sol (*Wiwanyag Wachipi*) [dançar olhando o sol] ou *O-Kee-Pa*, se realizava por motivos similares aos do *Thaipusam* [festival em homenagem a Shiva] para os índios, por exemplo, como agradecimento, pedidos de ajuda, proteção própria, assim como de seus seres queridos, da tribo, ou da nação (grupo de tribos aliadas). Se realizava, às vezes, para cumprir um juramento, e também como celebração de passagem ou para serem iluminados com visões do além. Sempre eram motivos altruistas e não materialistas. Esse ritual se realizava pelo menos uma vez por ano, durante o solstício de verão e era especialmente comum para as tribos caçadoras de búfalos. Dependendo do motivo da cerimônia e da tribo, o ritual podia durar de quatro a oito dias (GUTIERREZ, 2009. Tradução minha).

mesmas da Dança do Sol, mas o significado da visão que eles tivessem determinaria o papel que deveriam cumprir dentro da organização da aldeia. O que se procurava comprovar nesse ritual era o quanto eles podiam suportar para determinar se eram dignos ou não de se transformar em guerreiros. Quando os iniciados ficavam inconscientes, os desciam; a ideia não era gerar um dano corporal, mas sim comprovar sua tolerância.

Essa cerimônia e os mitos que a acompanhavam constituíam apenas uma parte do sistema mítico dos mandan e explica somente parte de seu mundo, mas era o maior rito religioso dos indígenas das planícies norte-americanas (HOEBEL; FROST, 1981).

O okipa é bastante complexo. São cinco dias e cinco noites de ritual cercado de simbologias, dança (a chamada dança do búfalo) e personificações. Portanto, aqui tratarei apenas do ato ritual da suspensão.

Em uma cabana, cada iniciado escolhe um homem do clã de seu pai para realizar sua preparação. São retirados da rotina, não podem comer nem beber. Com uma faca de serra, o homem fazia quatro buracos no omoplata e no tórax dos iniciados por onde se introduziam dois espetos de madeira. Cordas de couro cru eram atadas nesses espetos, para fazer função de correia, por onde os iniciados se suspenderiam.

Mais espetos eram cravados nas pernas, um escudo de guerra e quatro crânios de búfalo eram amarrados aos espetos. Quando todos os iniciados estavam pintados e prontos, dois deles eram levados para debaixo do orifício da fumaça no teto da cabana. Cada homem era suspenso um pouco mais de um metro a cima do solo e ficava “entre o céu e a terra”, enquanto outros homens giravam seu corpo com estacas até que ele desmaiasse.

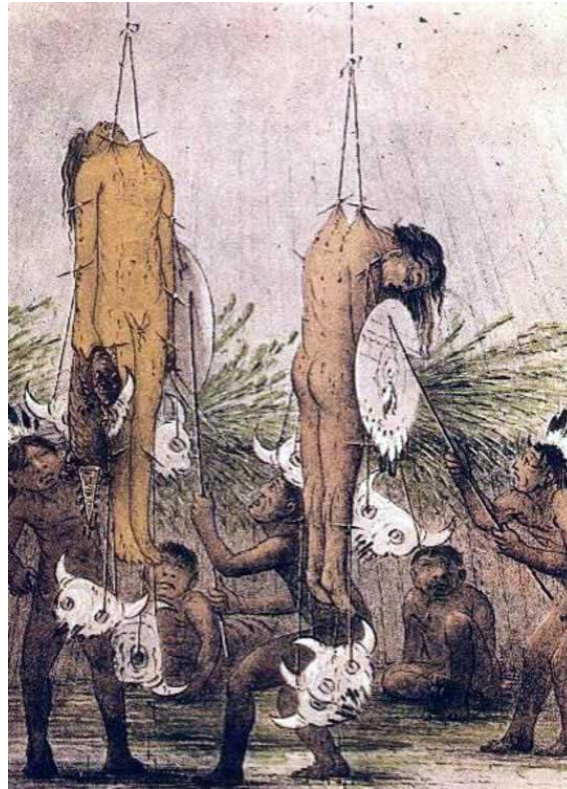


Figura 5: Iniciados sendo girados até desmaiar. Quadro de George Catlin.

Fonte: <https://www.georgecatlin.org>

Os que assistiam gritavam: “Mortos! Mortos!”. Os autores explicam a etapa posterior à suspensão:

Baixados até o solo, os dois iniciados jaziam sem vida. Ao recobrem a consciência, cada um se dirigia a um crânio de búfalo para oferecer o seu dedo mínimo em agradecimento. Os outros seguiam o mesmo processo. Depois disso, em grupos de seis, os iniciados, reavivados, saíam para correr em volta da estaca do Homem Solitário até que os crânios de búfalo, espetados nas suas pernas, e arrastando no chão, se soltavam (HOEBEL; FROST, 1981, p. 362).



Figura 6: Quadro *The Last Race* de George Catlin. Final da cerimônia okipa. Iniciados correndo no pátio em volta da estaca do Homem Solitário para se livrar dos crânios de búfalo.

Fonte: <https://americanart.si.edu/artwork/last-race-mandan-o-kee-pa-ceremony-4204>

Só então eles podiam voltar para suas casas, pois, com a morte simbólica, o sofrimento tinha terminado e a vida tornava-se suportável. A suspensão é o estado intermediário; o indivíduo volta desse estado para entrar, novamente e simbolicamente, no seio de sua cabana materna para se reconstituir como homem maduro, pronto para casar, caçar e lidar com os poderes que, a partir de então, poderiam ser alcançados.

1.4.2. Indígenas Sioux

Os indígenas da etnia Sioux se subdividem em outros três grandes grupos: os tétons, yanktons e santees que, por sua vez, se dividem em uma infinidade de tribos. Costumavam habitar a região entre os rios da bacia do Missouri e Mississipi, suas aldeias eram de tendas feitas a partir de galhos de árvores e peles de animais. Porém, era uma civilização nômade e se deslocava para a caça do búfalo, essa envolvia a preparação das aldeias inteiras. Após a chegada de colonizadores espanhóis, foi introduzido o cavalo na caça, o que fez com que as tribos se tornassem sedentárias. Além da caça, os Sioux, assim como os Mandan, viviam da agricultura e da pesca.

Com o processo de independência norte-americano, essa etnia sofreu vários ataques de colonizadores espanhóis, franceses, ingleses e do próprio exército dos

Estados Unidos. Ficou conhecida por sua bravura ao resistir na tentativa de defender seu território até ser quase completamente dizimada no final do século XIX. Os sobreviventes vivem em reservas indígenas criadas pelo governo norte-americano.

O povo Sioux tinha como tradição a Dança do Sol. A celebração se realizava na metade do verão, quando os dias são mais longos, e durava dezesseis dias entre preparação e realização. Para os participantes, era um momento de cura, purificação e oração.

O ponto alto do rito é justamente a suspensão. Cada um dos homens tem o tórax perfurado por dois espetos de madeira (ou garras de águia); os espetos são amarrados a uma corda e a outra ponta da corda é amarrada em uma árvore (a árvore da vida) ou em uma coluna (a chamada coluna do sol) e dançam. Nesse momento, era comum os dançarinos terem visões até a pele estar livre.



Figura 7: Estacas cravadas no tórax de um indígena Sioux.

Fonte: http://www.michaelgentry.net/sun_dance.htm

Os rituais também variam entre as tribos Sioux, mas de maneira geral, se pode ter noção de suas atividades nos trechos abaixo:

Os homens, em um círculo em volta da Coluna do Sol, vão para frente quatro vezes, rezando e tocando a coluna, e depois jogam-se para trás com força, até que os espetos se quebrem ou saiam da pele. Um método alternativo é colocar dois espetos sob a pele da parte superior do omoplata. Estes espetos são, então, amarrados às cabeças de grandes búfalos por tiras de couro. Os

animais são arrastados ao redor do círculo até que o peso deles solte ou quebre os espetos. (Thomas Mails – pastor luterano)²⁷

Os participantes dançam em círculo por longos períodos (entre dois e quatro dias) olhando para o Sol. Há períodos de jejum, pinturas no corpo e contemplação, e a resistência dos dançarinos é testada por meio da automutilação. Cada um é pendurado com ganchos de madeira cravados, no peito ou nas costas, por uma corda anexada ao mastro central. O dançarino é suspenso no mastro até que o peso do seu corpo o liberte. Para os dançarinos, a experiência é excitante, mas, aos olhos de um estranho é bárbara. Foi banida por lei no começo do século XX (FARRINGTON, 1999 *apud* ABREU, 2013, p. 23).

No momento em que a pele se desprendia da estaca, o ritual alcançava o seu ponto máximo, estabelecendo o contato com os seres do mundo espiritual. O rito envolvia sacrifício e súplica, tinha como objetivo a renovação do povo, com ênfase na comemoração do renascimento espiritual do participante e de seus familiares em consonância com a vida na Terra. Como cita Sara Silva:

O objetivo da Dança do Sol é permitir que jovens guerreiros partilhem o sangue de seus corpos com a Mãe Terra. Acredita-se que as mulheres fazem isso durante sua Lua ou ciclo menstrual. As mulheres doam sua dor durante o parto, e os homens durante a Dança do Sol, para que o seu povo possa continuar a existir (SAMS, 1993 *apud* SILVA, 2013, p. 33).



Figura 8: A Dança do Sol. Quadro de George Catlin.

Fonte: <http://www.ancientpages.com/2016/05/20/native-american-sun-dance-important-ceremony-of-the-plains-indians-of-north-america/>

²⁷ Trecho retirado do *Blog Chakaruna*. Disponível em: <http://hernehunter.blogspot.com.br/2009/12/danca-do-sol.html>, 2009. Acessado 05 de Janeiro de 2018.

Nessa dança, os indígenas demonstravam sua coragem, pois, ao dançar com dor e sem ingerir comida e água por dias, testavam sua estrutura e seu caráter. A queda de um dançarino traria desonra ao seu padrinho e poderia ser presságio de um período de infortúnio para todo grupo.

A cerimônia é essencial para esses indígenas, visto que, é só através da dor e da “morte” que a vida pode existir. Cada homem oferece, na dança, sua própria dor para que seu o povo continue a viver. A dança é, então, uma oportunidade de renovação e o sacrifício da própria carne define o comprometimento de cada homem com o grupo.

1.4.3. Cultura Sul Asiática

Com origem na Índia, o ioga é bastante difundido no Ocidente; é um sistema de harmonização corpo-mente. Os herdeiros contemporâneos desse conhecimento milenar são os Sadhus, considerados “homens santos”, desapegados das coisas materiais e parecem querer explorar, ao máximo, o mundo dos sentidos (TOSTA, 2011). Eliáde define:

Sadhu é um homem hindu considerado santo, “geralmente um monge ou asceta que renunciou ao mundo” (ELIÁDE, 1996, p. 231). Apesar das diferentes seitas, as “técnicas ascéticas” e os “itinerários místicos” dos iogues e dos *sadhu* são bastante semelhantes (ELIÁDE, 1996, p. 350).

Os Sadhus costumam viver em cavernas ou cabanas nas montanhas, florestas ou próximo às margens dos rios sagrados. E, se opõem ao padrão de vida da sociedade ocidental, ao materialismo e ao apego corpóreo; assim, eles agem de forma irreverente e têm total desprezo por hierarquias. Eles são vistos como os mais extremos em matéria de renúncia (ABREU, 2013).

Segundo Lena Tatiana Tosta (2011), que estudou os Sadhus, esses homens são adeptos da meditação e de práticas como fazer uma só refeição por dia e vestir pouca, ou nenhuma, roupa durante o inverno rigoroso do Himalaia, o que é comum entre os renunciantes, ou seja, os que rejeitam o modo de vida tradicional. Para eles, a contemporaneidade, em sua noção de era atual, “é uma era de progressão exponencial dos ritmos cósmicos de dissolução da unicidade primordial, um período de crescente materialidade, sensorialidade e deslizamento de sentidos” (TOSTA, 2011, p. 23),

A era atual é chamada por eles de *kali yuga*, o processo de empoderamento do iogue dissidentes em *kali yuga* acontece no contato com o mundo da vida por meio de

técnicas de indisciplina e performances que desconstroem de maneira jocosa as dualidades.

Esse grupo, com muitos ritos e crenças, foi responsável por introduzir a prática da suspensão, contorcionismo e das práticas tântricas (controle do orgasmo e canalização da energia sexual) na Índia (ABREU, 2013). Os Sadhus se dividem em diferentes linhagens, os naga e aghori elevam ainda mais esse estilo de vida, desafiam os limites físicos e morais de seus corpos. Para estes, toda transgressão é aceita, já que vêem no corpo a forma de transcender dualidades e, em última instância, entre ser mortal e imortal. O objetivo é a iluminação, emancipar-se desse ciclo de vida e morte que caracteriza o mundo para os hindus. Assim, alguns ficam anos com o braço levantado, ou por décadas a fio, em pé, brincam com o pênis e os testículos (TOSTA, 2011).



Figura 9: Homem Sadhu. Muitos fundamentalistas chegam a se manter de pé sem nunca deitar, dormem apoiados.

Fonte: <https://www.pinterest.co.uk/spacecatunicorn/sadhu/>

No sul da Ásia, na ilha do Sri Lanka, na Índia, na Malásia e Tailândia, os Hindus exploram a conexão entre a mente e o corpo. Usam esse como forma de transcender.

Assim, nessa região existem importantes festivais, milenares e preservados até hoje²⁸, onde se praticam técnicas parecidas com a da suspensão (GUTIERREZ, 2009).

O Thaipusam²⁹ é o mais importante da localidade, celebrado em dedicação ao deus Shiva e a Murugan, seu filho e deus da guerra, pela comunidade Tamil. Comemora a ocasião em que Parvati e Shiva deram a Murugan uma lança fina e pontiaguda, chamada vel, para que ele pudesse vencer o demônio Soorapadman.

É feito durante a lua cheia do décimo mês do calendário tâmil, que cai entre os meses de janeiro e fevereiro do nosso calendário; pode durar até três dias e exige um mês inteiro de preparação espiritual, com dieta vegetariana, abstinência sexual e meditação. Acreditam que só com o corpo livre de prazeres físicos que o devoto pode suportar o ritual e Murugan se encarrega de evitar suas dores. Para os devotos, é a celebração da vitória e da vida e o fazem para pedir favores ou perdão aos deuses.

Segundo María Pérez Gutiérrez (2009), no dia anterior à festa, se transporta, ao templo, a imagem de Murugan em uma carruagem de prata enfeitada com pedras preciosas e incensos. No dia seguinte, os preparos começam de manhã. Os homens, que representam suas famílias, oferecem aos deuses o que têm de mais sagrado e puro: os seus corpos.

Cada um mostra sua devoção da sua maneira. Ao som de cantos e tambores, alguns corpos são fincados com ganchos, outros com lanças (principalmente na língua e na boca para demonstrar sua renúncia em falar); outros preferem carregar, sobre suas cabeças e ombros, uma estrutura semicircular de madeira ou ferro - enfeitada com flores, frutas e penas - cujas pontas afiadas estão cuidadosamente posicionadas para pressionar determinadas áreas do corpo. Assim, dão início à procissão Kavadi³⁰ até o templo. Ao lado deles, seguem incentivando-os, os demais indivíduos. Homens, mulheres e crianças carregam oferendas como pratos com arroz e jarros de leite. Mas no geral, é um ambiente colorido de exaltação e euforia.

²⁸ Apesar de proibidos na Índia

²⁹ Thai-pusam é o nome de uma estrela que está no ponto máximo nos dias do festival.

³⁰ Termo definido como “sofrimento a cada passo” (GUTIÉRREZ, 2009)



Figura 10: Festival Thaipusan

Fonte: <http://www.willgoto.com/1/146957/liens.aspx>



Figura 11: Festival Thaipusan

Fonte: <http://www.kuala-lumpur.ws/magazine/thaipusam.htm?cid=ch:OTH:001>

Há também o festival Chidi Mari. Pouca referência encontrei sobre ele, apenas se sabe que é realizado pelo mesmo grupo e dedicado à deusa Mari (a Grande Mãe) e demais divindades femininas como a Kali. A principal prática do ritual é a suspensão. A mais comum é feita com dois ganchos nas costas do devoto para elevá-lo

horizontalmente e balançá-lo durante horas até que entre em transe. Nessa hora, Mari possui seus corpos e dá esclarecimentos sobre suas vidas, iluminação e bênçãos para eles e suas famílias.

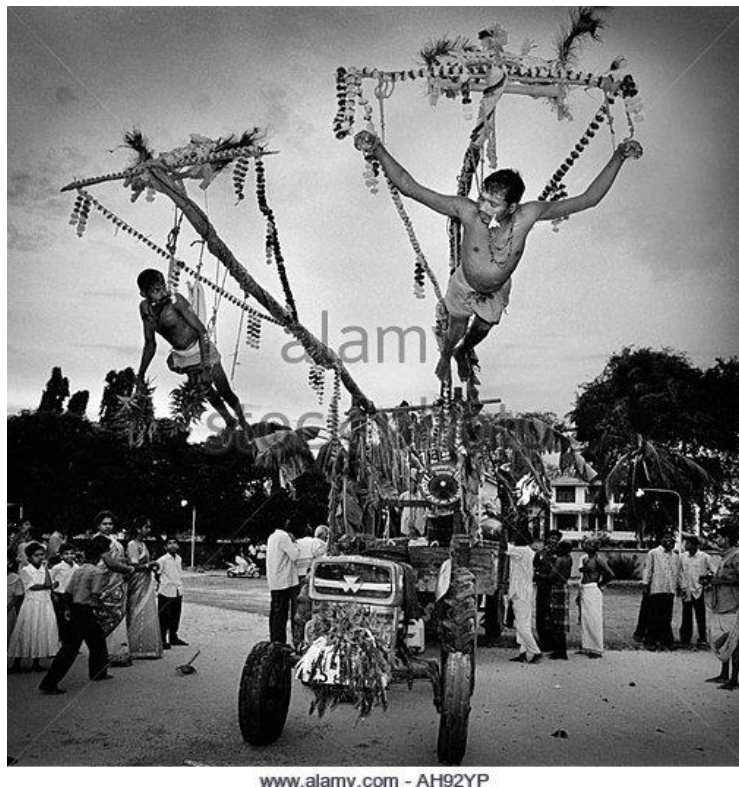


Figura 12: Festival Chidi Mari.

Fonte: <http://www.alamy.com/stock-photo/mari.html?blackwhite=1>

Também pouco referenciado, o Kataragama Festival inclui igualmente a técnica da suspensão. Kataragama é uma região de peregrinação no Sri Lanka. A festividade acontece em julho e dura duas semanas. É um evento colorido e relacionado às religiões budista, hinduísta, muçulmana. Helman descreve:

No festival anual de Kataragama Esala, no sudeste do Sri Lanka, alguns hindus e budistas caminham sobre brasas ou suspendem seus corpos com cordas fixadas à sua pele por ganchos como parte dos rituais expiatórios de penitência, ou para pagar uma promessa feita ao deus Si Skanda (HELMAN, 2009, p. 176).

A festa começa com uma caminhada da qual participam milhares de peregrinos. Ao final da jornada, eles se sacrificam cometendo autoflagelos como furar a pele com ganchos para suspensão ou andar sobre carvões em brasa. Há também um desfile com tambores, dançarinos, acrobatas e elefantes adornados.



Figura 13: Kataragama Festival em Sri Lanka.

Fonte: <https://www.globespots.com/photo-gallery/kataragama-festival/>

É interessante perceber como nenhuma cultura é independente da outra e, ao mesmo tempo, é um patrimônio mutável. Chama atenção como atividades similares podem ser práticas comuns em regiões tão distantes, sem que os participantes tenham conhecimento um do outro.

Hoje, no Ocidente, a técnica da suspensão é reatualizada para diferentes fins, existe uma enorme diferença entre a suspensão ocidental, mesmo que essa seja considerada “ritual” por alguns praticantes, e aquelas em que os ritos dolorosos eram sagrados, cujo o objetivo é entrar em um estado extraordinário e encontrar alguma divindade. Isso se dá, principalmente, em torno da discussão do pertencimento do corpo.

CAPÍTULO 2 - COM OS PÉS NO CAMPO DOS SEM PÉS NO CHÃO: UMA ETNOGRAFIA EM ENCONTROS DE SUSPENSÃO CORPORAL

Os homens são anjos nascidos sem asas, é o que há de mais bonito, nascer sem asas e fazê-las crescer. (José Saramago - Memorial do Convento)

Já tendo descrito o grupo social que estudei e definido seu estilo de vida, pois não se pode analisar a prática da suspensão contemporânea fora do contexto em que vivem e como pensam essas pessoas, no decorrer deste capítulo, busco narrar minhas observações de campo, descrever os eventos que participei, além de tentar analisar os diálogos com os interlocutores sobre diversos aspectos da suspensão corporal.

Dessa forma, intento expor o que presenciei nos eventos que compareci. A narrativa, às vezes, é transpassada por depoimentos das entrevistas que tratam de assuntos relacionados, porém, vale lembrar que foram feitas fora dos eventos, em outras oportunidades.

2.1. RITULZ

Após a entrevista, e continuando a demonstrar interesse no trabalho, João me enviou, via *Facebook*, um convite para a Exposição *Ritulz* criada com a proposta de reunir pessoas em prol da arte independente e das diversas formas em que ela pode se manifestar. Era a estreia da marca *Ritulz* que conta também com camisetas ilustradas por João.



Figura 14: Imagem de divulgação do evento

Fonte: Facebook

O evento, apoiado por *Ibrahim Tattoo*, ocorreu às 14h de domingo dia 04/12/2016 em um atelier na Rua Cristóvão Colombo, em Porto Alegre. Fazia parte da programação, a exposição das ilustrações de João e das fotografias de Cami (todas com enfoque em modificações corporais), suspensões, *shows*, apresentação de *DJs* e *rapper's* e venda de comidas veganas e roupas.

Combinei de ir com um casal de amigos interessados no tema. De dentro do carro, procuramos pelo número do prédio do Atelier Vovó Zuzu quando avistamos um grupo reunido. Logo deduzimos que ali era o local. Esses jovens com idades entre 20 e 30 anos tinham um estilo bastante característico em termos de estilo. Vestiam preto, possuíam muitas tatuagens (alguns até com *tattoos* no rosto), alguns tinham *dreads*, outros cabeças raspadas e *tattoos* no lugar de cabelos. Um grupo andava de *skate* na calçada.

Logo ao entrar, encontrei João e Cami, que me receberam com simpatia. Um panfleto divulgando a *Ritulz* foi distribuído, definindo a marca que pretende uma representatividade da cultura da modificação corporal de forma mais profunda.



Figura 15: Folheto de definição da Ritulz

O texto do *folder* é o seguinte:

Representar as pessoas que curtem de *tattoos* e *piercings*, suspensões, escarificações, implantes e etc. Dialogar sobre a imagem do corpo de um modo mais amplo (...) *Ritulz* se inicia como uma marca de roupas, mas cria um espaço para diálogo sobre o corpo (...) Além de camisetas e vestuário, a

Ritulz quer criar um debate sobre a arte corporal”. Essa definição reafirma a existência de uma “comunidade” da Modificação Corporal que compartilha interesses e circuitos.

Nesse evento, decidi fazer uma observação flutuante, proposta por Collette Pétonnet como já visto; assim, com o olhar livre, porém atento, fui percebendo as movimentações do local. Na recepção do atelier, estavam os DJs que discotecavam com vinil e tinha venda de roupas e acessórios. Ao fundo, passando por uma cozinha e um banheiro, havia um pátio com muros grafitados. Ali estavam as cordas e as roldanas para suspensão como também tábuas de madeiras e manequins, que acredito serem materiais do atelier. Mais atrás, parecia haver um depósito. Mais gente estava concentrada no pátio. Todos vestidos e apresentando o mesmo estilo daqueles da calçada. Apenas se destacava uma moça com vestido floreado e colorido.

Estávamos há pouco tempo no pátio quando um grupo entrou. Entre o membros, João, que colocava luvas de látex, e uma jovem, apelidada Fê, já com os ganchos nas costas. Ela se posicionou de costas para as roldanas. O público se aglomerou em sua frente. Os ganchos foram presos ao suporte das cordas e ela dá sinal de *ok* para que João puxasse a corda que a elevaria. Ela, aos poucos, andando pra frente e pra trás, vai subindo com rosto fechado. Já no alto, abre o sorriso e pede para Ericson, outro *suspender*, começar a balançar. Ele a joga para frente, assim como se faz com uma criança no balanço. Ela sorria e gritava “uhul”. A plateia aplaudia e bradava palavras de incentivo. Nessa altura, ela dobrou as pernas pra cima e pareceu pegar um embalo maior e mais alto. Embaixo, as pessoas se afastavam para não serem atingidas. Chegou um amigo dela e disse: “Vou ter que te embalar também”. Ela riu e foi, então, empurrada como se fosse um boneco “João bobo”. Depois de alguns minutos, ela chamou João e sinalizou com a mão para terminar. Disse: “Já era”. João baixou a corda e a colocou no solo. Todos aplaudiram. Em meio às palmas, ela própria pegou a corda e puxou para subir. Ao tirar os pés do chão, foi ovacionada e mais alegre ela ficou.

Pouco depois, conversando com meus amigos, lembramos que Fê era a mesma jovem que, na convenção de tatuagem de 2014, foi modelo para uma *body piercer* que concorreu em uma categoria de *piercing* artístico com ganchos nos dois braços e nas duas pernas amarrados a cordas ligadas a uma cruz de madeira, assim como uma marionete.



Figura 16: Fê concorrendo em uma categoria de *piercing* no *Tattoo Fest* 2014

Fonte: autora

Fomos para a entrada da casa. Havia muita gente e três rapazes com microfone se intercalavam cantando *rap*. Ficamos ali prestigiando os artistas. Depois de alguns minutos, muitas pessoas saíram e nós fomos para o pátio. No caminho, cruzei com João, que esboçava um grande sorriso, e também com uma moça tirando as luvas. Conclui que a suspensão dele já havia ocorrido e perguntei a ela se tinha acabado a série de suspensões. Respondeu que sim. Conversei com quem viu o voo³¹ de João: “Tinha que ver, ele voou super alto e teve uma hora que ele mesmo se puxou de cabeça pra baixo, porque ele tava pendurado pelo joelho”. A seguir, as fotos do evento e da suspensão no Atelier Vovó Zuzu.

³¹ Expressão êmica que define o ato de estar suspenso.



Entrada do Atelier, DJ discotecando.



Exposição de ilustrações de João e fotos de Cami.



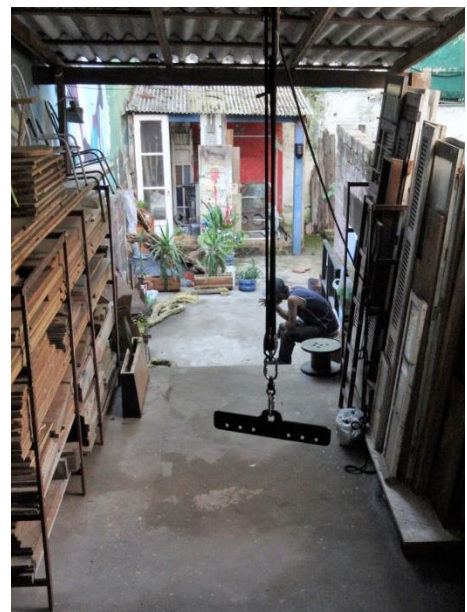
Pátio da casa, cordas, placa de ancoragem e roldanas para suspensão.



João encaixando os ganchos das costas de Fê na placa ligada às cordas.



Suspensão suicide de Fê. João puxando as cordas, público assistindo.



Frame usado para suspensão Knee de João.

Observando mais atentamente, notei no ambiente a presença de um casal já mais velho, acompanhados de uma pré-adolescente muito parecida com Cami. Depois, soube que eram seus pais e sua irmã que tinham ido prestigiar a apresentação da marca familiar.

No mesmo dia, mais tarde, vi um casal também de idade mais avançada subindo a rampa de entrada da casa ao qual alguém perguntou: “Tu és a mãe do João, né? Parabéns!” Ela respondeu: “Eu sou sim, mas cheguei no final da suspensão, eu me perdi providencialmente (e riu), eu apoio, né... mas como mãe dá uma dor! A gente cria com tanto carinho pra eles depois sofrerem”. O pai completou: “Quando ele era pequeno também adorava luta, como ele apanhava! Mas foi campeão, com vinte anos foi campeão!” A mãe seguia: “Outro dia, ele tava fazendo uma escarificação nele mesmo eu só perguntei “Tu tá feliz? É isso que importa, né?”. Foram as palavras finais e de despedida deles.

2.1.1. Preconceito social

Achei bastante interessante a presença e o apoio dos pais de Cami e João no evento, já que nem todos familiares concordam, como a mãe de Bárbara, por exemplo, que como relatado mais acima, via a suspensão como uma “seita satânica”, além de outros desabafos de praticantes que pude ler via *Facebook*. Esse preconceito em casa também é citado na pesquisa do censo:

O preconceito contra a suspensão corporal ainda é muito forte. Segundo os dados da pesquisa, ele é bastante forte dentro das próprias famílias, o que tem gerado briga, desconforto e violências, como a expulsão de casa (1º Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017).

Como visto, desde o início da vida, há um processo de socialização do indivíduo (MAUSS, 2003). Michel Foucault (1987) afirma que os corpos podem ser moldados historicamente e é onde se operam dispositivos eficazes de subjetivação do ser. O corpo é objeto e alvo de poder e pode ser submetido e aperfeiçoado através da disciplina. Como visto, linguagens e saberes estão carregados de significados e relações de poder que circulam na sociedade. Através de discursos disciplinadores o Estado cria um corpo ideal e assim constitui um saber-poder que beneficia os grupos que o detêm e faz com que as pessoas sejam mais obedientes, não se rebelem contra o Estado e, portanto, mais úteis para quem quer regulá-las. Então, há uma hierarquia impressa nos corpos dos indivíduos, corpos ideais construídos por elementos controladores.

Os mecanismos de remodelagem corporal podem também ser analisados a partir das formas tradicionais de controle e disciplinamento, mas claro que o diálogo com Foucault só é possível se substituirmos o sujeito do poder, aqui não é o Estado que age sob o corpo dos indivíduos marcados, mas sim a sociedade tradicional. Assim, há um treinamento que internaliza nos indivíduos determinados valores e regras de orientação para seus comportamentos em relação com o mundo e com a sociedade (RODRIGUES, 1979). O corpo do sujeito que se marca e se suspende pode ser visto, então, como corpo subversivo, desviante, indócil, que não segue a disciplina imposta³², rompendo com os valores sociais vinculados aos corpos e vistos como “anormais”.

Nas sociedades contemporâneas, o sujeito pode optar por outras formas de uso do corpo. O limite dado pelo “natural” parece não mais existir, agora ele chega até onde a tecnologia é capaz de atender a vontade do homem e da mulher. Nesse contexto, podemos dizer que há a substituição da disciplina fixada por um reforço da autodisciplina, onde o que importa é o desejo de sucesso do indivíduo.

David Le Breton (2003) afirma que nossa comunidade consagra o corpo como emblema de si. Como declara Robert Hertz (1980), há um controle do corpo: o corpo é sagrado, portanto se deve mantê-lo limpo, sem interferência externa para não torná-lo profano. Há uma tipologia de classificação humana, o corpo fixado como norma é o branco, cisgênero, heterossexual, de classe média urbana, e, de preferência, sem cicatrizes ou marcas.

A moralidade é buscada no corpo e o desvio define a anomalia. Pelo que pude perceber, quem pratica a suspensão vai contra essa norma e acaba sendo estigmatizado pela maior parte da sociedade, acaba sendo considerado estranho pela maioria e gerando certa antipatia ou até medo, já que é através de seu corpo que a pessoa é classificada e julgada, é a cultura que institui o que está dentro dos parâmetros do saudável e do belo, o que é normal e anormal (GOELLNER, 2003).

A escola sociológica de Chicago - cujo surgimento, em 1910, está diretamente ligada ao crescimento demográfico daquela cidade, e com ele novos problemas sociais - inaugura um novo campo de pesquisa: estudos especializados em fenômenos urbanos. Os problemas sociais e os comportamentos desviantes como produto do meio social eram os principais objetos de análise desses sociólogos. Nesse estudo, me baseei em

³² O corpo de quem se suspende não segue o padrão imposto pela sociedade, porém tem sua disciplina própria. A técnica exige preparação e aprendizado de técnicas, como veremos mais adiante.

dois conceitos de membros dessa escola: estigma de Erving Goffman e desvio de Howard Becker.

Cria-se o estigma: a relação entre atributo e estereótipo, ou seja, a diferença entre a identidade visual- que é o modelo social do indivíduo, com a caracterização que imputamos a ele - e a identidade social real – que é o que o indivíduo tem de físico/biológico que o diferencia dos demais. Estigma é, então, qualquer sinal corporal com o qual se procura evidenciar alguma coisa de mau sobre o *status* moral de quem o apresenta, um atributo profundamente depreciativo. A pessoa que mostra pertencer a uma categoria com particularidades diferentes é pouco aceita pelo grupo social. Portanto, o estigma limita as formas como o indivíduo se apresenta (GOFFMAN, 1975). O sociólogo Erving Goffman (1975) explica o sentido da palavra estigma:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (*Ibidem*, 1975, p. 8).

A suspensão corporal, para quem não é iniciado, choca. O sangue escorrendo e os ganchos cravados na pele, que é tida como sagrada, evidenciam a dor, e assim se remete a uma figura errônea de sadomasoquismo, primitivismo, a um comportamento antissocial ou ainda a um distúrbio psicológico. Como afirma Le Breton:

Ao cortar a pele, o indivíduo rompe com a sacralidade social do corpo. A pele é um recinto impenetrável e o contrário causa horror. Da mesma forma, é impensável que alguém se fira, em plena consciência, sem que se evoque a loucura, masoquismo ou perversidade. O derramamento de sangue é uma outra proibição transgredida, já que, para numerosos de nossos contemporâneos, sua simples visão provoca desmaios ou terror. E, todavia, temos aqui indivíduos que deliberadamente fazem correr o sangue. Mais além, o corte é um jogo simbólico com a morte naquilo que imita o suicídio, jogando com a dor, com o sangue, com a mutilação (LE BRETON, 2010, p. 37).

Há, então, uma imagem inconsciente da sociedade em que se apresentam como naturais e desejáveis todo um sistema de pensamento e poder e, como indesejáveis, a negativa deles (RODRIGUES, 1975). O pavor do sangue e a correlação dele com o sofrimento é evidente no depoimento de Bárbara. Ela me conta do preconceito que sofreu em Porto Alegre quando viram seus curativos e descobriram o motivo da bandagem:

A primeira vez que eu fiz foi foda, eu lembro que eu fazia academia, aí eu fui trocar o curativo no banheiro... Todo mundo me olhou porque eu tava com

uma gaze cheia de sangue nas costas (risos). Mas minha mãe é contra, ia ser pior se eu tivesse trocado em casa (...) Eu lembro que pessoas me pararam no centro, eu tava de regata, era verão... dezembro e a outra foi final de janeiro, as duas eu fiz no verão... e os curativos apareciam, a galera me parava na rua “aí, tu fez aquelas coisas com ganchos” (risos). Nada a ver, a galera se apavora (Bárbara, 2016).

Os indivíduos que são adeptos desse tipo de prática vão contra aos padrões pré-estabelecidos, tendo em conta que a suspensão corporal não é legitimada pelas instituições dominantes, se torna uma prática desacreditada. A sociedade se torna, então, um agente repressor dessa atitude que seria merecedora de “penalização”.

Segundo os entrevistados, como podemos ler nos depoimentos abaixo, o principal motivo para esse preconceito parece ser o desconhecimento, a falta de informação sobre essa técnica.

Minha mãe achou que era algo com perigo de morte e ficou em choque quando eu mostrei que fiz. Muito tabu, informação errada, etc. (Giovana, 2017)

Claro, esse tipo de atividade causa repulsa em muita gente. Ainda há uma falta de informação e aceitação, assim como, existe para outras práticas no mesmo nível de: por quê? Como assim? Qual motivo... Do homossexualismo, racismo etc, por exemplo (Alex, 2017).

A todo momento quando tu fala que te suspende a primeira coisa é o pavor, é o tabu, é o receio, é te chamar de louca. Mas eu vejo que é como todas as outras coisas... do desconhecido, do diferente. A reação de quando eu falo que faço suspensão é a mesma de um alargador grande, é o mesmo tabu, sabe? Porque nunca viu, porque pensam na dor, mas é só um tabu por não conhecer mesmo (Cami, 2016).

Existe preconceito sim, mas eu levo de boa. Por exemplo aqui no estúdio, que eu trabalho com um monte de gente, eles sempre tocam no assunto da suspensão e os clientes também ficam apavorados assim e tal, mas eu acho um momento muito legal pra falar pra pessoa assim: não é tanto assim e tal. Pra mudar esse pensamento, explicar, conversar a respeito, mostrar pra pessoa que não é nada de outro mundo (João, 2017).

Tabu existe, se as pessoas não conhecem, elas não apóiam. A suspensão está cada dia mais percebida pela sociedade, mas ela em si não tem interesse e não tem conhecimento do que a suspensão pensa. É um segmento pequeno ainda da sociedade judaico-cristã que aceita... Porque de uma certa forma Jesus foi suspenso, ele foi colocado numa Cruz, pros romanos era uma certa forma de castigo... uma forma de amedrontar e subjugar outras culturas (Fabrício³³, 2017).

De fato, a prática da suspensão não é divulgada na mídia, é retratada como algo bizarro, superficial e esvaziado de qualquer sentido para além do sadomasoquismo

³³ Fabrício Cardoso é *body piercer* e *suspender*, mas nunca se suspendeu.

(LÍRIO, 2010), ou só é difundida quando alguma experiência deu errada³⁴, o que potencializa ainda mais a resistência social a essa prática. Segundo o censo nacional, 98% alegam nunca ter se machucado fazendo suspensão corporal:

Embora a prática seja considerada agressiva, violenta e arriscada, apenas duas pessoas [de 88 entrevistadas] alegam terem se machucado. O que indica que embora a prática seja segura (mais do que a maioria acredita ser), existe riscos e que podem ser intensamente reduzidos quando se procura um profissional capacitado para realizar a suspensão. Nunca faça uma suspensão corporal sem o devido acompanhamento profissional (1º Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017).

Em minha pesquisa, os mais de dez profissionais com quem conversei também afirmaram que nunca alguém se machucou nas sessões e frisaram a importância do trabalho e cuidado da equipe. Apenas relatam pequenos incidentes:

Em nenhuma delas deu nada de errado, sempre fui cercado de profissionais do mais alto gabarito nacional, internacionalmente... pessoas muito preocupadas com a biosegurança, com toda a distribuição do peso, com os materiais... a preocupação com as cordas... um cuidado que vai desde a estrutura que tá segurando. Coisas que aconteceram durante a suspensão que não tavam sendo programadas... imprevistos aconteceram, mas nada que tenha comprometido a suspensão em si ou a integridade física da pessoa que estava suspensa... isso nunca aconteceu em nenhum dos eventos que eu tive envolvido. Eu já até ajudei a não acontecer fatos que poderiam ser graves... como uma estrutura metálica que não foi bem aparafusada... que não foi pensada para essa suspensão... e eu consegui encaixar e manter firme... esse apoio é importante, se não tiver uma equipe, não acontece. Pouca gente consegue se perfurar e se suspender sozinhos, acredito que como forma de autoconhecimento até vale, mas de uma forma mais abrangente não é legal. Também nunca presenciei um problema de verdade... o que eu vejo é assim, o que tinha pra ser experimentado em relação a suspensão já foi experimentado. As pessoas estavam desenvolvendo técnicas aqui no Brasil há 10, 15 anos atrás, nos Estados Unidos há mais tempo, mas assim, hoje em dia não tem desculpa, têm equipamento profissional de alpinismo, as agulhas certas pra isso... todo mundo já sabe. As imprudências e negligências é que são os motivos de problemas... os profissionais trabalham exaustivamente evitando riscos e acidentes. Os *piercers* têm que seguir normas e cuidados, mesmo não sendo uma profissão regulamentada, por ética... máscara, luvas... são normas de saúde (Fabrício, 2017).

Graças a Deus, mas principalmente graças à dedicação e estudo, nunca tive nenhum acidente...já tive um incidente, quando minha equipe abriu o *show* do Sepultura; a trava do gancho se soltou e o gancho se abriu. O que estava suspenso, acabou "caindo", por felicidade, a posição que ele estava era um *Suicide* [pelas costas], e ele estava descendo, então estava em pé e próximo do chão... mas nunca aconteceu de alguém se machucar ou romper tecido... alguém cair, de verdade (Gian Carlo - Ralado *Piercer*, 2017).

³⁴ Há um caso bastante famoso de uma suspensão pelo joelho que não deu certo, a pele da suspensa rasgou e era transmitida por um canal de TV ao vivo. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ce0IhD_bQP4&oref=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3Dce0IhD_bQP4&has_verified=1. Chama a atenção o discurso de ódio nos comentários do vídeo.

Caíque, ao conversarmos sobre um gancho que quase não saiu na outra ponta da coxa de Arthur, no encontro de Esteio, como veremos a seguir, também me comentou sobre um incidente num dia em que a trava de um gancho abriu em uma suspensão quando ele trabalhava. Ele teve que descer o suspenso e passou outro gancho pelo mesmo furo “sem agulha, nem nada, na adrenalina do momento, mas no final deu tudo certo”.

O perfil dos suspensores entrevistados é de profissionais qualificados que relataram sempre estar em busca de aperfeiçoamento, todos preocupados com a higiene e biossegurança e muita prática para não colocar nenhum cliente em risco. Fica evidente nos depoimentos abaixo:

Francamente *workshops* relacionados [à suspensão] são raros, é mais na prática mesmo... pessoas menos experientes aprendendo com as mais experientes. A parte experimental da parte da suspensão moderna já passou, hoje em dia, o pessoal tem bastante informação vivida, muito mais que na escrita (Fabrício, 2017).

Se aprende com profissionais de mais experiência, *workshops* com pessoas de confiança e principalmente buscando as informações mais corretas possíveis... Quanto aos cálculos, eu aprendi tudo em *workshops*, então é meio que um padrão... também tem que analisar a anatomia da pessoa e qual posição vai ser feita... só praticando pra você ter certeza dessas coisas (Ricardo, 2017).

Aqui é possível perceber a suspensão como uma técnica corporal, como propunha o clássico Marcel Mauss. Já que, segundo ele, para ser uma técnica é preciso que seja tradicional e eficaz.

As trocas de conhecimento são bem comuns nesse universo de profissionais da modificação corporal, um profissional mais experiente ensina o que sabe para o que está começando (MANGUINHO, 2012). Analisando os relatos, a suspensão parece assumir essas características, já que é aprendida e transmitida oralmente de qualificados para os menos experientes.

Retomando o tema do preconceito, apesar da prudência e estudo dos *suspenders*, é notável, nos relatos, que os adeptos são vítimas do discurso social estigmatizante. Segundo Howard Becker (2008): “a concepção mais simples de desvio é essencialmente estatística, definindo como desviante tudo que varia excessivamente com relação à média”, então, não é algo individual, mas sim a sociedade que julga a conduta como desviante ou não. Como ele afirma:

Ele [o desvio] é criado pela sociedade [...] grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsider*. Desse ponto de vista, o

desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um 'infrator'. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (BECKER, 2008, p. 21-22).

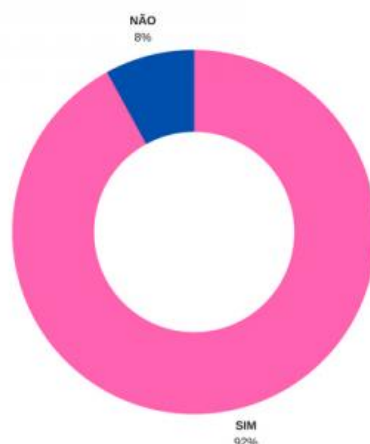
José Carlos Rodrigues também postula:

O mais importante das sanções, porém, é que não devem ser encaradas em relação às pessoas que praticam os atos sancionados, mas como expressões significativas da euforia ou disforia social a eles associados, já que nem os atos, nem as transgressões ligam-se primariamente a pessoas, mas a forças e condições sociais responsáveis pela constituição do sentido e pelo reforçamento e reiteração dos sentimentos do grupo nas mentes dos indivíduos (RODRIGUES, 1975, p.36).

Estes que não seguem as sanções e regras impostas por essa construção corporal através da cultura são vistos como infratores. José Carlos Rodrigues afirma que a constituição da individualidade implicou mudanças radicais nos modos de pensar/sentir e, como resultado, desenvolveu técnicas de proteção do corpo. As fronteiras corporais são mais demarcadas e mais bem defendidas. Porém, o corpo é mais social que individual, já que expressa a vida coletiva. Através da pressão, através de signos simbólicos a sociedade pode acabar oprimindo, marginalizando e deprimindo os indivíduos.

No censo, cerca de 92% de pessoas entrevistadas em 2017 afirmam que há preconceito social em relação à prática da suspensão corporal e 30% dizem ter problemas sociais por realizar suspensões. Como se nota nos gráficos:

Preconceito social com a prática da suspensão corporal:

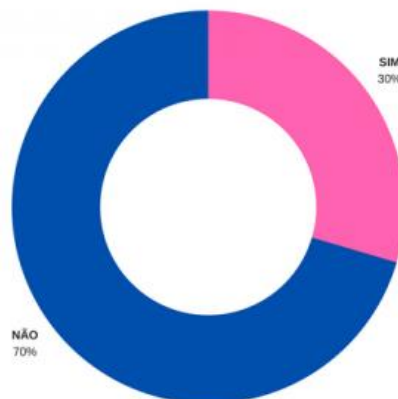


I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 18: Preconceito social com a prática da suspensão corporal (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Problema social por realizar suspensão corporal:



I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 19: Problema social por realizar suspensão corporal (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Todos meus interlocutores também acreditam que existe preconceito com a suspensão, como o próprio responsável pelo censo e adepto da prática, que entrevistei e disse:

Sofri inúmeros preconceitos e ainda sofro. Existe uma linha padrão e qualquer desvio, é excludente. (T. Angel, 2014).

Existe tabu, existe preconceito, existe gente com sérios problemas com a família por realizar a suspensão corporal. E tudo isso gira em torno da posse do corpo do outro, sobre o controle, sobre aquelas pequenas violências que regem nossas relações. (T. Angel, 2017).

A suspensão corporal é, nas sociedades contemporâneas, um ato voluntário e quem opta por essa técnica acaba por assumir uma posição periférica no sistema local, devido ao estigma social. Parece, então, que a “liberdade de expressão”, em uma sociedade dita democrática, é aplicada só na teoria, pois, na prática, o discurso é diferente. A autonomia do indivíduo com seu próprio corpo é penalizada e estigmatizada. Há um conjunto de relações impostas pela sociedade de onde provém todo bem, e todo mal está associado à sua ausência (RODRIGUES, 1975).

2.2. SUSPENSÃO NA ILHA

Fiquei sabendo do evento “Suspensão na Ilha”, em Florianópolis – SC, pela rede social *Facebook*, pois sou membro de grupos de modificação corporal. Conversei com o organizador do evento – que também foi meu entrevistado por meio do *Google Drive* para o TCC- sobre a possibilidade de eu assistir.

Ele me disse que havia pouca inscrição, mas que eu poderia ir e ver todas as suspensões, apesar do encontro ser destinado apenas a quem fosse se suspender e seus acompanhantes. Cada suspensão custaria em torno de R\$ 150,00. Metade paga como sinal, metade no dia do evento. Pelo pouco número de inscritos, o evento programado para os dias 18 e 19 de março de 2017 ocorreu somente no dia 19.



Figura 20: Imagem de divulgação do evento

Fonte: Facebook

Os organizadores marcaram de reunir todos na frente do terminal de ônibus do centro da cidade. Segundo eles, o local das suspensões não seria divulgado e antecipado para não atrair curiosos. Cheguei ao ponto de encontro às 8h15, me apresentei para o organizador e, aos poucos, chegavam os participantes. Todos com tatuagens e alguns com *piercings*.

Durante a espera, uma jovem, namorada de Assis que se suspenderia pela primeira vez, reclamava da dor de ter quebrado a unha. Assis colocou: “Imagina a dor que eu vou sentir”. Ela respondeu: “Essa é uma dor que tu escolheu, eu não escolhi a dor de quebrar a unha”.

Entramos no assunto sobre a dor da fincada para fazer uma vacina ou tirar sangue. Comentaram que os profissionais de saúde sempre dizem a eles: “Tu és cheio de tatuagem, nem vai sentir”. Indignados, afirmaram que não há relação, que as dores e as agulhas são diferentes. A agulha de tatuagem, segundo eles, é muito menor. Todos foram unânimes em dizer: “Eu não gosto da dor, eu gosto do resultado da tatuagem”.

Decidimos partir. Faziam parte de grupo dez pessoas: eu, três profissionais, três que seriam suspensos e suas três namoradas. Nos dividimos em dois carros. Eu fui com dois casais; um dos rapazes, Matheus, é *body piercer* e me contou que esperava há anos para se suspender. Seria sua primeira suspensão e pelas costas. Perguntei se estava nervoso, ele respondeu que até aquele momento estava tranquilo. Meu outro companheiro de viagem, também chamado Matheus (por isso chamávamos o primeiro por seu apelido Jamaica), faria sua terceira suspensão em menos de um ano. Desta vez pelas nádegas. Confessou que estava ansioso para saber que sensação teria, mas que um de seus medos era que puxassem demais o ânus.

No outro carro, foram os três profissionais: Ralado, o organizador do evento e *suspender*; Ricardo, também *suspender*, responsável pelo grupo *Mente Suspensa*, e Fabrício, *body piercer*; além de Assis (que se suspenderia pela primeira vez e que trabalha como tatuador no estúdio de Fabrício) e sua namorada.

Perto das 10h, fomos em direção ao Parque Municipal Lagoa do Peri; paramos em uma figueira de frente para lagoa. O “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1998) me auxiliou a captar as informações de campo. Fabrício tirou do carro a maca e seus equipamentos; Ricardo e Ralado, os dois *suspenders*, também pegaram suas malas com os apetrechos.

Enquanto os organizadores montavam tudo para as sessões, outro grupo foi a um supermercado próximo comprar água e frutas. Eu fiquei no parque acompanhando a montagem das roldanas, colocação das cordas e tirando fotos. Assim que o grupo voltou, ficou decidido que comeríamos antes de começar a jornada, pois tínhamos tomado café da manhã há bastante tempo. As fotos a seguir buscam retratar o local e a montagem dos equipamentos para as sessões de suspensão.



Maca onde são feitas as perfurações.



Cordas e roldana.



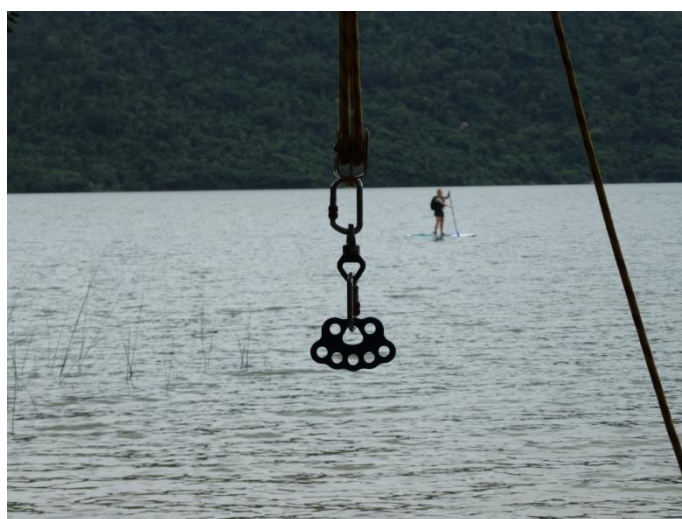
Ganchos de aço cirúrgico e gazes.



Ricardo ajustando as cordas.



Ralado pendendo a corda do galho da árvore.



Lago Peri e placa de ancoragem onde são engatados os ganchos.

Logo após, Ralado perguntou: “Quem vai primeiro?”. Alguns segundos de silêncio e Jamaica logo se prontificou. Fabrício pediu que ele tirasse a camisa e começou uma massagem nas costas de Jamaica para “descolar” a pele do músculo. A posição “*Suicide*” com um gancho em cada lado das costas é a mais popular e menos dolorosa, logo é a mais indicada para quem se suspende pela primeira vez, como era o caso.

Ricardo pediu que ele sentasse na maca e começou a fazer as medições e marcas com caneta permanente nos locais do corpo onde seriam necessários os furos para colocação dos ganchos. É possível ter uma noção mais clara de como é a técnica com o depoimento do profissional em suspensão Ronaldo Sampaio:

O corpo é examinado para que sejam decididos os melhores lugares, quantidade e tamanho dos ganchos de aço cirúrgico que serão inseridos através da pele para que a pessoa seja erguida do solo. Múltiplos ganchos são geralmente situados em torno dos ombros, antebraços e costas, bem como ao redor dos joelhos (isto depende da posição na qual o corpo ficará suspenso). Encontrar os locais e as quantidades de ganchos apropriadas envolve habilidade matemática e compreensão incisiva sobre o local e preparo da pele, bem como sobre a resistência da pele do indivíduo em questão... Se a quantidade de ganchos for desproporcional ao local, a pele do *performer* [indivíduo suspenso] será incapaz de suportar o peso do corpo e se romperá. Também, a quantidade de peso que cada gancho suporta deve ser distribuída igualmente através de todo o corpo - qualquer desequilíbrio pode provocar uma lesão e desconforto contínuo do suspenso (SAMPAIO, 2010).³⁵

Assim que calcularam os pontos dos furos, abriram o pacote da agulha descartável e a colocaram na ponta do gancho, pediram pra Jamaica encher o pulmão de ar e, ao soltar o ar, eles fizeram uma contagem. Ao chegar no número três, transpassaram o gancho do lado esquerdo das costas de Jamaica. Ricardo perguntou: “Tranquilo, mano?” “De boa!” “Achou sussa³⁶?” “Achei foda!” “É! Respira!”. O cuidado dos profissionais me chamou a atenção. Daniel Lírío expressa:

Ao contrário do que poderíamos apressadamente imaginar [já que a prática parece agressiva], a atitude do suspensor para com o suspenso é de cuidado e atenção. Para promover uma boa experiência será preciso considerar e antecipar as sensações envolvidas, como forma de preparação e aceitação. Na grande maioria dos casos, os suspensores também são praticantes e, portanto, têm uma memória corporal das sensações eliciadas. Juntamente com o conhecimento dos procedimentos e normas técnicas, há o próprio corpo em jogo como fonte de saber sobre a experiência. (LÍRIO, 2008, p. 60).

³⁵ Disponível em: <http://piercer-snoopy.blogspot.com.br/2010/11/suspensao-humana-minha-experiencia.html>

³⁶ Gíria para designar tranquilo / sossegado.

A suspensão é um momento de entrega em que o suspensor tem a responsabilidade de conduzir o suspenso. O autor descreve em seu livro o cuidado, que eu também pude observar em campo, dos profissionais com os clientes:

Quando meramente nomeados, os atos de perfurar e puxar a pele indicam uma atitude bruta e violenta. No entanto, paradoxalmente, o modo, o ritmo e o tom afetivo das intervenções, se bem observados, sugeririam, ao contrário, um profundo cuidado e, às vezes, até um carinho com o corpo do outro. Isso pode ser visto no aviso ao suspendente antes de cada perfuração, no cuidado com a precisão do movimento, firme e retilíneo, na tentativa de elevar e descer o suspendente de forma suave – apesar da dificuldade dessa manobra –, nos curativos efetuados e nos cuidados para evitar sangramento desnecessário ou contaminação (LÍRIO, 2008, p. 62).

Descartaram a agulha num recipiente para lixo “tóxico” que tinham levado. Fecharam o gancho e fizeram o mesmo procedimento do lado direito das costas. Pediram a Jamaica que se levantasse e se posicionasse na frente da figueira, de onde uma das cordas pendia de um galho.

Engataram os ganchos no dispositivo que ligava as cordas. Perguntaram se Jamaica estava preparado e ele respondeu que sim. Aos poucos, Ralado começou a puxar a corda para elevá-lo, enquanto Ricardo ficou analisando os ganchos que puxavam a pele. Pediram para ele caminhar pra frente e pra trás até o momento em que começou a ser suspenso. Já no alto, Ricardo perguntou: “Bem?”. Jamaica apenas sorriu, Ricardo continuou: “Nunca tão bem, né? Eu sei!” Jamaica completou: “Demais”. Ricardo concluiu: “Aproveita, é tudo teu”. Ricardo balançou Jamaica no ar e disse para ele relaxar a perna. Jamaica, só sorrisos, disse:

“É uma sensação muito boa, é muito legal!”. Ricardo: “É uma brincadeira, né?” Jamaica: “É muito divertido”. Fabrício brincou: “É, eu adoro soltar pipa, só que humana”.

Após uns 20 minutos, Jamaica disse: “Cara, acho que deu pra mim”. Ralado, aos poucos, vai baixando a corda. Ao descer, ele agradeceu os profissionais, tirou foto com eles e abraçou Rafaela. Ricardo perguntou se ele queria ficar com os ganchos pra subir de novo mais tarde e ele respondeu que sim. Apenas estancaram o sangue e deixaram os ganchos pendurados.

Jamaica decidiu que não iria subir novamente e pediu para Ralado tirar-lhe os ganchos. Ralado atendeu e me chamou: “Tu quer ver isso?” Ele massageava as costas de Jamaica para tirar o ar e bolhas de ar e sangue saíam dos furos. Daniel Lírio constata:

Interessante notar a frequência com que é mencionado nos relatos [dos suspendidos] o momento de retirada das bolhas de ar da pele, decorrentes da

suspensão. Etapa aparentemente secundária, parece marcar profundamente alguns praticantes, seja pela demonstração de cuidado, seja pelo bônus de contato – apesar do uso das luvas cirúrgicas, obviamente (LÍRIO, 2008, p. 62).

Bárbara, ao ser entrevistada, também focou bastante na importância da massagem. Ela pode comparar, pois, na primeira vez, a massagem foi feita e na segunda, não. Ela relata:

Na segunda [suspensão] doeu bastante... tu tem que cuidar pra tirar o ar né, tem que fazer uma massagem e da segunda vez não foi feito e eu chorei de dor, eu não conseguia me mexer porque tava tudo duro... eu fui na massagista duas vezes. Uma massagista me falou que fazia toda semana em um guri que fazia suspensão e que ela nunca tinha visto nada igual porque tinha muito ar nas minhas costas. Então é muito importante o cuidado (Bárbara, 2016).

No evento pude presenciar a prudência dos profissionais com esse cuidado. Após a massagem, foram feitos dois curativos nas costas de Jamaica. O período pós-prática pode ser analisado a partir da explicação de Ronaldo Sampaio:

Inicia-se uma massagem local a fim de remover o ar que fica nas camadas internas da pele. Esta drenagem deve ser feita para que a contaminação externa do ar não cause sérios problemas nos locais onde forem aplicados os ganchos. Um curativo deve ser colocado no local após o estancamento e a limpeza da pele. No dia seguinte, o suspenso mentalmente sente-se bem, afinal venceu os seus medos no dia anterior, em compensação o corpo fica pesado, a pele no local onde estavam os ganchos parece ainda estar descolada... Uma sensação de peso corpóreo é sentida por algumas pessoas que foram suspensas... (SAMPAIO, 2010)³⁷

As imagens a seguir mostram as etapas da suspensão de Jamaica.

³⁷ Disponível em: <http://piercer-snoopy.blogspot.com.br/2010/11/suspensao-humana-minha-experiencia.html>



Fabrício massageando as costas de Jamaica.



Ricardo fazendo as marcações dos furos com caneta.



Perfuração das costas de Jamaica.



Jamaica com os dois ganchos nas costas.



Ricardo e Ralado plugando os ganchos no sistema de cordas.



Suspensão *Suicide* de Jamaica.



Ricardo balançando Jamaica no ar.



Descida de Jamaica e desenganche dos ganchos das cordas.



Abraço de agradecimento de Jamaica em seu suspensor.



Retirada dos ganchos das costas de Jamaica.



Ralado fazendo a massagem para a retirada de ar das costas de Jamaica.



Ralado fazendo os curativos nos locais dos furos

Notei cumplicidade entre *suspenders* ou suspensores com os adeptos. Pelos relatos, estes últimos buscaram conhecer as posições e os profissionais anteriormente ao evento e demonstravam bastante confiança neles. Kênia Kemp afirma:

Os rituais de modificação corporal, mesmo que por intermédio de técnicas que provoquem dor, objetivam sensações que integram o indivíduo e sociedade, proporcionando sensações que passam pelas noções de conforto, confiança e participação (KEMP, 2005, p.54).

O trecho da entrevista com Bárbara confirma:

Eu me preparei afu [gíria do Rio Grande do sul para designar intensidade] e tava bem confiante com a galera que ia fazer também... era uma galera que eu conhecia, já acompanhava há algum tempo (Bárbara, 2016).

Pelo que pude perceber, cria-se também um vínculo afetivo dos suspensos com os profissionais após a prática. Como na conversa com João, me foi relatado que suspender alguém era tão emocionante quanto ser suspenso, que a troca de “energias”³⁸ era bastante forte: “Eu acho muito legal, porque pra mim é tão emocionante participar assim da suspensão, fazer a pessoa subir... do que propriamente ser suspenso”. Ralado faz um relato parecido:

É a mesma sensação de "empoderar" alguém... como se a pessoa estivesse recebendo ou tendo a oportunidade de fazer uma coisa fantástica, e você é o responsável por proporcionar aquilo... quando a pessoa tira os pés do chão e abre aquele sorriso, pra mim, não tem nenhum outro trabalho que proporciona tanta satisfação, como profissional e como pessoa. (Gian Carlo - Ralado Piercer, 2017).

Retomando o evento, Assis quis ser o segundo. Igualmente era sua estreia em suspensão e também seria pelas costas. Ralado, auxiliado por Fabrício fez as marcas e os furos. Mesmo procedimento anterior.

Assis relatou que a dor de ter posto *piercings* nos mamilos foi maior do que a dor de por os ganchos de suspensão. Ficou da mesma forma, de pé na frente da figueira, e Ricardo começou a puxar a corda. Assis fechou os olhos e andou pra frente e pra trás. Chegou a ficar na ponta dos pés e não conseguiu subir. Achou que a pressão arterial tinha baixado. Pararam de puxar a corda e ele ficou sentado frente ao rio. Tomou água, enquanto Ralado conversava com ele. Posteriormente, perguntei para Assis o que havia acontecido, o que ele havia sentido e me respondeu:

Antes da suspensão, tinha em mente ficar tranquilo e relaxado pra que fosse confortável pra mim, mas conseguir se desligar do chão e subir é muito difícil, mas depois que você se desliga e deixa subir, a sensação é de alívio, um pouco de pressão no peito, e de estar voando (Assis, 2017).

³⁸ Energia: categoria utilizada pelos grupos ‘alternativos’ como substrato, ao mesmo tempo, material e espiritual da vida (SOARES, 1994).

Quando é feita pela primeira vez, o indivíduo sente dor extrema, náuseas e pode entrar em colapso ou produz mais adrenalina, endorfina e dopamina; experimentar uma espécie de “transe” e parar de sentir a maior parte da dor (MEYER, 2011; OLIVEIRA, 2016). Pediram para eu sair com a câmera da frente do campo de visão do principiante. Ficamos todos reunidos atrás, enquanto Assis se concentrava. Ficou alguns minutos ali até tentar de novo.

Ricardo novamente puxou a corda e o elevou. Aplausos. Ele ficou inerte lá no alto. Não se mexia. Assis pediu pra descer e também teve os ganchos retirados. Perguntei para Ricardo como ele lidava com o eventual medo das pessoas ao que me respondeu: “Procuro passar tranquilidade e saber se a pessoa quer mesmo isso”. Ralado também garante:

É importante que o profissional tenha consciência de que ele é uma ferramenta muito importante, mas a suspensão é de quem tá sendo suspenso, cada ser lida de uma forma distinta com isso; eu penso que o papel do profissional é orientar e conduzir, apenas, então eu tento lidar com o máximo de paciência possível, tento entender a dificuldade da pessoa e ajudar ela a alcançar seu objetivo (Gian Carlo - Ralado *Piercer*, 2017).

As próximas fotos mostram os procedimentos e a suspensão de Assis.



Ralado marcando com caneta as costas de Assis.



Marcação com caneta nas costas de Assis.



Fabrício fazendo a inserção do gancho do lado esquerdo das costas.



Ralado engatando os ganchos nas cordas.



Ralado conversando com Assis.



Assis tirando os pés do chão.



Suspensão *suicide* de Assis.



Retirada dos ganchos das costas de Assis.



Massagem pós-suspensão para retirada de ar das costas de Assis.



Furos do lado esquerdo das costas e curativo feito no local dos furos do lado direito.

Eu aguardava ansiosa pela terceira sessão, pois nunca tinha visto uma suspensão pelas nádegas. Ralado interrogou Matheus sobre estar à vontade com a presença das pessoas, uma vez que teria que tirar as calças. Ele respondeu que “tudo bem” e que posa nu como modelo para os estudantes de artes da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Ralado também perguntou a todos se alguém tinha alguma restrição à nudez. Como não havia, Matheus tirou as calças e ficou de pé para ser marcado. Yasmin, a namorada de Matheus, raspou os pelos da nádega dele com uma navalha. Enquanto isso, frequentadores do parque passavam por ali e, sem entender nada, riam. Após a depilação, Ricardo fez a marcação com caneta. Pediram a Matheus que deitasse na maca de barriga pra baixo e que respirasse profundamente. Contaram até três. Ricardo e Ralado transpassaram o primeiro gancho na nádega direita e após na nádega esquerda.

Ricardo repetia que estava feliz, que nunca tinha “subido” ninguém pelo “traseiro”. Matheus caminhou até a beira do rio e os profissionais pediram pra ele apoiar as mãos no chão, ligaram os ganchos na corda e foram puxando. Matheus ia levantando as pernas, ficou na posição de ponte, na ponta dos pés e, de repente, saiu do chão de fato. Gritos de euforia. No alto, ele ficou de cabeça pra baixo. Eu não sabia muito bem como tirar as fotos para não expor demais o rapaz.

Essa foi a suspensão mais rápida. Ricardo quis descê-lo para analisar a pele. Tinha rasgado um pouquinho, mas disseram que era natural naquela posição. Na areia, Matheus estava apoiado nas mãos e nos joelhos, enquanto sua pele era cuidadosamente analisada. No rio, num caiaque ao longe, uma senhora parou por minutos para tentar entender o que ocorria na margem. Todos caíram na gargalhada. Matheus, de costas, nem viu. Ele quis subir de novo, mas Ricardo o desestimulou. Matheus disse: “Eu queria ir de novo, gostei muito, mas se vocês que são profissionais acham melhor não, não vou arriscar”. Saiu orgulhoso, agradeceu a todos, disse que gostou da experiência. “Só queria ter ficado mais”. Ralado respondeu que suspensão “pelas nádegas é assim mesmo, não dá pra ficar muito tempo”. Matheus deitou na maca, tiraram-lhe os ganchos, fizeram o curativo e ele vestiu as calças. A suspensão de Matheus é retratada a seguir:



Massagem na nádega de Matheus.



Inserção de gancho na nádega de Matheus.



Matheus se preparando para subir.



Suspensão Astronaut de Matheus.

Houve uma quarta suspensão que não estava programada. Ricardo, que já se suspendeu mais de oito vezes pelos joelhos, queria ficar pendurado por um só. Sentou-se na maca, mediu e marcou o próprio joelho. Os colegas ofereceram ajuda e ele rejeitou, mas pediu auxílio na hora de fechar o gancho (esse era um gancho diferente, chamado de *Gilson*, um travessão que unia duas peças e formava um triângulo). Ele disse: “Mano, eu aprendi isso pra fazer em mim mesmo”. Sentou-se no chão na frente do rio, engatou o gancho na corda e ficou com o joelho pra cima.

Ele mesmo puxava a corda. Só pediu para Ralado: “Vai controlando aí, mano” referindo-se a pele. Ralado respondeu: “Tô aqui”. Enquanto ele puxava a corda, Ralado analisava de perto o joelho.

Começou a chover, tentamos esconder os equipamentos e mochilas sob a maca para que nada molhasse e nos refugiamos embaixo da figueira. Ricardo levantou parte do corpo do chão, mas permaneceu com as costas encostadas na areia. Ralado achou que não dava mais, que a pele já não aguentava. Ricardo aceitou e baixou a corda. Tirou o gancho e, frustrado, fez o curativo. Ilustrado a seguir:



Ricardo massageando e marcando o próprio joelho.



Ricardo perfurando o joelho esquerdo.



Ricardo ligando o gancho à placa de ancoragem.



Suspensão *knee* de Ricardo.



Ralado analisando a pele de Ricardo suspenso.



Ralado analisando a pele de Ricardo suspenso.

Conversando, soube que Rafaela e Jamaica moravam no mesmo bairro em que eu estava hospedada na casa de uma amiga. Às 15h, partimos. Todos com muita fome. Matheus e Yasmim iriam para um aniversário que seria comemorado em outro parque. Para lá chegar, era necessário fazer uma trilha, porém, após suspensão Matheus desistiu da caminhada e o casal decidiu voltar conosco. Nos despedimos dos que ficaram. Fiquei de mandar as fotos e conversar com Ralado outro dia.

No caminho, falamos sobre as sensações que cada um teve. Nessa ocasião, não fiz entrevista, optei por uma conversa descompromissada. Inclusive para mim, a intensidade e a “energia” do encontro era muita e senti que nenhum deles ainda tinha codificado, no momento, o que de fato sentiu. Fiquei com o contato dos profissionais e dos adeptos para, mais adiante, enviar as perguntas.

A noção de energia perpassa as narrativas dos entrevistados e inclusive a minha ao me sentir afetada³⁹ pelas suspensões. Segundo Soares (1994), o conceito é presente na cultura e nos discursos alternativos. A energia, nessa concepção, seria aquilo que existe de comum entre os seres humanos e a natureza e, também, a tentativa desses de estabelecer um vínculo subjetivo com a natureza nos moldes pré-modernos. Além de observar a existência de uma tentativa holística modernamente inusitada, de integrar corpo/mente/alma. Segundo o autor:

Transportado para a natureza, o espírito se desindividualiza, se descola da personalidade e de suas complexas singularidades, assumindo a identidade difusa de uma presença conectora e inteligente, isto é, dotada de sentido ou inteligibilidade e movida segundo a orientação determinada por sua ordem imanente. A ordem se revela à intuição humana e, por vezes, à razão, inscrevendo-se na raiz comum (universal) de seu espírito. O caráter sintético ou unificador e abrangente ou integrador da natureza - produzido graças à mediação simbólica operada pela categoria energia - lhe atribui o escopo da totalidade e o sentido de comunhão inteligente. A natureza, afinal, pertencem todos os seres (SOARES, 1994, p. 193).

Assim, a energia é a moeda de troca desse grupo alternativo, que tem uma linguagem comum, independente das diversidades. O equilíbrio corpo – espírito - natureza é aferido na “balança energia”.

³⁹ Eu não fiz suspensão. O sentido de afetada, aqui, não é o mesmo da expressão usada por Jeanne Favret-Saada (2005) que defende que, quando o etnógrafo está em um tal lugar e é bombardeado por intensidades, essas têm que ser experimentadas.

2.3 ENCONTRO DE SUSPENSÃO DO SUL

Soube, também pela rede social *Facebook*, da jornada promovida pela *Surreal Crew* em parceria com a Diabos Mutantes (SP) no feriadão, entre 7 e 10 de setembro de 2017, em Esteio –RS, sede da Surreal. A Surreal Crew existe como estúdio de *tattoo* e *piercing* desde 2009. Já com suspensão, começou em 2013 e é uma das Crews que mais tem visibilidade nacional. Combinei com Marie de chegar no dia da abertura, dia 7, por volta das 16h30, para que pudéssemos conversar previamente. A primeira suspensão estava agendada para às 18h.

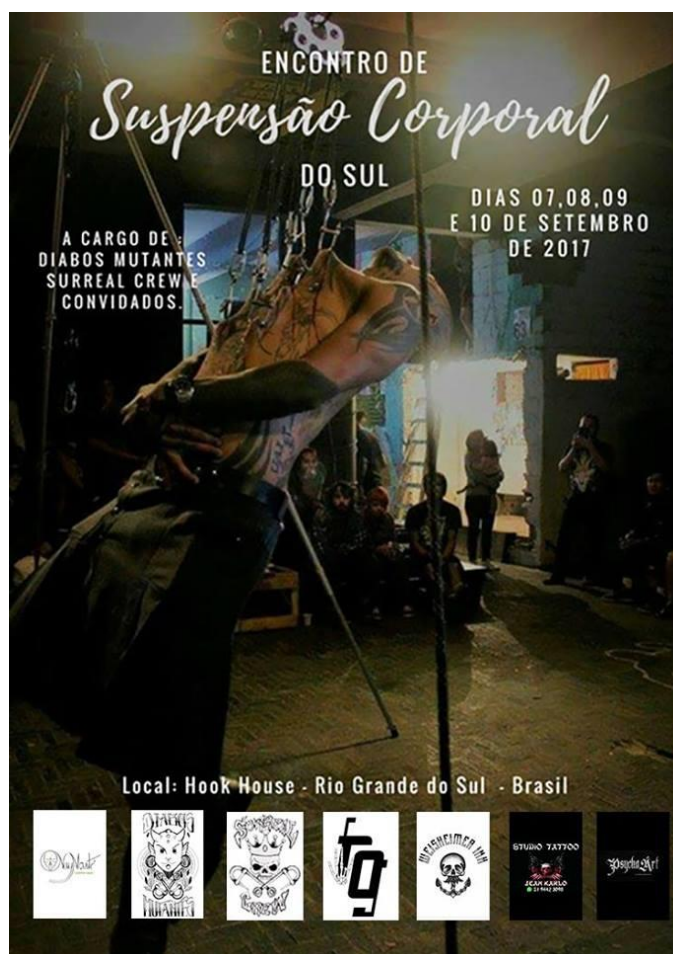


Figura 26: Imagem de divulgação do evento nas redes sociais.

Fonte: Facebook

Moro em Porto Alegre e Esteio é um município vizinho que não conhecia. Tive receio de me perder, mas após pegar dois ônibus e um trem, cheguei à casa de Marie, a apelidada *Hook House*. Não foi difícil reconhecer a residência de dois andares cuja fachada estava grafitada com o nome *Surreal Crew*. Como não achei a campainha, chamei pelo nome dela, liguei e ouvi o celular tocar do lado de dentro, mas ninguém atendeu, bati palma até que a janela do segundo piso abriu e apareceu uma senhora com

um bebê no colo. Perguntei por Marie e ela, confiante, me ordenou: “Entra aí, vira a chave!”. A chave estava pelo lado de dentro da porta e o portão da garagem estava aberto. Entrei timidamente indo em direção ao pátio cercado por muros azuis da cor da casa, com piscina e com uma estrutura de ferro bastante alta de onde pendem as cordas para suspensão. Lá, estavam uma mulher e seis homens: Nayara, Marcos, Arthur, Fabrício, Henrique, Caíque e Ângelo. Do último, apelidado de Du ou *Freak Boy* eu já tinha ouvido falar em minhas pesquisas. Trata-se de um dos nomes mais importantes da suspensão corporal e membro da equipe Diabos Mutantes de São Paulo. Novamente, perguntei por Marie e soube que fora comprar cerveja. Do andar de cima, a senhora que me mandou entrar gritou: “Chegou uma menina aí?”. Responderam afirmativamente. Me apresentei, contei sobre o trabalho e que meu propósito era analisar a suspensão sobre várias formas. Expliquei que eu conhecia o trabalho da Nathalia Abreu sobre suspensão como ritual com foco empírico na Diabos Mutantes. Henrique⁴⁰, casado com Marie, vibrou: “Massa! Aqui a gente leva mais como esporte”. Marie já tinha me dito isso. Eles me convidaram para sentar, me deixaram à vontade e me ofereceram cerveja. Em seguida, chegou Marie e mais três: Matheus, Affonso e Gerson. O primeiro eu já conhecia do evento Suspensão na Ilha, ocasião em que ele se suspendeu pelas nádegas. Eles guardaram as compras e foram para o pátio. Marie e Matheus me cumprimentaram; os outros apenas se sentaram junto ao grupo. Eu quis saber o planejamento do dia e me colocaram que, às 18h, era a iniciação de um jovem e, na sequência, à noite, seria a vez de Fernanda, que descansava dentro da casa. Reconheci Affonso, namorado da Fernanda, a Fê, e ele me confirmou que ela era a mesma pessoa que eu tinha visto em suspensão no evento da *Ritulz*. Como já dito, normalmente os adeptos da suspensão costumam frequentar os mesmos lugares e mesmos eventos.

A maioria dos presentes era de outros estados e até de outro país: Arthur, de Minas Gerais; Ângelo e Caíque, de São Paulo; Matheus, de Santa Catarina; Nayara, do Rio de Janeiro e Fabrício, do Chuy- Uruguai. Já Henrique, Gerson (tatuador que ainda pretende se suspender), Affonso e Fernanda são gaúchos. Exceto Gerson, que mora em Canoas, os outros estavam hospedados na casa de Marie e, por isso, colchões estavam espalhados pela casa inteira. Nayara, que tem uma empresa de comida vegana - a Naymastê, cuidava da alimentação.

⁴⁰ Depois, eu soube que ele nunca tinha se suspenso, mas que auxilia todas as suspensões.

Enquanto o aguardado estreante não chegava, Du mostrava-se ansioso por começar. -“Quem vai, quem vai?” E se dispôs, ele próprio, a começar “os jogos”. Queria se pendurar pelas costas, “só pra brincar!” Arrumaram as cordas na estrutura. Marie pediu para acordarem Fernanda para que ela a ajudasse na suspensão. Arthur resolveu me esclarecer: “A gente tá aqui bebendo cerveja e se suspendendo porque a gente tá acostumado com a suspensão, já sabe as sensações. Mas, quando se faz pela primeira vez é bom fazer de cara⁴¹, porque tu não sabes o que vais sentir... não vai escrever no teu trabalho que a gente se suspende locão, hahaha!”

Marie me permitiu acompanhar as perfurações. Em quase todos os dias do evento, ela consentia, só ficava reticente quando era uma “iniciação” e, então, consultava a pessoa. Fomos para o estúdio onde as perfurações eram feitas. Matheus, que também é modificador corporal, se dispôs a ajudar Marie para não ser necessário acordar Fernanda. Porém, esta já estava desperta e foi, também, para o estúdio. Marie aceitou a ajuda dele e, ambos, colocaram luvas, separaram as agulhas e ganchos. Massagearam as costas de Du, transpassaram o gancho num dos lados das costas e, mesmo ele sendo bastante experiente em suspensões, Marie perguntou: “Tá tudo bem?”. Respondeu que sim e continuaram o procedimento do outro lado do seu corpo.

Voltamos para o pátio, Marie plugou os ganchos nos mosquetões que são engatados na placa de ancoragem. Começaram a puxar a corda e Du correu de um lado para o outro, subiu, pediu para subir mais, ficou lá no alto fazendo estripulias, baixou, abraçou um amigo e voltou a subir com ele no colo. A cena se repetiu com outro camarada. Marie vibrou: -“Que massa começar logo com uma suspensão do diabo⁴² !”

Chegou o rapaz esperado, também chamado Mateus, acompanhado de uma moça. Esta primeira suspensão, ele optou fazer pelas costas porque é mais fácil tirar os pés do chão e menos dolorida. Não acompanhei a perfuração dele, pois eu tirava fotos da suspensão do Du. Chegado o momento, pediram para Du liberar a estrutura. Ele saiu e deitou no chão para descansar. Plugaram Mateus na placa e ele não demorou muito para tirar os pés do chão. Todos aplaudiram. O iniciado pediu para subir mais alto e o elevaram. A parceira dele me pediu dicas para tirar fotos boas e eu expliquei que também era leiga no assunto.

⁴¹ Expressão usada para sóbrio.

⁴² Outro apelido de Ângelo por ser do Diabos Mutantes.

Um colchão no pátio servia para os expectadores sentarem. Eu estava ali com Nayara observando Mateus no alto quando ela me disse: “É uma superação, né? É tu que tira os pés do chão quando te sente pronto, não são eles que te puxam”. Eu pensei e observei: “Pois é, mas dizem aqui que é mais pro lado do esporte. Então, em que momento deixa de ser esporte para ser superação?”. Nayara concluiu: “Eu acho que o que é depende pra cada um, mas tu pode também ter uma superação no esporte sim”.

Mateus quis descer e ficar um tempo com os pés no chão. Tomou água e logo subiu outra vez até pedir para descer definitivamente. Fernanda e Marie o acompanharam até o estúdio para retirar os ganchos. Ele sorriu e revelou estar muito bem. Descreveu ter sido uma experiência “muito legal”. Marie relatou: “É aquilo: ‘não vou conseguir, não vou conseguir!’ E, quando tu vê, já tá sem os pés no chão. E depois é muito bom, né? Mas a superação tá aí no vai, não vai”. Marie massageou as costas de Mateus e explicou que a sensação de bolhas nas costas, ou de “chocolate aerado”, como ela denominou, é normal. Fez o curativo e convidou o casal para ficarem nas outras suspensões.

Du, que permanecia com os ganchos, tomou banho, pediu para Marie voltar a plugá-lo nas cordas e voltou a se balançar. Mateus e a jovem foram embora. Pouco tempo depois, Du decidiu parar. Colocaram um frame (barra de metal na horizontal com anéis onde são transpassadas cordas para plugar os ganchos) para suspensão de Fernanda. Ela saiu do pátio para tomar banho e, também, se maquiar, para se “suspender linda”, segundo ela.

Isso feito, voltou para o pátio onde já a esperava um casal de amigos convidado para sua suspensão. Antes da dupla chegar, Fernanda ligava ansiosa perguntando onde estava e o motivo da demora. Era quase 20h, quando ela foi para a preparação no estúdio. Du e Marie fizeram a marcação dos oito ganchos. Eu tive que deixá-los devido a um compromisso no centro de Porto Alegre às 21h. Dividi o valor da corrida de um *Uber* com Gerson até a estação de trem de Esteio. Ele iria para Canoas e, então, pegamos o mesmo trem. As próximas fotos mostram os materiais e como foi o primeiro dia de jornada.



Pessoal reunido no primeiro dia do encontro. Foto tirada por mim do celular de um dos participantes, retirada do *Facebook*.



Fita e placa de ancoragem que liga os ganchos às cordas.



Kit com ganchos, agulhas, cordas.



Suspensão *suicide* de Ângelo (Du).



Suspensão *suicide* de Mateus.



Marie faz a marcação dos furos em Fê.

Tinha combinado com Marie de, no dia seguinte, chegar no mesmo horário. Ela afirmou que não começaria antes das 16h30. Na manhã do dia 8 de setembro, Marie me enviou uma mensagem por *Facebook* avisando que adiantariam para às 14h30. Como eu tinha consulta médica, justamente nesse horário, consegui chegar às 17h. A anfitriã disse: “Recém, acabou uma! Chegou a tempo de, ainda, pegar duas. Entra e fica à vontade”. No pátio tinha mais gente do que no dia anterior, sendo sete novos, além dos hóspedes. Pela mudança de horário, eu perdi duas suspensões nesse dia: a de Keli, uma mulher já “iniciada” e bastante modificada com *tattoo* nos olhos e língua bifurcada; e a de Fabrício, que subiu de cadeirinha, ou seja, como se estivesse sentado com dois ganchos nas costas e um em cada joelho.

Sentei no colchão para esperar a próxima. Ali já estavam Vanessa e a filha de um ano, Ravena. Perguntei a ela se iria se suspender e sua resposta foi que nunca tinha feito, que tinha ido ver, gostou e estava pensando em se suspender no domingo. Fabrício sentou ao meu lado e contou sobre sua suspensão: “Subi de cadeirinha e, em cima, eu coloquei um *skate*, porque eu gosto de *skate*”. Me mostrou, no celular, os vídeos e disse ser uma “superação”. Contou que é tatuador no Uruguai e que começou a se aproximar da suspensão aos poucos. Aquela tinha sido a segunda vez dele. Teve curiosidade em saber se eu pensava em me suspender e lhe respondi que não tinha coragem. Ele contestou com sotaque: “Tu tem um alargador de dez milímetros, aposto que doeu mais”. Eu justifiquei que comecei com quatro milímetros, que fui alargando aos poucos e ele rebateu: “Então! A agulha pra suspensão também é de quatro/cinco milímetros, um milímetro a mais, é a mesma coisa!”. Olhou para Vanessa e continuou: “Tu também, esse micro dermal aí da testa deve ter doído bem mais do que a perfuração pra suspensão”. Eu achei estranho ele puxar tanto assunto, tendo em vista que, no primeiro dia, nem falou comigo e nem com os outros; parecia bem introspectivo. Depois, circulando pelo pátio, ele se abriu com Keli: “Eu tô bem melhor agora, tu também, tá com cara de quem tá melhor!”. Henrique sentou no colchão e me avisou: “Segunda-feira, dona Mary⁴³ vai se suspender, a primeira suspensão dela, aos 66 anos. Já ser massa se tu viesse pra registrar”. Acrescentaram mais um dia na jornada, dia 11.

Enquanto isso, Marie preparava a suspensão de Mima e, ao aprontar tudo, a chamou. Pedi para acompanhar e me esclareceu que tinha que consultar a cliente, pois

⁴³ Mãe de Marie.

era a segunda suspensão dela e poderia estar ansiosa. Após, me fez o sinal de que estava liberado. No estúdio, estavam Mima, Marie e Du para fazer as perfurações; eu e Caíque para tirar fotos e uma amiga de Mima que dizia não conhecer a prática até a estreia de Mima. Justamente, a primeira vez de Mima também tinha sido com Marie, em uma jornada em São Paulo, ainda em 2017. Naquela ocasião, ao retirar os ganchos, Marie perguntou o que ela cursava e Mima revelou que estava na faculdade de Medicina. Marie falou aliviada: “Que bom que ela me contou só no final, se não eu ficaria nervosa na hora da suspensão dela, querendo ou não, ela tá ligada no bagulho, né?” Caíque avaliou que achava muito legal Mima se aproximar da suspensão porque, normalmente, a categoria médica é contra as modificações corporais.

Na sala de procedimentos, Mima disse que fazia Medicina em Rio Grande, mas que era natural de Goiás. Informou que tinha intenção de bifurcar a língua em uma próxima oportunidade. Anunciou que queria fazer nela mesma, mas que pediria ajuda de Du, que é modificador corporal, que concordou com a intenção dela. Caíque agregou que estudava enfermagem e Marie completou dizendo ter feito o curso de técnico de enfermagem: “Que legal, todo mundo da área da saúde”. Mima parecia bem ansiosa e perguntava: “Não vai ter massagem?” Marie tranquilizava: “Claro que vai, te acalma, a gente tá só marcando”. Mima começou a rir e nós ríamos da risada dela que era bem engraçada.

Mima, dessa vez, se suspenderia pelo joelho. Marie separou os *Gilson's* (gancho com uma trava que parece um triângulo) e fizeram a massagem. Marie perguntava pra Du: “Vamos na minha contagem ou na tua?” A de Marie, mais rápida, foi a adotada. Marie furou primeiro o joelho esquerdo e perguntou se estava tudo bem com Mima, que respondeu: “Super de boa!” Em seguida, Du furou o direito.

Fomos para o pátio, onde Mima deitou numa toalha, no chão, antes de surbir. Ligaram os ganchos à placa. Marie sentou ao lado de Mima para conversar. Aos poucos, ela foi tomando confiança e pedindo para Du puxar a corda. À medida que se afastava do chão, Marie a segurava até que o corpo todo ficou pendurado no ar. Marie perguntou: “Tudo bem?” Ela respondeu: “Que tesão!”. Pediu para a elevarem mais alto. Lá de cima, a balançavam e ela, sorrindo, se divertia. Ficou bastante tempo suspensa e pediu para descer. Ofereceram a toalha para que deitasse. Assim que se estirou, desplugaram os ganchos. Depois de uns minutos do repouso dela, fomos para a retirada

dos ganchos no estúdio. Fizeram os curativos e ficamos no pátio esperando a próxima suspensão.

No colchão, ao lado de Fernanda, pedi para me contar como fora a suspensão dela no dia anterior. Entusiasmada revelou: “Foi massa, mas eu já não aguentava mais”. Foram oito ganchos na lateral, com o braço atrás da cabeça, como se estivesse adormecida, algo parecido com a posição *recovery*. Parecia cansada. Nayara chegou e Fernanda indagou: “Como tu tá?” A resposta foi: “Tô nervosa. As pessoas tão falando e eu já não estou escutando”. Fernanda quis saber sobre a posição que ela subiria e ouviu: “Vou de *pin up* e variar pra tudo que eu puder”. A variação é quando é mudada a posição tirando ou acrescentando ganchos. Ela estava bastante inquieta; entrou e sentou-se no interior da casa. À Fernanda questionei quem era o próximo a se suspender. Respondeu que era a pessoa com quem acabávamos de conversar. Eu, antes de Nayara se suspender, quis comprar-lhe algo para comer. Muitos comiam os pastéis feitos por ela e, naquele momento, não tinha sobrado nenhum. Optei, então, por um pedaço de bolo de maçã com canela. No pátio, Marie já procurava Nayara para saber se estava preparada.

Fomos para o estúdio. Nayara passou *glitter* no rosto e esclareceu: “Brilho dá uma força pra gente”. Fizeram, primeiramente, o procedimento nas costas de Nayara. Ela enfrentou bravamente a colocação de dois ganchos. Ao sentar para que lhe furassem os joelhos, estava com cara fechada. Perguntaram se podiam furar o primeiro e, ela nervosa, pediu calma. Marie assegurou que tudo seria feito no tempo dela. Ao dar o *ok*, Marie fez a contagem e furou um joelho. Nayara parecia querer chorar e reivindicou mais tempo para furar o outro. Ao autorizar a perfuração, Du explicou sua contagem que é diferente da de Marie. Nayara se angustiou: “Mas tem que ser tão lento, não dá pra ser de uma vez só?” Du, compreensivo, sorriu e continuou com o procedimento. No final, Marie declarou: “Massa, mana, já é uma superação! Já são dois ganchos a mais”, Nayara, até então, só tinha se suspenso uma vez pelas costas com dois ganchos.

No pátio, pediram-lhe que sentasse na cadeira, enquanto ajeitavam as cordas. Plugaram as cordas nos ganchos, Nayara deu *ok* e começaram a subir aos poucos. Quando ela já estava no ar, tiraram a cadeira debaixo e todos aplaudiram. Ela parecia rígida lá em cima. Depois de menos de dez minutos, Nayara comunicou sentir um dos joelhos puxando demais e pediu para cortar as cordas dos joelhos para variar para posição *suicide*. Desceram a jovem, desplugaram os joelhos, tiraram os ganchos e ela

começou a puxar a corda sozinha para voltar a subir com o sistema de ganchos nas costas. Assim, pareceu mais confortável e pediu para que as pessoas a balançassem. Quem a pegava pelas pernas para embalar acabava sujo de sangue que jorrava dos joelhos. Ela, que tinha escolhido músicas bem calmas, pedia silêncio.

Enquanto isso, eu “brigava” com a câmera que teimava em não registrar fotos em movimento no escuro. Todas revelavam apenas vultos. Comecei, então, a gravar vídeos.

Nayara desceu e se repetiu o procedimento de retirada dos ganchos. Perguntei para Marie sobre a continuidade da agenda e ela disse: “Acabou de acabar, essa foi a última de hoje”. Como o horário de ônibus que me levaria para estação de trem estava próximo, eu me despedi de todos. Du gritou: “Mas agora que vamos começar a beber cerveja!”. Eu sorri e disse que precisava, realmente, ir-me. Marie emendou: -“Amanhã, ela vai ficar aqui”. A dona da casa tinha me convidado para dormir lá, caso eu me sentisse à vontade. Aceitei, pois era fim de semana. Ela continuou: “Amanhã vai estar massa, vai ter uma banda tocando e vai ter iniciação desse mano aqui”. Anunciou Marie apontando para João, que sorriu para mim. Depois, soube que ele veio de Florianópolis só para se suspender. Combinei de chegar às 16h.

Fui para o ponto de ônibus. As ruas estavam vazias e escuras e senti medo por estar com o equipamento fotográfico na mochila. Perto das 21h, o coletivo chegou.

Em casa, tentei arrumar a velocidade do obturador da câmera para resolver o problema de fotos em movimento com pouca luz. Não teve jeito. Carreguei, então, a bateria já fraca.

No dia seguinte, sábado, por volta do meio dia, Marie me chamou no *Facebook* para avisar que as suspensões começariam às 19h, no mesmo horário da chegada da banda. Preferiu me avisar para que eu não precisasse correr. Disse então que apareceria às 18h para não pegar os transportes de noite.

Aproveitei o tempo livre de tarde para passar as fotos para o computador. Passei, também, para o *Google drive* e enviei o *link* para Marie. Fui a Esteio, chegando perto do horário combinado. Ainda esperavam a banda de Marcos, amigo de Marie para começar. A dona da casa pediu ajuda para retirar o varal e o colchão do pátio, abrindo espaço para a instalação dos músicos.

Imaginei que Caíque, que também tirava fotos com câmera, poderia me mostrar como fotografar melhor no escuro. Mas, era tão amador quanto eu e não fazia ideia.

Matheus e Affonso se dispuseram a solucionar o mistério, mas não conseguimos desvendar o funcionamento da câmera. Resolvi fazer a maioria de vídeos possíveis e, depois, capturar imagens da gravação.

Ao anoitecer, a banda de metal instrumental, chamada de Alcateia Inconsequente chegou e cumprimentou os presentes. Marcos já tinha participado do primeiro dia do evento e me comentou que tocavam há quatro anos e nunca tinham se apresentado em público. Os integrantes tiraram os instrumentos do carro, montaram “o palco” e pediram uma extensão elétrica para Marie. Aos poucos, começaram a tocar.

Marie distribuiu os termos de consentimento para quem se suspenderia naquela noite. Para Arthur, que assinava o documento, perguntei: “Isso é o termo de consentimento?”. Bravo, reagiu: “É sim, não sei porque a Marie quer que eu assine isso, ela me conhece, porra! Tô ficando irritado com isso”. Tirei uma foto dele rubricando enquanto reclamava. Minha intenção era pedir a ele para ler os termos, mas, justo naquele momento, Marie chamou Matheus para ir até onde estavam as cordas a fim de fazer as medições e eu fui também. Matheus sentou na cadeira, enquanto Marie e Du mediram as cordas para que ele ficasse em posição de cadeirinha. Após o cálculo, fomos ao estúdio para fazer as perfurações.

Du analisava onde colocar os ganchos no joelho de Matheus. Como ele havia furado há pouco, não poderia ser no mesmo local. Fizeram duas marcas nas costas e uma em cada joelho. Pediram a Matheus deitar para perfurar as costas e colocaram dois *Gilson's*. Feitas as duas perfurações, ele sentou-se para furar os joelhos, também com *Gilson's*. Matheus, que iria variar de cadeirinha para *knee*, ou seja, cortar as cordas das costas para ficar pendurado só pelo joelho, sondou de que forma faria para cortá-las.

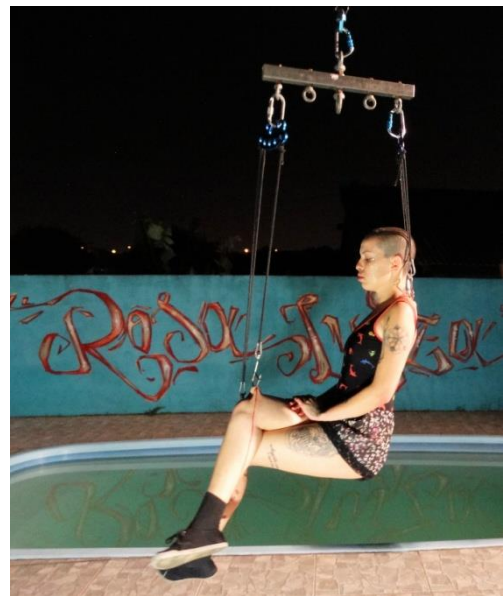
Serviço terminado, fomos para rua. Matheus sentou-se na cadeira, enquanto eles plugaram os ganchos nas cordas. A banda começou a tocar com todo gás e Matheus se sacudiu. Aos poucos, puxavam a corda, Matheus foi subindo, puxaram a cadeira debaixo e Matheus, lá em cima, pediu para o balançarem e, ao som do metal, gritou “Uhuuul”. Ele enfrentou muito tempo lá em cima se balançando e, num determinado momento, pediu a tesoura. Num lance rápido, inesperado, cortou as cordas bruscamente. Ficou preso só pelos joelhos. Marie saiu correndo para analisar a pele dos joelhos dele e percebeu que rasgou um pouco devido à queda brusca. Aconselhou descerem Matheus e fomos até o estúdio. Lá, Marie explicou que seria necessária uma pequena sutura: “Tudo bem que tu pediu a tesoura, mas achei que tu ia dar um tempo, tu saiu cortando

tudo muito rápido”. Ele admitiu: “Eu sei que isso foi culpa minha, que eu fiz errado, eu cortei a corda, mas fiquei segurando”. Colocaram curativos nas costas e em um dos joelhos de Matheus. O outro, Du costurou com uma linha fina. Marie recomendou que ele ficasse em repouso e sentado o resto da noite.

Chegou a vez de João subir e preferi não acompanhar as perfurações, respeitando a primeira vez dele, que seria pelas costas, com dois ganchos. A banda também não tocou, pois ele optou pelo silêncio. João era diferente das pessoas que eu estava acostumada a ver se suspendendo, não portava nenhum *piercing* visível e tinha pouquíssimas e pequenas *tattoos*. Bastante introspectivo, trocou poucas palavras comigo. Quando chegou ao pátio, ele sentou em uma cadeira para plugarem as cordas nos ganchos. Nele também foram colocados *Gilson's*. Levantou-se e Du pediu para ele ir para frente e para atrás. Ofereceu a mão para lhe dar apoio. João dava seus passos e Marie disse: “Se tu tirar os pés do chão agora tu já fica no ar, daí mesmo onde tu tá”. João continuou andando para frente e pra atrás até tomar coragem. Tirou os pés do chão, todos na volta bateram palma e eu me emocionei bastante. Ecoaram gritos: “Que massa cara!” Marie o elevava mais e mais. João abriu a boca como que fosse gritar, mas não emitiu nenhum som. Du sugeriu que ele controlasse a respiração. Caíque, ao fundo, recomendou-lhe se movimentar, abrir os braços e relaxar. De fato, ele parecia bem rígido lá em cima. Pediu para descer, tomou água e fôlego. Animou-se a subir de novo. Dessa vez, andando pra frente e pra atrás, mexendo, ao mesmo tempo, os braços, como quem faz alongamento, percebendo seu corpo. Mais uma vez tirou os pés do chão. Após uns minutos, no ar, olhou para o chão. Du questionou: “Quer tocar o chão?” Respondeu que queria descer. Então, desceu e foi levado para o estúdio para a bandagem. Também não acompanhei esse procedimento. A seguir, as fotos das suspensões de Mima, Nayara, Matheus e João.



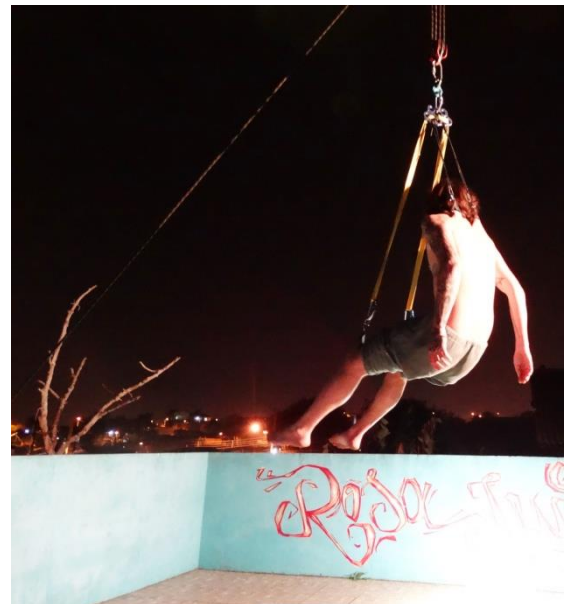
Suspensão *Knee* de Mima.



Suspensão *Pin-up* de Nayara.



Variação para *suicide* de Nayara.



Suspensão *cadeirinha* de Matheus.



Ângelo e Marie suturando o joelho de Matheus.



Marie explicando a João, antes de subir, como deve controlar a respiração .

Nayara disse para Marie que um seguidor dela do *Facebook* viu a transmissão ao vivo de uma das suspensões que ela tinha feito e perguntou se ele poderia ir ao evento para se suspender. Nayara frisou que só o conhecia virtualmente, mas que já tinha visto algumas fotos dele suspenso. Marie concedeu avisando que as suspensões com dois ganchos custariam R\$ 200,00 e com mais, R\$ 250,00. Mas, o rapaz não deu resposta.

Fabício veio e me disse : -“Agora vai ser louco, o mano vai furar a testa! Tem que ser muito doido pra furar a testa!” Mas o próximo, Affonso, se suspenderia de pré-coma sem gancho na testa (é o coma que leva gancho na testa).

Marie e Du ajustaram o frame, trouxeram o de tamanho grande e perceberam que seria mais adequado o pequeno. Transpassaram a corda no frame e resolveram levar a maca para o pátio, onde seria feita a perfuração. Ele subiria a partir da própria maca. Fernanda me antecipou que seria a quarta suspensão dele e que ela estava bastante orgulhosa. Affonso pediu à banda para tocar só quando ele subisse e que fosse, no início, devagar em um som psicodélico para, depois, “quebrar tudo”.

Matheus, sentado na cadeira no pátio, sem se mexer, suplicou: “Só não fiquem na frente, pra eu poder ver, já que eu não posso sair daqui!”.

Pediram para Affonso deitar. Marie chamou Fernanda para ajudar: “Vamo furar o moção”. Fernanda, Marie e Du marcaram e perguntaram: “Tu quer os furos simultâneos ou um de cada vez?” Preferiu um por um e foram seis ganchos: dois no peito, dois na barriga e dois nas coxas. Enquanto perfuravam, Marie propôs: “Conversa com ele Caíque, tu que já fez, conversa com ele!” Caíque entusiasmava: “Vamo cara!” Arthur se postou ao lado dele para dar apoio. Plugaram as cordas nos ganchos e colocaram um rolo de papel toalha como “travesseiro” na cabeça. Affonso deu o *ok* e Du começou a puxar a corda. Marie falou para Fernanda: “Quando eu der o *start*, tu me ajuda a tirar a maca”. Não demorou muito para Affonso estar totalmente no ar. Marie o balançava, Fabício gritava: “Parece um barco *Viking*”. De fato, Affonso fazia esse movimento e suportou bastante tempo no ar. Quando quis descer, fez sinal para Marie com a mão, pois não se escutava nada pelo som da banda. Colocaram a maca embaixo e foram baixando-o aos poucos. Marie bateu palma e elogiou: “Foi lindo, amigo!” Retiraram os ganchos e ele preferiu tomar banho quente antes de fazer as bandagens.

Por sorte, eu dormiria lá neste dia, pois ainda estava programada mais uma suspensão. Era a vez de Arthur que, há algumas horas, tinha se retirado para se deitar e se concentrar. Ele sim se suspenderia por coma: dois ganchos na canela, dois na coxa,

dois na barriga, dois no peito e um na testa. Trocaram o frame por um maior, transpassaram as cordas nele, mediram. Limparam a maca e trouxeram para o pátio novamente. Chamaram Arthur, perguntaram como queria subir. Preferiu ficar nu. Marie gritou: “Tem algum menor de idade aqui?”. Ninguém se acusou e ela autorizou: “Tá, então, pode subir pelado”. Pelo horário, a banda teve que encerrar a apresentação, então Arthur plugou o celular nas caixas de som com músicas selecionadas, todas *heavy metal*. Tirou a roupa, colocou-a em uma cadeira e deitou na maca. Marie e Du começaram a fazer as marcações. Affonso, que tinha recém se suspenso, e Fernanda ajudaram nas perfurações. Marie comentou se referindo a Affonso: “Aqui não tem folga, te suspendeu, mas vai trabalhar!”. Du começou a furar o lado esquerdo do peito e, simultaneamente, Marie furou o lado direito da barriga e assim por diante. O gancho da coxa direita deu trabalho: entrou de um lado, mas não saiu do outro. Demoraram para achar o ponto. Caíque, que também é *body piercer*, disse no ouvido de Du: “Fura de novo”. Du não concordou. Quando, enfim, conseguiram, passaram para as canelas; um gancho em cada. E, por último, a testa. Durante a perfuração, Arthur deu uma gargalhada muito alta; não sei se de alegria ou de nervosismo, mas todos nós rimos da risada dele. Caíque segurava a mão de Arthur e dizia pra ele ficar calmo. Eu estava bem tensa nessa suspensão e acredito que os outros também. Era a mais difícil do dia e, provavelmente, a de todo encontro.

Quando Arthur gesticulou para subir, minha câmera acusou falta de bateria. Não conseguia mais fazer vídeos, apenas algumas fotos da suspensão mais importante. Caíque estava na mesma situação, tirava fotos só com o celular. Depois de uma longa procura por um adaptador compatível com o carregador da câmera, coloquei a bateria para carregar.

Arthur subiu. Todos nos emocionamos, batemos palmas. Mas o frame ficou meio torto. Exigia que alguém agarrasse uma ponta para endireitar. Primeiro foi Caíque; o segundo, Marcos e o último, Fabrício. Os braços dos rapazes cansavam de ficar no alto segurando. Passado um tempo, Arthur reclamou da testa puxando demais. Du tirou o gancho da testa e colocou um rolo de papel toalha em uma corda, servindo de apoio para cabeça. Arthur tolerou muito tempo lá em cima, a maior parte de braços cruzados, olhos fechados e parado, sem balançar muito, como se estivesse meditando. Eu, sem poder fotografar, fiquei sentada olhando e sentindo uma “energia” bem grande na volta.

Fui verificar se, com um pouco de bateria carregada, eu conseguiria tirar mais fotos. Saíram apenas duas ou três. Desisti e voltei colocar a bateria na tomada.

O relógio marcava 1h quando Arthur pediu para descer. Trouxeram a maca e o baixaram. Todos o cumprimentaram pela coragem. Arthur quis tomar banho. Marie aconselhou Du a ir junto para ajudá-lo, mas Arthur rejeitou. Marie pediu, então, que ele deixasse a porta do banheiro aberta e que alguém lhe alcançasse a toalha. Arthur pegou sua roupa e foi para o banho. Durante a ducha, Marie perguntou se estava tudo bem ele respondeu que sim e, ainda, cantou. De repente, se ouviu mais uma de suas risadas. Enquanto isso, Marie e Affonso limpavam a maca. Arthur saiu do banheiro e deitou na maca para fazer as bandagens. Na testa, colocaram dois *blood stop* (curativos redondos pequenos).

Uma vez terminadas as suspensões do dia e após organizar tudo, Marie me perguntou se eu já queria encher de ar o meu colchão e levá-lo para o andar de cima. Achei que já poderia mesmo deixar a cama preparada. Tive ajuda de Henrique para inflar. Arthur foi sincero: “Te deu mal, normalmente a gente enche todo o colchão pros outros, mas agora a gente tá tudo ruim”. Henrique também me ajudou a subir o colchão para a sala do andar superior. No sofá dormia João, deixei meu colchão ao lado e saí para não acordá-lo. Desci, Fernanda fazia arroz para comer com o feijão preparado por Nayara, todos cansados desistiram de ir ao mercado. Matheus dormia em um dos colchões da sala. Arthur delatou: “Esse aqui tá morto”. Eu tive a mesma impressão daquele que vi lá em cima e perguntei: “Suspensão cansa?” Arthur foi enfático: “Cansa muito, tu gasta muita energia”.

Estávamos conversando na sala quando Henrique veio do quarto e pediu para irmos para o pátio para não acordar a Rosinha, filha dele com Marie. O arroz ficou pronto e comemos no pátio. Após a refeição, Marie se disse cansada e foi dormir. Fernanda e Affonso fizeram o mesmo. Aproveitei a deixa, às 3h, e dou boa noite para Caíque, o único ainda no pátio. Subi e não consegui dormir pela crise de rinite, por ouvir os latidos de cachorro e o cacarejar de galos. Às 8h, já escutava movimento na casa.

Ouvi um diálogo, vindo do andar de baixo, de Marie com Matheus: “Tava te procurando, tu tá bem?”. Ele respondeu que estavam bem sim. Ela subiu os degraus e também perguntou a João, que saía do banheiro, como ele se sentia. Esse respondeu: “De boa!” A mim, deu bom dia e avisou que, para tomar banho de água quente, era

preciso descer. Ficou falando com Mary, sua mãe. Eu escovei os dentes no banheiro de cima e desci. Tinha fila para o banheiro com água quente. Fabrício carregou seu carro e se despediu das pessoas. Segundo ele, tinha que pegar a estrada cedo porque segunda-feira de manhã teria que trabalhar e, até o Chuy, levaria 8h. João também se retirou. Foi à rodoviária de Porto Alegre pegar ônibus para Florianópolis. Sentei na sala, enquanto Marie preparava café preto. Combinamos o que faríamos para o almoço. A decisão foi churrasco com carne para os carnívoros e legumes assados para os veganos e vegetarianos. Cada um colaborou com cerca de R\$ 10,00. Matheus, que já caminhava melhor, Henrique, Arthur e Affonso foram ao supermercado no carro de Affonso. Marie e Du conversaram sobre as próximas jornadas de suspensão. Ele pensava em fazer uma em um sítio em São Paulo perto do mês de novembro. Marie lembrou que, neste período, Fernanda não poderia ajudá-la, pois tinha cirurgia marcada. Perguntei à Fernanda qual procedimento ela faria e me disse que precisava corrigir desvio no septo e, completou: “Já que tô ali, vou fazer uma cirurgia pra consertar o nariz também, porque ele é torto e até para usar óculos me machuca”. Me confidenciou que tinha muito medo da anestesia geral que nunca tinha tomado.

Os rapazes voltaram do mercado. Foi quando me dei conta que esse grupo era composto por quem tinha se suspenso no dia anterior. Me dispus a ajudar, ir picando os legumes, mas, naquele momento não foi necessário. Mais tarde, sim, triturei o alho para colocar no pão. Foi Henrique quem assumiu a churrasqueira. Conforme ficava pronto, ele colocava a carne em uma vasilha e os legumes em uma tábua. As pessoas se serviam do que queriam.

Perguntei para Marie o número de suspensões marcadas para o dia e fiquei sabendo que era apenas uma, mas que não estava garantida porque a jovem era “meio furona”. E, antecipou que, no dia seguinte, segunda-feira, teria a suspensão da mãe dela, *o-kee-pa* do Caíque e, ainda, a bifurcação da língua de Fernanda, que seria feita por Du.

Caíque me contou que se suspendeu, na última jornada, por *ressuretion*, e que foi tão emocionante que ele chorou muito, sendo que “nunca chorava”. E declarou: “Eu gosto muito de suspensão, é muito emocionante. Tu sente uma coisa além, coisa que tu nunca vai sentir aqui na terra”. Nayara complementou: “Parece que tu exorciza todos os demônios, né? Que tudo de ruim vai embora”. Por sua vez, Arthur avaliou que suspensão é viciante e que, conforme vai fazendo posições, vai querendo fazer mais e de

outras formas mais difíceis para provar para ele mesmo que é capaz e que não tem limites.

Conversamos também sobre política e drogas, mas o tema favorito era modificações corporais e a troca de experiências, pois a maioria é do ramo da *body modification*: Du é modificador corporal, *suspender* e *body piercer*; Marie, Fernanda e Caíque, *body piercer's* e *suspenders* e Arthur, *body piercer*. Marie recordou: “Tu fez mais perfuração de suspensão do que de *piercing*, né, Du?”. Ele confirmou.

Os profissionais também abordaram o comportamento adotado pelos colegas da suspensão. Marie criticou: “Tem aquele que se acha o *show man*, o cara foda da suspensão e o cara que sabe que é só um fio condutor pra quem se suspende ter aquela sensação”. Ela reconheceu que, antes, se envolvia muito mais, que se emocionava, chorava, mas que, aos poucos, vem trabalhando para não se dedicar tanto à suspensão da pessoa, porque “o momento é só dela”. Eles debateram, ainda, a importância de testar as técnicas novas em si próprios, antes de aplicá-las nos clientes.

Alguns tópicos da conversa me chocaram. Um deles foi relativo à “extirpação”. Um dos rapazes afirmou que teria vontade de retirar o mamilo e Nayara, o umbigo. Ela justificou que não gostava dele e que o comeria “fritinho”. Eu, assustada, exclamei: “Mas tu não pode, tu é vegana!”. Fernanda me esclareceu que, sendo a carne dela mesmo, não teria problema, ao que Nayara pactuou. Outro ponto que me chamou a atenção foi a abordagem sobre os *shadus*. Alguém afirmou que achava pesado eles andarem com pedras amarradas nos testículos e Du adicionou que faria uma apresentação puxando, pelos testículos, uma mulher sentada em cadeira de rodinhas, tipo de escritório. E, ainda, brincou: “Eu nunca preguei as bolas, mas dar uma brincadinha com o grampeador quem nunca, né?”. Marie se interessou: “Mas aí cicatriza? Não libera aquele líquido que não deixa cicatrizar que nem aconteceu no *piercing* do Caíque colocado nos testículos?”, Du explicou que ele grampeou e logo tirou os grampos e, por isso, cicatriza.

Arthur se aprontou para ir embora. O voo dele para Belo Horizonte era às 16h. Me pediu para passar as fotos dele para um *pen drive*. Marie facilitou oferecendo seu computador e pediu para eu aproveitar e já deixar as fotos no PC. Fiz isso. O *Uber* de Arthur chegou e ele partiu.

Mary desceu a escada, chamou Marie para transmitir uma mensagem de Vanessa enviada pelo *Facebook*: “Ela pergunta se pode vir se *suspender*”. Marie pediu para a

mãe avisar que sim. Depois disso feito, Mary voltou e revelou à filha: “Eu tava aqui pensando... acho que minha suspensão podia ser de manhã e não à tarde”. A professora de matemática e física alegou que seria melhor trocar a hora porque iria trabalhar na terça-feira: “Quero ver como eu vou ficar, aí eu tenho mais tempo pra me recuperar”. Eu quis saber se ela estava ansiosa e desabafou: “É meu sonho! Espero há nove anos por isso!”. Indaguei: “Mas, então, porque a senhora não fez antes?”. Ela culpou Marie: “Ela não deixava!”. E, tendo que voltar a subir, Mary interrompeu o diálogo.

Nayara e Fernanda entraram na casa para um serviço diferente, de “salão de beleza”. A primeira, que tem a cabeça quase toda raspada, descoloriu o cabelo para Fernanda pintá-lo. Marie, hospitaleira, disponibilizou: “Aproveita que a gente tem anilina aqui de várias cores”. A tonalidade escolhida foi laranja.

Marie chamou Henrique para organizarem o estúdio. A hora da suspensão se aproximava.

Quase às 17h, chegou Sofe para arrumar os *dreads* de Marie. Entusiasmada, almejou também se suspender, mas não estava decidida em relação à posição: *Angel* ou *Feto*. Enquanto fazia a manutenção dos *dreads*, Marie quis programar: “Tu quer ir antes ou depois da Vanessa?”. Respondeu que preferia ver, primeiro, a de Vanessa, mesmo já tendo feito suspensão algumas vezes.

Ao terminar de pintar os cabelos de Nayara, Fernanda voltou para o pátio e descarregou: “Eu queria me suspender de novo (durante a jornada), mas acho que não tem muito por onde, eu já levei gancho em tudo, eu não furo em lugar próximo antes de cicatrizar nunca mais”. Affonso também revelou o mesmo desejo: “Também tava pensando em ir de novo, um suicide, só pra brincar”. Marie dispôs: “Aproveita que é *open* gancho, galera!”. Outra que pensou em nova suspensão foi Nayara. Fernanda sugeriu a ela a posição *elbow* - um gancho em cada cotovelo, evitando a proximidade com os furos nas costas e joelhos que ela já tinha. Marie incentivou: “Essa é massa, é o mesmo princípio do *suicide*, tu que vai tirando os pés do chão”.

A função com os *dreads* terminou às 18h30 e Sofe expôs a indecisão de se suspender. Revelou que, nesse dia, não tinha a mesma certeza das vezes anteriores, quando tinha sempre decidido até a posição. Marie acalmou-a, dizendo que pensasse e tomasse o seu tempo. Ela logo resolveu: “Ok, então, vou deixar pra outro dia, de repente pra amanhã”.

Passavam das 19h quando Vanessa chegou com Bob, o marido, e Ravena, a filhinha. Eu já pensava em me retirar sem ver nenhuma suspensão no domingo, pois deveria sair às 20h para não chegar tarde em casa. Logo ao entrar, Vanessa me perguntou: “Tu é amiga da Nicole, né?”. Confirmei e ela explicou que a conhecia por intermédio do grupo de parto humanizado. Nicole, minha amiga, de fato, fez parto humanizado em casa há três anos.

Marie pediu a Vanessa ler e assinar o termo de consentimento e, depois, passar para o estúdio. Pedi a Vanessa permissão para acompanhar o procedimento e ela concordou. Mesmo sendo a primeira vez dela, como já tínhamos conversado antes, me senti mais à vontade para presenciar.

No estúdio, Vanessa sentou para as marcações com caneta. Ato contínuo, deitou na maca para os furos. Marie e Du separavam as agulhas para as perfurações quando Ravena começou a chorar desesperadamente. A criança soluçava como se a mãe sofresse agressão. Du a tranquilizava: “A gente não tá fazendo nada que a mamãe não queira”. Bob pegou a filha no colo e alegou: “Ela é muito ciumenta”. Colocaram Ravena próxima à mãe que, deitada na maca, acariciava a menina. Mesmo assim, a pequena não parava de chorar. O pai tirou-a do estúdio e a levou para brincar com Rosinha. Marie perfurou primeiro o lado esquerdo das costas de Vanessa, que afirmou estar bem. Sendo assim, repetiram o procedimento do lado direito das costas. A etapa seguinte foi no pátio.

Vanessa se colocou na frente da corda, Marie plugou os ganchos e Du ficou no comando da corda. Aos poucos, ela andava para frente e para atrás e levantou os pés. Ravena, também no pátio, voltou a chorar. Du perguntou a Vanessa se a elevava mais e a resposta foi sim. Nisso, minha a câmera fotográfica acusou falta de memória. Como eu já tinha passado as fotos dos dois primeiros dias do encontro para o *Google drive*, resolvi apagá-las. Demorou um pouco, mas foi liberado espaço.

A seu pedido, Vanessa foi balançada. Marie sugeriu: “Tu quer segurar o bebê?” A mãe, que quis sim ter a filha nos braços, foi baixada para Bob entregar-lhe Ravena. Du içou as duas. Marie embalou-as e Ravena gostou. Parou de chorar e pareceu entender o que acontecia à sua volta. Para mim e os presentes, foi uma cena muito bonita e emocionante. Todos registraram o momento com seus celulares. Depois de alguns minutos, Vanessa pediu para pegarem Ravena: “Não pelo peso, mas tá incômodo”. Marie segurou Vanessa e Du a pôs em uma determinada altura que fosse

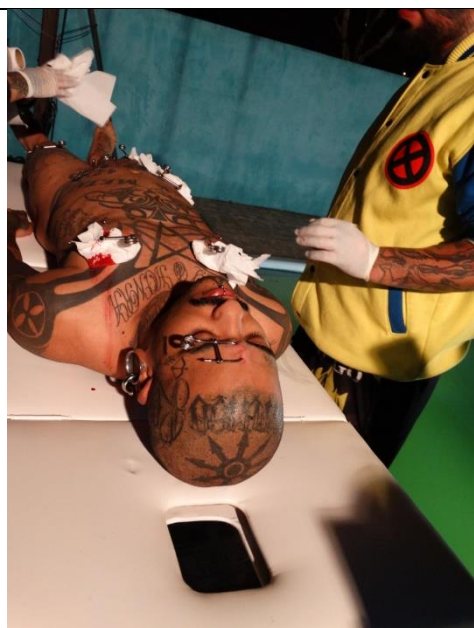
possível passar a garotinha para o pai. Ela voltou a subir sozinha. Pediu para ser balançada de novo. Confessou estar muito bem lá em cima. E, se percebia mesmo. As feições dela escancaravam prazer. Ao pedir para descer, Du a baixou e Marie deu apoio. Todos aplaudiram. Vanessa quis continuar, desta vez, ela própria regendo a corda. Passando-lhe a corda, Du aconselhou ir aos poucos para ir sentindo o ritmo. Vanessa se puxava andando pra frente e pra trás. Tirou os pés do chão e, novamente, foi aplaudida. Não muito depois, quis descer e retiraram os ganchos da corda. Passaram para o estúdio. Era hora de extrair os ganchos e fazer a bandagem. Na próxima página, estão as fotos das suspensões de Affonso, Arthur e Vanessa.



Marie e Du plugando os ganchos no frame para suspensão de Affonso.



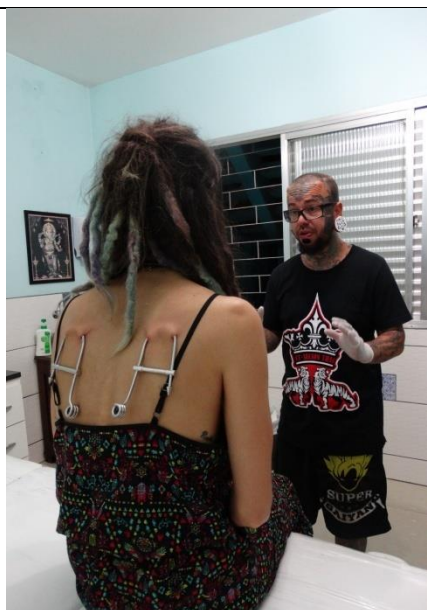
Suspensão pré-coma de Affonso.



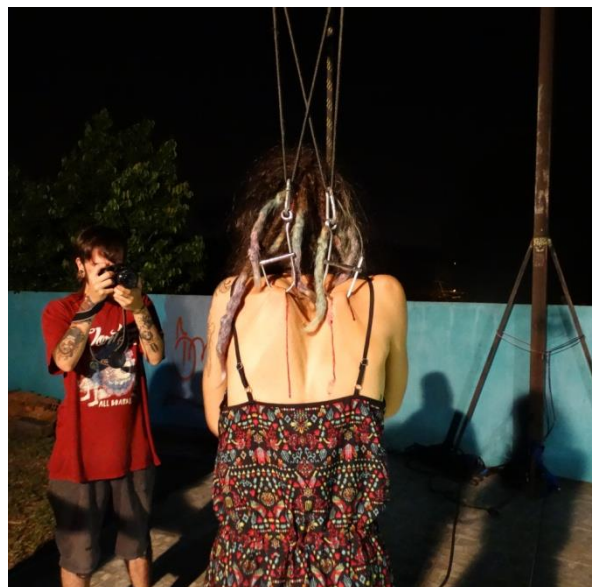
Perfurações de Arthur.



Suspensão coma de Arthur, Caíque segurando o frame.



Du explicando a suspensão para Vanessa que já está com os ganchos nas costas.



Suspensão suicide de Vanessa.

Nesse momento, consultei os horários do ônibus. Dali a poucos minutos, um passaria perto da casa. Me despedi. Marie me abraçou, agradeceu por eu “ter feito parte da equipe” e frisou que foi “muito massa” me ter ali naqueles dias. Agradei também, afirmando que a experiência me ajudaria bastante e que aprendi muito com eles. De verdade, fiquei feliz em ter sido útil. E, ouvir da coordenadora da turma que eu fiz parte da equipe, me alegrou ainda mais.

Sofe, ao saber que eu sairia dali de ônibus, quis ir comigo. Mary achou melhor Henrique acompanhar-nos até o ponto do coletivo. Mas, ele foi liberado pois, já na esquina, avistamos vizinhos na calçada, garantindo a nossa segurança. Como o coletivo demorava, imaginamos que já tinha passado. Sofe optou por tomarmos um *Uber* até a estação de trem. Ela visitaria o afilhado em Canoas. No carro, perguntei-lhe: “Tu não quis te suspender?”. Ela me confidenciou: “Pois é, eu tava tão mal com umas coisas que me aconteceram hoje... pensei: vou me suspender para tirar isso de mim. Mas, ao chegar lá, conversando com vocês, essa sensação ruim passou, eu tava tão bem ali que senti que não precisava mais. Mas quem sabe amanhã, amanhã eu quero vir pra ver o procedimento da língua da Fê”. Me interessou saber o número de suspensões que ela já tinha feito. Foram duas: *suicide* e cadeirinha variando pra *suicide*. Também me disse que, quando contou para os amigos que se suspendia, todos a consideravam louca, mas que Mateus, aquele que se suspendeu no primeiro dia dessa jornada, ficou maravilhado e estimulado. Ele dizia: “Eu preciso fazer isso”. Os dois chegaram a dividir apartamento em Porto Alegre. E, Sofe emendou: “Ver a foto da iniciação dele sorrindo lá no ar foi muito massa”.

Na estação e dentro do trem, o papo continuou. Me contou que era gerente em um estúdio de tatuagem em Porto Alegre, mas que saiu de lá e voltou a morar em Canoas com os pais. Nos despedimos na parada Mathias Velho, em Canoas, a mais próxima da casa do afilhado dela. Eu segui até Porto Alegre e peguei, ainda, um ônibus para chegar em casa.

Como adicionei todos como amigos na rede social *Facebook*, acompanhei, por fotos e vídeos, tudo o que postaram sobre as suspensões da segunda-feira, que não pude comparecer. Mary subiu pelas costas. Nayara, voltou a se suspender, então, pelos cotovelos. Nos vídeos, percebi palavras de força e incentivo dos que assistiam. Acompanhei, também, os relatos do drama de Fernanda pós procedimento na língua.

Falava que babava, chupava gelo e não conseguia falar. Não vi nenhuma publicação sobre a *o-kee-pa* de Caíque nas redes sociais.

2.4 SUSPENSÕES PRIVADAS NA *HOOK HOUSE*

Após esse evento, Marie voltou a me agradecer, desta vez, via *Facebook*. Pediu as fotos do último dia, que não estavam no computador dela. Me convidou para, no domingo, dia 24 de setembro de 2017, fotografar mais duas suspensões de um casal de namorados: Kita e Ganso. Marie que, considerava a moça “tri forte”, já tinha feito nela suspensão pelo peito, inclusive com um só gancho. A jovem, que já acumulava suspensões no seu currículo, escolheu para a próxima a posição de cadeirinha. O rapaz se iniciaria pelas costas. Confirmei presença e, na véspera, Marie me lembrou do agendamento.

A primeira suspensão seria às 15h. Quando cheguei, os clientes já estavam no local, assim como Fernanda e Affonso.

Perguntei para Fernanda como tinha ficado a língua bifurcada. Me mostrou, mexendo uma parte para cada lado. Em menos de duas semanas, já havia cicatrizado e ela estava muito satisfeita. Perguntei também se ela havia se suspendido novamente durante a jornada e ela respondeu: “Eu já tinha levado gancho de tudo quanto foi lado e teve a língua também, preferi não. Só a Nayara foi de novo”.

Sobre *o-kee-pa* de Caíque, Marie me disse que não ocorreu: “O *o-kee-pa* é parte de um ritual, ele tava aqui bêbado todos os dias, se ele fizesse do jeito que ele tava o pajé ia dar na cara dele”. Eu insisti: “Mas, ele que não quis?”. Resposta: “Segunda de manhã ele foi fazer um *piercing* com um amigo nosso em Porto Alegre e já voltou todo mal dizendo que achava que tinha bebido demais... Tu lembra? Eu, no meio das suspensões, e ele me perguntava onde tava a câmera que ele tinha perdido. Ainda bem que tu salvou a gente”.

Os namorados decidiram que Ganso subiria primeiro. As cordas, no pátio, já estavam prontas. Marie chamou todos para o estúdio. Marie e Fernanda se prepararam para o procedimento. Foi pedido a Ganso para tirar a camiseta para dar início às marcações e, também, os óculos escuros para que Marie pudesse ver seus olhos. Ele revelou: “Eu tô com mais medo da furação do que de subir”, Kita, mais experiente, o calmou: “Tu vai ver que é tranquilo”. Começaram a marcar com Ganso de pé e, depois,

deitado na maca. Fernanda fez a massagem. Enquanto Marie preparava as agulhas, me comentou que Ganso é atleta, que anda de “*skate* de andar na montanha”. Quando Kita segurou a mão de Ganso, Marie sustentou: “Apoio é isso, tem aqueles que dizem que não querem ver, apoio é estar junto”. Kita completou: “É que a gente nunca sabe como a pessoa vai reagir, né?”. Fernanda segurou a pele, Marie fez a contagem e furou. Ao responder como se sentia, Ganso saiu com essa: “Mais *light* do que eu pensei, acho que essa parada vai ser facinha”. No final da perfuração, Ganso admitiu que foi tranquilo e quis fumar um cigarro. Marie desaconselhou, pois a pressão arterial poderia baixar. Então, fomos para o pátio. Ganso questionou sobre os movimentos que poderia fazer e não recebeu limitações. Fernanda avisou: “Se tu colocar os braços pra cima, de repente, tu vai sentir mais, mas não que tu não possa fazer”.

Marie engatou os ganchos. Ganso escolheu uma música no celular e pediu para Marie ir puxando a corda, tensionando aos poucos. Não demorou muito, Ganso levantou as pernas e Marie puxou as cordas. Todos aplaudiram. Lá no alto, Ganso segurou os pés com os braços, parecendo estar bem à vontade. Depois de uns minutos, pediu para descer. E, quando Marie baixava a corda, ele se arrependeu: “Não, não, deixa eu ficar mais um pouco”. Kita o embalou. Pediu para descer de vez e Marie decretou: “A pessoa quando ela volta, ela nunca volta a mesma”. Ganso afirmou que não doeu, mas que sentiu uma pressão nas costas e nas costelas. Affonso perguntou se ele achou mais tranquilo a suspensão ou uma manobra específica no *skate* (que eu não entendi o que era), Ganso assegurou que a suspensão foi mais tranquila.

Ganso declarou que a sensação era muito boa. Logo que desceu, sentenciou: “Tenho certeza que vou fazer mais vezes”. Marie previu que, pelos joelhos, ele iria “pirar” e pensou que ele poderia fazer também um *spinning beam* ⁴⁴ com Kita. Fernanda também manifestou a vontade de fazer com o Affonso, pelo joelho, e deu a ideia de fazerem todos no mesmo dia. Seguem as imagens da suspensão de Ganso:

⁴⁴ Nessa modalidade, duas pessoas são ligadas em direções opostas, uma em cada extremidade do frame, como se fosse uma gangorra, podendo girar enquanto suspensos.



Marie fazendo a marcação nas costas de Ganso.



Fê massageando as costas de Ganso.



Marie e Fê fazendo as perfurações.



Marie ajustando as cordas no frame.



Suspensão Suicide de Ganso.



Ganso voltando ao chão com o apoio de Kita.

Fomos para o estúdio. Ganso deitou na maca e Fernanda fez a massagem para retirada do ar. Marie repetiu: “Se amanhã tu te sentir como um chocolate aerado é normal, tá? Se tu sentir bolhas nas costas ou no pescoço, é assim mesmo”. Ela fez os curativos e, quando terminou, ele deu um salto da maca. Marie pediu para acompanharmos Ganso no pátio, enquanto ela arrumava o estúdio para próxima suspensão. Kita trocou de roupa. Apareceu Mary com Rosinha e Marie, com tudo já arrumado, disse à mãe: “Tu perdeu a suspensão dele”. Mary discordou: “Eu vi lá de cima e adivinha quem bateu palma?”. Marie acertou: “Eu digo, essa bate mais palma pra suspensão do que pra aniversário”. Ganso valorizou: “Que massa esse contato que ela tem”. Fernanda complementou: “Quando ela crescer vai estranhar, vai dizer pros amiguinhos ‘como na casa de vocês as pessoas não se penduram?’”

A mãe de Marie, Mary, desceu com a bebê de um ano e alguns meses, Rosinha, filha de Marie e Henrique. A vó contou que dizia: “Olha filha, o tio tá voando!” e Marie enfatizou que Rosinha já presenciou mais palmas de suspensão do que de parabéns em aniversários (diário de campo, 24 de setembro de 2017).

Mary se dirigiu a mim e lamentou: “Tu perdeu a minha, guria, foi tão linda! Eu realizei um sonho. Meu vídeo teve um monte de visualizações no *Facebook*!”. Expliquei que eu também tinha visto a gravação e quis saber das sensações dela. Foi sincera: “Eu adorei! Botei os pés no chão e já perguntei quando que eu ia de novo!”. Marie remarcou: “Tinha que ver, a mãe dava uns pulinhos pra tirar logo os pés do chão”. E Mary foi logo avisando: “Pois é, agora, eu quero fazer um *spinning beam* com a Marie, mas ela não quer, disse pra ela que arrumo outra pessoa pra fazer comigo”.

Ganso adicionou que também quer repetir, que achou que seria mais traumatizante, mas que “nem teve trauma”. E continuou: “Eu tô com sorriso bobo, de orelha a orelha até agora”. Mary compartilhou: “É uma loucura voltar pro mundo real, né? Não tem sensação igual, é indescritível”. Marie informou: “Isso vai durar uns dois ou três dias. E é muito louco isso quando teu corpo quer estar lá e o cérebro diz ‘não quero mais’. Aí tu fica nessas de desce, não desce, que nem tu fez”.

Ganso frisou que queria ter ficado mais tempo lá em cima, mas que não podia porque trabalhava no dia seguinte. Lembrou da vez que Kita ficou muito tempo e ficou inchada demais.

Kita, com um vestido, apareceu no pátio e fomos, novamente, todos para o estúdio. Ela escolheu uma música e se sentou na maca. Ganso observou: “A minha nem

tocou né?”. Marie consertou: “Tocou sim”. Ele disse que nem ouviu e Marie compreendeu: “A gente fica em alfa mesmo, tem coisas que a gente nem percebe”. Marie e Fernanda limparam a pele, mediram, fizeram a marcação com canetas e disseram para ela deitar. Furaram primeiro o joelho esquerdo, depois o direito. Pediram para sentar, mais uma vez, para furar as costas. Repetiram o procedimento da perfuração em cada lado das costas e ela levantou.



Figura 31: Fê furando as costas de Kita

Fonte: autora

Quando Marie perguntou se ela estava bem, Kita manifestou estar tonta. Fomos para o pátio, onde ela pegaria mais ar e respiraria melhor. Fernanda lhe alcançou um copo de água. Marie trouxe um pano para ela deitar no chão, mas preferiu sentar-se. Ganso expôs que, de manhã, ela já não estava bem por ter bebido demais na noite anterior. Marie quis conversar mais com Kita, saber se ela ouvia bem, se via bem. A moça respondeu que sim e Marie, como sempre, afirmou apoiar qualquer decisão a ser tomada, que não precisava ser naquele dia. Kita, então, decidiu não subir e que os ganchos poderiam ser retirados. Eu considerava que ela já tinha enfrentado a etapa pior e acho que Ganso pensou o mesmo ao pergunta-lhe: “Tem certeza? Não quer esperar mais um pouquinho? Já te decidiu?”. Kita estava mesmo decidida. Fomos para o estúdio, todos com ar meio frustrado. Fernanda tirou os ganchos das costas dela, enquanto Marie fez o mesmo no joelho. Deitada na maca, levantaram as pernas dela e perguntam se ela se sentia melhor. Kita afirmou que o enjôo estava passando, mas lhe

doía a cabeça. Marie valorizou: “Igual foi uma vitória, quatro ganchos! E um já representou o casal”. Fizeram os curativos. Marie me pediu para passar as fotos para o computador. Enquanto faço isso na sala, escuto do estúdio, onde os três conversavam, Marie dizer: “Eu pensei em falar pra ela pensar, porque tinha bebido ontem, mas a Kita é a mulher maravilha, né? O que eu vou dizer pra mina do *o-kee-pa* de um ponto?”. Todos riram e Ganso repetiu: “Sim, hoje de manhã ela já tava mal do estômago”. Marie falou para Kita: “Bom, mas fica pra outra, lembra daquela que a gente fez depois de um ano? Não te preocupa que vai ser tua!”.

Avisei Marie que as fotografias já estavam no PC. Ela, então, falou para Ganso que as fotos estariam disponíveis para ele postar. Kita lembrou que a fotógrafa merecia crédito. Eu disse que não precisava, mas, mesmo assim, ele me adicionou para me marcar nas imagens.

Sentamos um pouco mais no pátio. Eu, Marie - que tinha que ir no supermercado - , Ganso e Kita pegaríamos o mesmo ônibus. Ganso quis saber se Kita estava bem para pegar o próximo coletivo e ela, afirmando, foi trocar de roupa. Fomos para a parada. O casal decidiu ficar no sol enquanto eu e Marie conversávamos embaixo de um toldo. Perguntei: “Tu tá fazendo suspensões toda semana?”. Ela me respondeu que sim: “Quase todo final de semana, muita gente procura e, agora, que coloquei a Rosinha na creche vou ter mais tempo de trabalhar”. A conversa continuou dentro do ônibus e ela me prometeu: “Quando tiver suspensões eu te chamo; aí, se tu tiver de bobeira, vem!”. E lembrou o episódio deste dia: “Tu viu, né? Saiu todo mundo frustrado, ela sabia que não podia beber. Baixou a pressão. Mas que bom que ela se deu conta e não quis subir, porque ela podia ter desmaiado lá em cima, não pode beber!”.

Eu também voltava um pouco desapontada. A “energia” é tão grande só de assistir que a gente fica triste quando não acontece, quando a pessoa não consegue. Comentei isso com Marie e ela comparou: “É muita energia mesmo, parece uma sessão, né? Essas de religião”.

Ao descer na sua parada, Marie, outra vez me agradeceu, e se despediu do casal recomendando descanso. No ponto final do ônibus, descemos os três e nos despedimos. Eu subi para estação de trem e eles ficaram na parada esperando outro coletivo.

Semanas depois, estavam agendadas as suspensões dos dois casais (Ganso e Kita e Affonso e Fê). Marie, novamente, me convidou para participar. E, no dia, quando eu

avisei que já estava no ônibus a caminho de Esteio, ela me disse que as suspensões tinham sido canceladas. Frustrada, desci do ônibus e voltei pra casa.

Para mim, essas conversas informais, que ocorrem em diversas situações como dentro de um ônibus, em meio ao almoço ou durante as suspensões, têm peso maior do que entrevistas. Nos eventos, eu optei por não fazer entrevistas. Para captar e interpretar os reais sentimentos, é mais produtivo conviver, conversar e prestar a atenção nos detalhes dos bate-papos ocasionais. É quando estão mais soltos, mais descontraídos, são mais verdadeiros e autênticos. No método de perguntas e respostas, muitas vezes eles não sabem expressar o quê, de fato, querem dizer. Nesses dias de relacionamento intenso, participando dos procedimentos e compartilhando emoções, pude comparar diferentes procedimentos, motivações e percepções.

2.5 CORPO: PERFORMANCE DE SUSPENSÃO POR GANCHOS E CORDAS

Fiquei sabendo do evento “Corpo: Performance de Suspensão por Ganchos e Cordas” na rede social *Facebook*, através do perfil do João, um dos meus primeiros interlocutores e realizadores do evento *Ritulz*. Estava marcado para sexta-feira, 6 de abril 2018, às 21h no *Von Teese Bar*, uma casa de chás e coquetéis no Bom Fim, área central da cidade de Porto Alegre. A dissertação estava semi-concluída, faltando apenas os detalhes finais, mas acreditei ser necessário comparecer, uma vez que eu não havia assistido uma suspensão como performance.



Figura 32: Imagem de divulgação do evento.

Fonte: *Facebook*

Na rede social, o evento⁴⁵ estava assim descrito:

A performance consiste em executar uma suspensão por Shibari⁴⁶ e ganchos, alternando a posição no ar como uma maneira de “brincar” com o corpo. O conceito da apresentação é mostrar a beleza da suspensão de uma maneira crua e direta, buscando apresentar de forma transparente o processo de entrega entre suspensa e suspender, um processo forte e ao mesmo tempo gentil que cria uma atmosfera sensual, matriz de uma relação de extrema confiança. Outro ponto que buscamos destacar é a maneira que o corpo pode ser utilizado como meio artístico passivamente, no momento em que se entrega vulnerável nas mãos do suspender, limitado da visão e da ação dos braços, limita-se também a expressividade própria e passa a ser parte do processo.

A descrição era seguida da ficha técnica da performance, apresentando roteiro e direção: João Alien; execução técnica: João Alien e Zé Martini; produção: Naya Pimentel e performer: Naya Pimentel.

Logo consultei João sobre a possibilidade de, no evento aberto ao público, eu tirar fotos para meu trabalho. Como sempre muito receptivo, ele me respondeu: “Claro, sem problema nenhum, até vou te pedir pra me mandar as fotos depois”. Mais uma vez, os registros fotográficos foram uma forma de aproximação dos interlocutores no campo.

Passei a semana ansiosa aguardando a tal sexta-feira. Na data, cheguei no bar às 20h20, pois sabia que o local é pequeno e que poderia lotar logo. Cumprimentei Fábio, um dos funcionários e meu conhecido, e João. Logo na entrada, além de João, estavam, sentadas num sofá, cinco pessoas modificadas, com alargadores grandes e muitas tatuagens. Os demais presentes não tinham modificações tão “notáveis”.

As mesas do ambiente principal do bar estavam todas ocupadas ou reservadas. Fui para os fundos, espaço parecido com um jardim coberto, onde fiquei. Fábio anotou meu pedido e comecei a ajustar a câmera fotográfica. Ao trazer meu *drink*, ele me perguntou: “Veio sozinha hoje?” Eu respondi afirmativamente e que estava ali para observar, fotografar a performance e completar a dissertação sobre suspensão corporal. Fábio, que já tem algumas tatuagens e *piercings*, animado, disse que tinha muita curiosidade para se suspender e que até já estava conversando com João. Pedi a ele me chamar quando, de fato, fosse se suspender. Ele disse: “Claro!” e foi atender as outras mesas.

Aos poucos, foi chegando mais gente. A maioria do público tinha entre vinte e trinta e cinco anos e com estilo parecido com o dos outros eventos: roupas pretas,

⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1845431172421537/>;

⁴⁶ Método japonês que tem a intenção de dar prazer com amarração por cordas.

cabelos coloridos, tatuagens e *piercings*. Outros jovens, que não seguiam a mesma estética, pareciam ter ido ao bar sem saber da performance. De alguma forma, buscando uma identificação, eu também fui vestida de preto e com uma roupa que deixasse as minhas *tattoos* à mostra. Ocupantes de duas mesas também se diferenciavam do público. Um casal de mais de cinquenta anos, que estava no salão central, e dois homens e uma mulher, também na faixa dos cinquenta, que chegaram depois de mim e sentaram na mesa ao meu lado. Esses três tomavam espumante e, devido a proximidade, ouvi conversarem sobre a inauguração de uma galeria de arte no centro da Capital gaúcha. Percebi, então, que pessoas com mais idade também se interessavam pela arte corporal que seria apresentada. Dei uma volta pelo bar, confirmei com João se eu poderia mesmo fazer fotos; ele consentiu, afirmando que seria bom ter registros. Eu perguntei: “A pessoa que vai ser suspensa, Naya, quem é?”, ele me apontou a jovem que sorriu para mim. Eu me certifiquei, diretamente com ela, a possibilidade de fotografá-la. Ela fez um gesto de *ok* com o dedo, sorrindo. Voltei para minha mesa.

Não fiquei ali por muito tempo, logo uma moça que trabalha no bar veio me perguntar: “Tu veio sozinha ou tá esperando alguém?”. Respondi que estava só e ela me propôs ficar numa outra mesa com Carol, uma moça que também faz performances no local⁴⁷, mas as dela são burlescas. Eu concordei de modo que mais frequentadores fossem acomodados.

A nova mesa ficava bem na frente de onde aconteceria a suspensão. Conversamos sobre a atuação dela como artista, sobre o meu trabalho e sobre modificações corporais. Carol tem algumas tatuagens e um *piercing*. Ela me revelou que também estava super ansiosa com a apresentação e quer experimentar fazer Shibari. Eu perguntei: “Tu queres te pendurar só por corda, sem gancho?”. Ela respondeu: “Não, com gancho também. Eu falei pro João que quero aprender tudo que ele tiver pra me ensinar”.

Perto das 21h, horário previsto da performance, Carol saiu para fumar. Chegaram outras pessoas que reconheci de vista do evento da *Ritulz*. Imaginei que fossem amigas de João e que acompanham todos seus trabalhos. A casa estava cheia, calculo que com cerca de quarenta pessoas. Percebi uma movimentação de Naya, João e outro rapaz, que depois fui saber que era Zé, também responsável pela suspensão.

⁴⁷ O bar costuma ter performances de BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), de dança e circo.

Subiram para o mezanino do bar. Pensei que começariam as perfurações, mas como não fui convidada a acompanhá-los, não me atrevi a subir. Carol voltou e eu comentei: “Acho que já começaram a perfurar” e ela disse: “Estranho, da última vez⁴⁸ furaram aqui embaixo, pra todo mundo ver”. Algum tempo depois, todos desceram; Naya com dois *Gilson's* nas costas e um gancho na canela esquerda. Eu sentei no chão para ter ângulo melhor para fotografar.

João e ela se posicionaram na frente da corda que pendia do teto. João estava com uma camiseta preta da *Ritulz* com ilustração dele e, também de preto, tinha as unhas e os olhos pintados. Naya, que tem *dreads* e muitas tatuagens, vestia uma blusa preta com furos, parecida com uma meia “arrastão” e, na parte de baixo, algo semelhante a um biquini preto. João cumprimentou a todos e explicou que apresentariam a suspensão com Shibari e ganchos “de forma bastante direta”. Todos que estavam nos fundos vieram para a frente das cordas e sentaram no chão. Ouviu-se o som de música calma.

João vendou os olhos de Naya e amarrou suas mãos. Passou a amarrar o corpo dela, dando nós nas cordas de forma a imobilizá-la. Depois, plugou os ganchos das costas na placa de ancoragem e pediu para Zé, que comandava as cordas, subir um pouco Naya. Ela foi elevada devagar, fazendo movimentos com os pés como se estivesse flutuando sem gravidade. João seguiu amarrando as cordas em seu corpo que, aos poucos, foi mudando de posição. Amarrou as pernas junto às nádegas e a moça ficou no ar, na horizontal, com as pernas pra cima e barriga pra baixo, balançando ao ritmo da música. Na sequência, ele soltou a perna esquerda e a colocou mais pra cima, dessa vez presa com o gancho, e atou ainda mais a direita. Como ela estava vendada, João antecipava, em seu ouvido, o que faria. Naya, com a expressão serena, demonstrava que confiava nele. João soltou os ganchos das costas e segurou o tórax dela, soltando-o aos poucos, de modo a colocá-la de cabeça pra baixo, ficando presa pelas pernas (uma por gancho, outra por corda). Passados alguns minutos, João a levantou e prendeu as cordas do tórax na placa, fazendo com que ela se mantivesse presa, lembrando uma posição fetal.

⁴⁸ Houve uma primeira edição dessa performance no mesmo lugar. *Teaser* disponível em: <https://www.facebook.com/naya.pimentel.13/videos/1326253634141012/>.

A performance já durava uma hora, quando o suspender pediu para Zé ir baixando a corda e trouxe uma cadeira para perto a fim de Naya sentar. João ajudou a moça a levantar e começou a desamarrá-la. Tirou sua venda e a música parou. A plateia aplaudiu e Naya sorriu, parecendo um pouco envergonhada. Abraçou João e Zé. Os três subiram para a retirada dos ganchos. Alguns que estavam sentados no chão voltaram para suas mesas e outros foram embora. A seguir os meus registros da performance:



Ambiente do bar com um poste usado para as performances de *pole dance*. Cordas para suspensão pendendo do teto e João preparando os equipamentos.



Naya com os Gilson's nas costas antes da performance.



João apresentando ao público a performance.



João amarrando Naya já vendada.



Naya suspensa pelos três ganchos (dois nas costas e um na perna esquerda) e cordas. Público fazendo registros.



João mudando Naya de posição, Naya suspensa pelas pernas: uma por gancho, outra por corda.

Voltei para minha mesa, onde estava Carol. Perguntei-lhe: “E aí, que tu achou?” Ela respondeu imediatamente: “Lindo, né? Maravilhoso!”. Indaguei: “Aumentou tua curiosidade?”. Ela revelou que queria fazer logo. Também achei a apresentação bem bonita, pois a música e as luzes criaram uma diferente atmosfera à prática, dando um clima de performance, inédito para mim.

Esse evento foi distinto, uma performance artística realizada em um ambiente diferente, num bar, aberto ao público e em uma interatividade com ele, onde participavam não só membros da comunidade *body mod*. Segundo Camile Vergara (2015), a experiência performática permite uma forma particular de inserção no campo, uma vez que o pesquisador é atravessado pelos afetos coletivos enunciados e também tem agência sobre a situação.

No momento da apresentação, todos olhavam atentos, com celulares em mãos fazendo registros. Não percebi expressões de choque ou repulsa, talvez porque os três ganchos - colocados anteriormente em um ambiente retirado - tenham passados despercebidos em meio às amarrações com cordas. Como era o objetivo da performance, ficou evidente – talvez ainda mais que nos outros eventos pelo uso da venda e da imobilidade da moça - a entrega, confiança e cumplicidade entre a suspensa Naya e o suspender João, de uma maneira delicada e sensual.

Passavam das 22h30 quando me despedi de Carol e de Fábio. Entrei na fila para pagar o *drink* e o *couvert* artístico. Como a escada do mezanino fica bem na frente do caixa, vi descer Naya que sorriu para mim, me abraçou e perguntou: “Fez umas fotinhos?”. Respondi: “Sim e tu arrasou!”. Eu, que nunca tinha falado com ela antes, fiquei surpresa com o abraço e, ao mesmo tempo, feliz por ser bem recebida. Na minha frente, na fila, um casal perguntou se teria de novo essa performance ali e a moça do caixa respondeu que “se eles quiserem, a gente faz sim” e aproveitou para anunciar os outros eventos da casa. Não encontrei João para me despedir. No dia seguinte, enviei as fotos para ele.

As performances são um meio de empoderar àqueles que não ocupam posições de “excelência” no exercício de poder, e, dessa forma, criticam as posições de privilégio, construindo um espaço de desestruturação dessas relações (VERGARA, 2015). Essa performance de suspensão, ao meu ver, busca contestar a moralidade imposta na sociedade, já que fura e amarra o corpo, utilizando elementos da BDSM,

mostrando como essa também pode ser uma relação leve e de confiança. No capítulo seguinte, tento analisar um pouco mais profundamente a suspensão como performance.

Independente do objetivo da suspensão, o êxito de uma sessão é avaliado pelo nível de bem estar da pessoa, antes, durante e depois da suspensão, como também veremos no capítulo próximo, onde dou ênfase para as sensações descritas pelos praticantes e também tento entender algumas de suas motivações relatadas. Enfim, a prática só é considerada um sucesso se, ao descer, os olhos do suspenso estão brilhando.

CAPÍTULO 3 - VOAR, VOAR, SUBIR, SUBIR: DECODIFICANDO AS PERCEPÇÕES E AS MOTIVAÇÕES DOS ADEPTOS DA SUSPENSÃO CORPORAL

*Ando meio desligado, eu nem sinto os meus
pés no chão.
(Os Mutantes - Ando meio desligado)*

As emoções estão geralmente associadas ao corpo e, nessa relação, encontramos tanto as causas quanto as manifestações dos sentimentos, que teriam também qualidades comuns às reações do corpo. Segundo José Carlos Rodrigues (1975), as estruturas neurológicas são, em certa medida, formas vazias que diferentes culturas preencherão de maneira variada e que os complexos emocionais construídos estarão a serviço das sociedades como mecanismos avaliadores da observância, ou não, das normas comportamentais culturalmente constituídas. Para o autor, “sentir emoção” também é algo que se aprende e as rotulações com as quais designamos determinadas emoções ou as associações que a elas fazemos com diferentes eventos não podem ser traduzidas de um sistema cultural para outro facilmente.

Então, o modo como explicamos as emoções com origem em processos corporais é parte de uma visão culturalmente específica sobre o corpo e não universal. As emoções são parte dos padrões aprendidos culturalmente (REZENDE e COELHO, 2010). Para a antropóloga Cynthia Sarti (2001), as experiências dos indivíduos também são construídas em relação com a sociedade. Segundo ela:

A este processo de socialização correspondem dois momentos indissociáveis: o confronto do indivíduo com a sociedade, como realidade objetiva; e a interiorização desta como realidade subjetiva. O mundo social existe apenas ao se constituir como sentido para os indivíduos que nele vivem. E, dialeticamente, os indivíduos só constroem o significado de suas experiências (inclusive da dor), mediante as referências coletivas. Não existe realidade social sem significado subjetivo para os que nela vivem, ao mesmo tempo que o significado de cada ato individual, cotidiano e singular, só existe como produto do que lhe é dado viver na sociedade e na cultura às quais pertence (SARTI, 2001, p. 4-5).

Le Breton (2011) segue na mesma linha. De acordo com o autor, cada comunidade humana elabora seu próprio universo sensorial como um universo de sentido e cada sujeito se apropria de seu uso conforme sua sensibilidade e os acontecimentos de sua história pessoal. Qualquer sujeição de uma técnica nova é, simultaneamente, aprendizado sensorial e integração de novas informações.

Então, o corpo age perante o mundo e as percepções dos inúmeros estímulos que ele recebe em cada momento é função do pertencimento social do indivíduo e de seu modo particular de inserção no sistema cultural. Neste capítulo, pretendo tratar algumas das motivações e as percepções sentidas pelos praticantes em uma sessão de suspensão, visto que essas também são influenciadas e construídas pelo meio social que os cercam.

3.1 O VOO DO MEDO À PAZ

Uma das minhas questões para os entrevistados foi o que sentiam antes, durante e depois de cada voo. Todos foram unânimes em responder que, antes, o sentimento é de ansiedade e medo e, pós, de relaxamento e satisfação. Durante, no momento em que estão no alto, há algumas divergências nas respostas; o sentimento parece depender da posição escolhida para a suspensão, mas a maior parte dos relatos versa sobre prazer, euforia, liberdade, leveza, sensação de desafio e de integração com o todo. Podemos ter uma melhor noção do efeito da suspensão nessas três etapas através da descrição dos suspensos.

Cami declara como se aproximou da técnica e o medo que sentiu na primeira vez que participou:

A gente foi se aproximando cada vez mais assim do ritual da suspensão, do respirar, do se controlar, do levar o corpo ao limite... eu fui me interessando cada vez mais e até tá lá no meio me perguntando: nossa, por que ainda não foi, sabe? Eu já tô tão iniciada há tanto tempo, porque isso ainda não aconteceu? E acabou acontecendo... eu tive medo, porque era estranho... eu já tinha visto muitas vezes, mas não sabia o que ia acontecer com meu corpo... quando eu subi, olhei pra pessoa que tava na minha frente e disse: eu não vou conseguir. Eu tava morrendo de medo mesmo, porque eu nunca tinha sentido tanta coisa ao mesmo tempo (Cami, 2016).

Depois da estreia, Cami encantou-se ainda mais pela prática e vem testando posições. Ela expressa o sentimento de superação a cada nova experiência e a paz que sente após cada suspensão:

Mas foi a melhor coisa que eu fiz, assim... foi totalmente libertador...quando tu sai do chão é algo que não tem como explicar... Antes eu sinto muita ansiedade. Eu sempre procuro me preparar bem. Durante são mil sensações, mas a única palavra que eu consigo pensar mesmo é superação... cada suspensão tem uma... tipo assim, se fosse pra falar de cada uma separadamente eu ia te dizer: aquela eu senti isso, na outra senti aquilo... cada uma tem uma sensação diferente, depende das pessoas que tão ali, se tu tá no meio do mato, se tu não tá, o que que tá acontecendo, a posição do corpo, tudo isso é muito relevante. E depois gratidão, eu sinto muito amor. Aquele momento que eu saí, que eu desci é assim: paz (Cami, 2016).

João aderiu à técnica por influência de Cami. Os dois se iniciaram no mesmo dia. Assim como ela, ele também conta ter sentido muito medo:

Eu tive muito medo também, com certeza, quase não consegui subir também da primeira vez... a perfuração em si, achei de boa, eu tava até esperando mais dor, mas a adrenalina é muito forte. Foi bem difícil assim, a primeira, mas aos poucos tu acaba ficando acostumado, não acostumado com a dor, mas com a descarga de adrenalina que é muito alta... conseguir controlar a mente nesse estado de muita adrenalina, muita emoção, conseguir não ficar tão nervoso, ficar mais tranquilo com a situação (...) (João, 2016).

Atualmente, João já soma o dobro de suspensões de Cami e em diversas posições. Enquanto ela diz praticar apenas quando sente falta, ele dá ênfase para o prazer de estar suspenso e ao relaxamento na descida:

Depende um pouco da posição, tem posições que são mais fortes... têm posições que, pra mim, eram mais importantes, que eu me preparei mais, fiquei mais nervoso... mas todas eu fico nervoso, dá aquele frio na barriga, que é o legal da parada, que é o que dá a graça. Outras, já nem me preparei tanto, decidi fazer na hora mesmo... nas costas, joelho, braço... não é uma coisa muito forte, então eu levo mais pro lado da adrenalina mesmo, de curtir o momento de botar um rock pesado e balançar bastante, sabe? E depois é a questão da adrenalina mesmo, que depois que baixa tu tá num relaxamento... é difícil definir assim (João, 2016).

Bárbara é menos experiente, se suspendeu duas vezes. Mas, também aborda o medo e a ansiedade pré-prática:

Antes eu posso dizer que eu tava nervosa, todas às vezes (hahaha) Não tem como tu dizer que tu não, porque eles te dão um papel... as duas vezes eu assinei... tu lê e assina um papel que diz mais ou menos assim: eu sei que pode arrebentar, eu tenho total consciência e ninguém tem culpa disso, porque a pele é elástica, mas arrebenta. Então tu já pensa: “ah, que merda! Será que isso já aconteceu? Será que vai ser comigo, que vai acontecer?” É uma coisa que não é comum, mas tu tem que estar ciente, né? Tu tem que saber que existe o risco. Daí te dá um nervosismo, uma ansiedade, sabe? Mas, tipo, depois que fura... eles super te acalmam na hora de furar... eles falam bastante do lance da respiração e aí tu te acalma e fura. E eu acho que na hora que fura tu já começa sentir adrenalina, porque tu já sente o calor nas costas e os ganchos já estão ali e tu sabe que agora é a hora, então, tipo “baaah, agora já era, não tem o que fazer (hahaha).” (Bárbara, 2016).

Me chamou a atenção ela ser a única pessoa a comentar, nos depoimentos que colhi, a assinatura do termo de responsabilidade. Eu observei a existência dessa medida apenas no evento de Esteio, mas acredito que deva ser uma formalidade comum, uma vez que esses consentimentos são exigidos até para procedimentos de *tattoo* e *piercing*.

Bárbara conta que, em sua primeira vez, ela própria preferiu puxar a corda para ter controle de suas sensações. E, expressa como foi:

Fiz as duas pelas costas, a primeira vez foi um furo de cada vez e o lado esquerdo doeu mais... a segunda vez foi os dois ao mesmo tempo, foi incrível, não senti nada, não sei, foi muito suave... acho que eles estão super acostumados a fazer também, né? Daí já começa a liberar adrenalina “agora eu vou subir, agora eu vou voar, vou voar” (hahaha) e aí quando eles realmente engatam teus ganchos, aí tu fica muito na expectativa, né? A vez que fui, eu que me puxei nem tanto... porque era eu que tava controlando, eu

meio que sabia, uma hora eu não conseguia mais puxar, subi no joelho do Éric e continuei... eu queria saber como era sentir por mim mesma, sem ser com a energia do outro (Bárbara, 2016).

É interessante o fato, apontado por ela e observado também por mim nas suspensões que presenciei, de os suspensores explicarem, cuidadosamente, as técnicas de respiração. Nota-se, na fala de Bárbara, a confiança que deposita nos profissionais. A jovem cita, também, as descobertas de como o corpo responde a cada movimento:

Depois que tu sobe, a galera te embala, empurra ou tu gira... tu vê que tem posições... se tu mexe com a perna, tu vai girar; se tu deixa retinha, tu vai parar de te mexer; dependendo do que tu fizer, tu consegue interagir mais... até porque tu fica bem duro assim no começo... no começo tu tá tipo te redescobrando, porque tem aquela pressão e tu tá duro, aí tu lembra de respirar fundo... respira, começa a sentir de novo, começa a sentir teu corpo... tu vê que tá tudo bem, entendeu? Que tá tudo ali, que nada arrebentou (hahaha) e a galera tá toda na tua volta vibrando... é muita energia, cara, não tem como tu sentir alguma coisa ruim, sabe? E depois... é uma superação, cara. A primeira eu me dei de presente de 24 anos, a idade que eu me senti preparada... que eu fiquei mais de um mês me preparando... e foi um momento que marcou várias coisas na minha vida. Parecia que pra fechar um ciclo e começar outro ciclo eu tive aquela necessidade, sabe? (Bárbara, 2016).

Bárbara destaca a descarga de adrenalina ao furar as costas e o momento da elevação. Conta também sobre a importância da preparação, etapa que será analisada mais adiante. Por fim, fala sobre o alívio de ver que a suspensão deu certo e a sensação de superação.

Percebi, nos depoimentos dos iniciantes, o medo. Já nos experientes, o constante é a ansiedade, o “frio na barriga” que, como afirma João, “é o que dá a graça”. A questão de liberação de hormônios também aparece com frequência e eles apontam que é um fator que deixa a prática ainda mais atraente. É recorrente, nos relatos, o sentimento de superação e de paz que a prática transmite. Segundo os interlocutores, a modificação temporária é um ato de sobrelevação prazeroso e inexplicável.

Quando perguntei sobre os sentimentos vivenciados em uma suspensão, ninguém fez referência à dor que, para mim, parecia óbvia. Então, fiz outra questão para saber qual a relação dos adeptos com ela.

3.2. A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É

Conforme Cyntia Sarti (2001), sabemos que, na dor, se revelam, simultaneamente, a singularidade do sujeito e a particularidade de sua cultura. Segundo Daniel Lírío (2010), a dor é bastante comum nas modificações corporais, alguns praticantes gostam da sensação e outros buscam superá-la. De acordo com o censo sobre

suspensão, a dor da prática também depende da posição escolhida, mas em uma escala de 0 a 10, a maioria responde 5, como mostra o gráfico:

Escala da dor:



I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 34: Escala da dor (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

De fato, notei que, durante as suspensões, as expressões dos praticantes não são de dor, mas sim de concentração. Nas respostas que obtive, algumas pessoas relataram não sentir praticamente nenhuma dor e outras, de que não se interessam por ela, atribuindo-lhe um papel secundário. A maioria de meus entrevistados a definiu como suportável e compreendida como parte do procedimento; não seria o objetivo, mas sim o meio, ou seja, se suspendem apesar da dor, como revelam os trechos:

Eu sinto bastante dor, eu sinto toda ela. Mas acho que a dor não é o foco, sabe? Ela é parte do processo, tu tem que passar pra chegar no objetivo maior, mas não é algo que eu faço buscando a dor... é que nem uma tatuagem, quem faz não quer a dor, quer o resultado. A dor é um obstáculo pra tu chegar no objetivo (João, 2016).

A minha relação com a dor é de aprendizagem. Eu entendo que ela faz parte de alguns processos da minha vida e eu a respeito. A gente não cresce somente na luz (Thi Angel, 2017).

Acredito que ela é parte do processo. Ela é o meio pra se atingir algo desejado (Felipe, 2017).

A dor, nesse caso, parece ser necessária para atingir os objetivos finais, encontra todo sentido nessas práticas corporais e contrasta com a anestesia do mundo contemporâneo. Nos grupos tradicionais, ela significava coragem, tinha utilidade moral; hoje, há uma aversão ao sofrimento, a dor passa a ser vista não como estímulo inerente à condição humana, como sinal de algo estar errado e que previne contra o mal, mas sim

como o próprio “mal” a se evitar (PIRES, 2005). Segundo Bernard Andrieu (2004), a “geração sensação” utiliza de elementos naturais para libertar o corpo da monotonia sensorial definida pela norma social e, assim, descobrir novas sensações interiores e íntimas.

Na suspensão, não se trata de uma dor inesperada, mas sim consentida e aguardada. Diferentemente de uma injeção que provoca dor, a perfuração da suspensão é percebida como parte de um processo maior de experiência do sujeito feito entre amigos que partilham os mesmos ideais.

Assim, a pessoa se prepara e entra em um estado mental onde as sensações são percebidas de forma diversa (LÍRIO, 2010). A prática remete, resumidamente, a um misto de distensão, queimação e o momento da elevação é descrito como muito doloroso, porém, a dor geralmente é substituída, aos poucos, por um profundo relaxamento. Como afirma María Pérez Gutiérrez (2009):

La etapa de la perforación es bastante intensa, pero no todos experimentan el mismo nivel de dolor, aunque sí sienten una especie de ardor en la zona de la herida. Al comenzar a tirar de la piel, sienten como esta cede y se estira, reacomodándose para soportar el peso del cuerpo. – Es claro que cuantos más puntos de suspensión, más distribuido se encuentra el peso y menos es la tensión a cada uno de los puntos. – Ahí es cuando se comienza a sentir una mezcla de dolor, euforia, tironeo, ardor, etc. Después de unos pocos minutos, la mayoría afirma que todas estas sensaciones rápidamente van quedando en un segundo plano y solo permanece una sensación de euforia. A muchos esto les llega a inducir un estado de trance/chock en el cual no sienten dolor alguno. No quita que existan casos, aunque muy poco frecuentes, en los que se pueda llegar a sentir un dolor extremo, que provoque náuseas y pánico. Afortunadamente, para la mayoría, ésta es una experiencia que les cambia la vida para bien (GUTIÉRREZ, 2009, p. 26).⁴⁹

Biologicamente falando, o corpo sofre alterações hormonais na pressão sanguínea e no ritmo cardíaco. O corpo, ao liberar os hormônios, parece dar ênfase para sensações mais importantes onde a dor fica sublimada. Os comentários abaixo descrevem o momento da suspensão propriamente dita, quando as pessoas estão “lá em cima”, sentem que a dor parece ficar em segundo plano:

⁴⁹A etapa da perfuração é bastante intensa, mas nem todos experimentam o mesmo nível de dor, mas sim sentem uma espécie de ardência na zona da ferida. Ao começar a puxar a pele, sentem que essa cede e estica, se reacomodando para suportar o peso do corpo. É claro que, quanto mais pontos de suspensão, mais distribuído fica o peso e menor a tensão em cada um dos pontos. Nesse momento, é quando se começa a sentir uma mistura de dor, euforia, puxão, ardência, etc. Depois de uns poucos minutos, a maioria afirma que todas essas sensações, rapidamente, vão ficando em segundo plano e só permanece a sensação de euforia. Muitos chegam em um estado de transe ou choque, no qual não sentem nenhuma dor. Não exclui que existam casos, mesmo que muito pouco frequentes, que se pode sentir uma dor extrema, que provoque náuseas e pânico. Felizmente, para a maioria, essa é uma experiência que muda suas vidas para melhor. (GUTIÉRREZ, 2009. Tradução minha)

Eu acredito que tem uma parte da suspensão que vai doer e não é nem o depois que tu vai sentir tudo, é durante o processo mesmo... quando tu vai levantar, talvez seja um momento de dor e depois vai passar e é aquele momento que tu vai aproveitar da suspensão que pode até estar doendo um pouquinho, mas tu já tá tããã [faz sinal com os braços que indicaria algo como “envolvido” / “submerso”] que já esqueceu, sabe? Tu tá lá e só consegue curtir, mesmo tanto doendo (Cami, 2016).

Sempre tive curiosidade de entender a alegria daquelas pessoas no ar, só entendi quando fui uma delas. Tive medo até o último segundo antes de tirar os pés do chão, mas quando eu tirei, o medo passou e veio a alegria; na hora tudo fez sentido (Karine, 2017).

A suspensão pode, então, provocar êxtase ou estados alterados de consciência com a percepção da separação entre o sentimento de si e do corpo; e a dor é um instrumento importante para essa separação. Segundo Arold Ludwig (1968 *apud* LAPASSADE, 1990), é possível definir um estado modificado de consciência – um EMC – como um estado mental que representa um desvio dentro da experiência subjetiva ou dentro do funcionamento psicológico em relação a certas normas gerais da consciência no estado de vigília.

Para Georges Lapassade (1990), os EMC podem ser espontâneos como são os sonhos, o sonambulismo, as experiências de sair do corpo ou do limiar da morte; eles podem ser induzidos, notadamente, pela hipnose ou pelo consumo de drogas. Esses estados modificados de consciência não têm o mesmo *status* social, variam para cada cultura. Os EMC são, então, transes no estado potencial. Eles se tornam transes efetivos quando determinada sociedade escolheu cultivar esse ou aquele dos seus estados.

Fakir Musafar (*apud* LÍRIO, 2010) afirma que, em face de uma dor extrema, é possível aprender a entrar em um estado mental cujas emoções estariam separadas das sensações corpóreas. Dessa forma, Daniel Lírío cita:

Quando o estado alterado é atingido, torna-se possível parar de sofrer a dor, passando-se a um estado de observação do corpo que tem sensações não mais caracterizáveis como dolorosas. Nesse estado não existe dor, mas apenas sensações intensas, especialmente importantes por fazer-se sentir mais vivo (VALE, 1989 *apud* LÍRIO, 2010, p. 26).

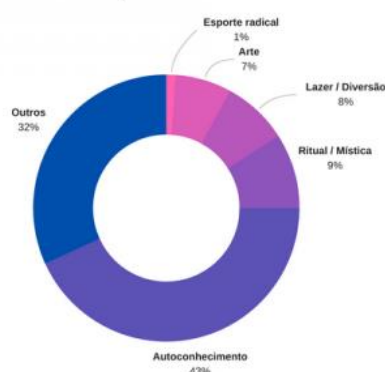
Como já dito, a dor varia conforme a posição escolhida e quantidade de ganchos. Quanto mais ganchos, obviamente, mais perfurações e mais dor; em compensação, a tensão é dividida entre os vários pontos, o que facilita a elevação (LÍRIO, 2010). Quando alguém estreia na prática, pode entrar em estado de transe indolor ou ter dor e náuseas estando no alto (*ibidem*, 2010). Todos meus interlocutores afirmaram ter

vivenciado só a primeira sensação. Apenas Assis e Kita tiveram uma queda de pressão, mas foi antes de subirem.

3.3 MOTIVAÇÕES

A motivação dos praticantes varia, pois há uma vasta gama de possibilidades. Segundo Daniel Lírio (2010), em linhas gerais, os objetivos da pessoa que se suspende são: descobrir o sentido mais profundo de si, desafiar um sistema de crenças, buscar iluminação espiritual, transcender, participar de um rito de passagem, ter sensação de liberdade, obter prazer com as sensações estéticas, fazer amigos, sentir o *rush* de adrenalina e endorfina, ter a possibilidade de dominar o medo, ter controle sobre seu próprio corpo, ser mais do que o corpo, explorar o desconhecido, provar ser capaz e, ainda, ganhar dinheiro e fama com rituais performáticos. Comumente, os adeptos costumam dividir os objetivos em três vertentes: para fins de espetáculo/artístico, para fins ritualísticos/espirituais e para fins de lazer (ARAÚJO, 2015). Como aponta o censo nacional, os consultados enxergam a suspensão da seguinte forma:

O que é a suspensão corporal:



I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 35: O que é suspensão corporal (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

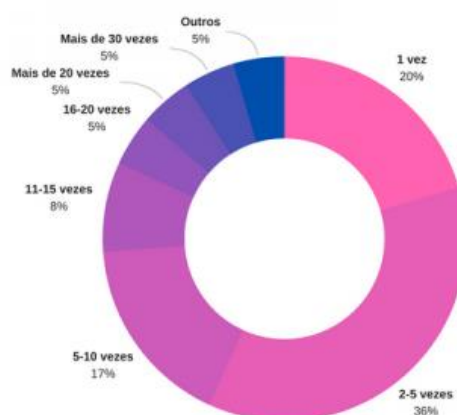
Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Qualquer que seja o motivo do suspenso - atividade lúdica, experiência mística, performance, ritual ou uma técnica de autoconhecimento -, em qualquer circunstância, a suspensão sai do cotidiano e da normalidade. A técnica exige não só uma preparação física, como também e talvez principalmente, uma preparação mental. Então, passo a encará-la aqui como evento, que foge à rotina.

Outro dado interessante, conforme o censo e a minha investigação, é que a maioria das pessoas pratica suspensão mais de uma vez. O levantamento revela que

36% dos entrevistados se suspenderam de duas a cinco vezes, enquanto 20 % assumiram ter feito a prática apenas uma vez. O gráfico abaixo comprova:

Quantas vezes já se suspendeu:



I Censo Brasileiro de Suspensão Corporal - 2017

Figura 36: Quantas vezes já se suspendeu (Censo Nacional de Suspensão Corporal)

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>

Na minha pesquisa, não foram poucos os relatos de pessoas que “perderam as contas” de quantas vezes voaram. João, por exemplo, se suspendeu mais de dez vezes em um ano. Os entrevistados que fizeram uma única vez têm a intenção de repetir. Pretendo, nesta parte, tratar de algumas das motivações tentando compreendê-las no contexto das narrativas dos participantes.

3.3.1 Ritual

Para Mariza Peirano (2003), não existe uma definição rígida e absoluta de ritual. A antropóloga derruba a noção do senso comum que o trata como fossilizado, imutável, definitivo. O conceito, segundo ela, precisa ser etnográfico, ou seja, é necessário ser apreendido pelo pesquisador junto ao grupo que ele observa.

Segundo Julyana Manguinho (2012), a suspensão é um rito que separa os suspensos dos não suspensos, dentro da comunidade *body mod*. Sendo que os suspensos seriam mais importantes dentro do grupo por mais terem testado seus corpos.

Então, dando voz aos meus interlocutores, a partir de entrevistas, percebi que a suspensão, para alguns dos adeptos, pode ser sim um ritual de passagem ou iniciação. Vários praticantes assumem a técnica como ritual, inclusive o nome da marca *Ritulz* leva a entender como tal. Assim, respeitando o discurso êmico, pretendo, agora, analisar

a prática por esse viés, levando em conta a abordagem prévia das teorias antropológicas que têm como objetivo o estudo de rituais.

Como visto no primeiro capítulo, o corpo está imerso na sociabilidade - sobre ele se exercem pressões psíquicas e físicas – como também na ritualidade. A vida social é sempre marcada por rituais, sejam públicos ou privados (ROSSI, 2011). A ideia central do rito também é a tradição, ou seja: a preservação da memória coletiva; é através do rito que a sociedade reforça a experiência cotidiana e reafirma os indivíduos como comunidade, visto que, através dele, se expressa a solidariedade e se partilham sentimentos. A jornalista Nathalia Abreu registra em sua dissertação:

A ideia central do ritual é a tradição: ela funciona como um mecanismo de preservação da memória coletiva e das verdades inerentes do que é reconhecido como tradicional. Mais ainda do que ser um mantenedor da cultura, é através do rito que a sociedade reforça a experiência cotidiana e refaz a ligação que une as pessoas como comunidade. Porém, como tradição e forma de reconhecimento social, os rituais possuem linguagem e significação próprias (ABREU, 2013, p. 52-53).

Martine Segalen (2005) afirma que o rito é um conjunto de atos expressivos e detentores de uma dimensão simbólica. É caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas próprios de comportamentos e de linguagens e por signos emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. Isso ficou claro pra mim na comunidade estudada, visto que os participantes têm o mesmo estilo de se vestir, circulam pelos mesmos locais e, por terem a mesma faixa etária, possuem uma linguagem própria permeada por gírias e expressões comuns. Assim sendo, é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências padronizadas de atos (TAMBIAH *apud* PEIRANO, 2003).

A suspensão corporal também é reciclada pelos primitivos modernos. Para Kênia Kemp (2005), a prática é um exemplo de apropriação de costumes das tribos tradicionais pelo movimento de Modificação Corporal. Segundo Patrícia Dias:

Um determinado rito observado em certo lugar pode ser (re)significado por novas observações fora dos modelos sociais em que nasceu, se desenvolveu e foi realizado durante um espaço de tempo, pois as interferências da vida humana transformam as condições de vida de determinado povo, e essas mesmas interferências refletem na prática ritual (DIAS, 2010, p. 73).

Como visto, em seus primórdios, era um ritual que envolvia limites físicos, praticado por índios americanos e também por hindus, dando ênfase para experiência espiritual e aprendizado proporcionado ao suspenso (ABREU, SOARES, 2012). Fakir

Musafar é quem retoma a técnica, mas agora esse rito é resgatado com outros propósitos. Atualizado, segue o mesmo princípio técnico, porém, bastante aprimorado; pode ser feito em outras partes do corpo e é completamente seguro.

Um importante registro desse tipo de prática apareceu no filme, lançado em 1970, “Um Homem Chamado Cavalo” que tratava da técnica de suspensão do *O-Kee-Pa*, considerada a posição mais dolorosa para se suspender. No western, um inglês capturado por indígenas norte-americanos é feito de serviçal do chefe da tribo. Entra no estado liminar descrito por Victor Turner, é despido de suas roupas, de seu nome e de sua própria identidade humana e percebido pelos indígenas como um animal, um cavalo. Só volta a ser considerado homem após matar um membro da tribo rival. Mas, para fazer parte da comunidade que o capturou e casar com uma das indígenas pertencente ao grupo, o estrangeiro teve que se submeter ao ritual da suspensão. Desse modo, passando pelo sofrimento e se mostrando capaz de suportar a dor, torna-se integrante da comunidade.

Assim, o ritual, por meio de intervenções físicas, tem a intenção de mostrar as mudanças sociais e biológicas que o indivíduo passou de modo a incluí-lo no coletivo. Independente da sociedade, o corpo é um meio de passar saberes. Os ritos tratam das compreensões de mundo adotadas por determinada comunidade e de transmiti-las a partir da corporeidade. Como afirmava Pierre Clastres, os rituais de iniciação dos grupos tradicionais serviam, também, para definir o pertencimento de um indivíduo a eles. Essas cerimônias, geralmente, se davam na promoção de sofrimento para o neófito.

Nas suspensões atuais, a proposta não parece ser diferente. Retomando Turner, é possível perceber a suspensão como um desses rituais já que, como afirmava o autor, há um deslocamento de fronteiras porque o sujeito é posto em uma condição de entrega e renasce como um novo ser, inaugurando uma nova etapa de vida. Camile Vergara, que pesquisou suspensão corporal e também é adepta da prática, assim comenta em seu diário de campo:

A suspensão é um rito de passagem, em que, ao colocarmos nossos pés novamente no chão, somos outros, mudamos nosso corpo, nossa mente, nossos sentimentos. A dor provocada foge do cotidiano, acordando o corpo. O sangue escorre exaltando a vida. E aí percebemos que precisamos sempre acordar novamente (VERGARA, 2013. Fragmento do diário de campo: 26 de junho de 2012, p. 45).

A ideia de se tornar outra pessoa é um discurso hegemônico entre os praticantes

de suspensão. Meus interlocutores afirmam:

Acredito que é sim um ritual no qual os participantes se preparam pra um evento de transição... de transformação, todos ali buscam algo e vão receber algo de volta (Matheus, 2017).

É um rito de autoconhecimento, um marco de mudança ou do começo dela (Felipe, 2017).

Eu não vejo muito como modificação corporal, mais mental mesmo. Porque tu vai carregar aquilo pra sempre, mesmo que tu não tenha gostado, tu passou por aquela experiência e não é uma experiência que é fraca! (Cami, 2016).

Eu acho que pode ser uma modificação corporal sim, porque fica cicatriz, natural, né? Mas realmente te modifica no sentido de: depois de passar por aquilo tu sai diferente. Como se fosse uma viagem, tu vai viajar pro lugar e volta diferente... qualquer experiência. Mas a suspensão é muito marcante, é muito intensa, ela te modifica de várias formas. (João, 2016)

Eu tinha receio de fazer por causa de achar que sentiria dor, mais quando suspendi vi o quão me fez bem, me senti leve, pura, foi como um ritual para me purificar. (Denise, 2017)

Independente do contexto, é um ritual; existe toda uma preparação para o ato, seja como for a forma disso ocorrer, no entanto, a importância desse ritual é algo íntimo. (Gian Carlo - Ralado *Piercer*, 2017)

Ouvi, durante minha pesquisa, diversos depoimentos de pessoas que confessaram ter mudado após uma sessão de suspensão; declararam que se sentem outras. Elas disseram que, ao se suspenderem e superarem seus limites e medos, tendem a ver a vida de uma outra forma. Esse discurso é homogêneo entre as pessoas que entrevistei e, também, na pesquisa do censo que anuncia:

A maioria das pessoas diz que a suspensão corporal alterou a forma com que elas sentem o mundo e olham para si próprias. Grosso modo, o despertar da consciência corporal aparece de diferentes formas nas respostas e muitas delas apontam sobre um ganho de força e resistência. (1º Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017).

É uma mudança mental e subjetiva, portanto impossível de eu comprovar. Mas parece óbvio que, ao passar por uma experiência tão intensa, elas se sintam muito mais capazes, orgulhosas de suas marcas e confiantes. André Meyer define em seu livro:

Acho que é algo parecido com o que sente alguém que sofre um acidente, quebra uma perna, coisas que também já aconteceram comigo. O corpo está ali, reagindo, fazendo que você se sinta mais vivo, que você queira se agarrar ao prazer da vida acima de qualquer coisa (MEYER, 2011, p. 115).

Percebo, então, que a sensação de mudança vem através do ganho de força e resistência. O sangue escorrendo traduz o significado de estar vivo, a dor física

associada a esta prática permite garantir uma sensação de continuidade da existência e adquirir, controlando a dor, uma onipotência, restaurando um narcisismo frágil (CAMPS, BELLUT, KERNIER, 2015).

Quanto mais suspensões a pessoa se submete, parece que está mais apta e incorporada à comunidade. O indivíduo se mostra mais forte e capaz de experimentar posições com maior nível de dificuldade. Dessa forma, ganha respeito, ou como indicava Victor Turner, muda o *status* que é comprovado pelos membros do grupo. Nathalia Abreu já havia relatado isso em sua pesquisa:

Há também, na entrevista dos membros, a questão do momento durante a subida das cordas que significa o silêncio, a humildade, a falta de *status* e a então preparação para a transição. A transição, no caso dos Diabos Mutantes [equipe de suspensão paulistana], refere-se à possibilidade de realizar novos desafios, ou seja: variações e tipos de suspensões mais difíceis, complicadas que apenas pessoas experientes estão aptas a realizar (...) dentro do grupo, as suspensões corporais acontecem com mais intensidade e maior grau de dificuldade à medida que o indivíduo demonstra capacidades importantes para a continuidade do grupo (ABREU, 2013, p. 60).

Segundo Victor Turner (1974), a reincidência é que define o ritual e, ao repetir a prática várias vezes, o indivíduo alcança determinado grau de segurança e coesão social. Assim, pela recorrência, os rituais passam aos participantes uma noção de manutenção e continuidade da tradição do grupo.

Nos encontros de suspensão, o grupo tem um papel importante assim como o trabalho em equipe. Como dito anteriormente, a suspensão é uma experiência feita entre amigos e só faz sentido quando feita em conjunto. A integração com o todo, tanto com profissionais quanto com espectadores, é significativo para os praticantes. Cabe ressaltar que, fora de contexto e se não fosse uma prática coletiva, daria margem a ser considerada uma forma de tortura.

Pode-se, então, analisar as equipes com o conceito *communitas*, pois é o momento em que os indivíduos se relacionam conscientemente com autonomia temporária de normas socioestruturais (ABREU, 2013). John Dawsey define o contexto:

Em instantes como esses – de *communitas* – as pessoas podem ver-se frente a frente como membros de um mesmo tecido social. Daí, a importância dos dramas sociais, e dos rituais que os suscitam (através de rupturas socialmente instituídas) ou deles emergem (como expressões de uma ação reparadora). No espelho mágico dos rituais, onde elementos do cotidiano se reconfiguram, recriam-se universos sociais e simbólicos (DAWSEY, 2006, p. 18).

Muito comumente, nos relatos, foi enfatizado que a técnica é um todo indivisível. Uma prática em conjunto:

A realização de ter feito um trabalho em equipe, de ter dado tudo certo, de ter sido feito com responsabilidade, das pessoas terem gostado de compartilhar aquele momento contigo é muito gratificante (...) É equipe mesmo... vai ter gente perfurando, vai ter gente montando a parte das cordas, o outro tá ali nos ganchos contribuindo com seu corpo, com sua dor, com seu momento único... e as pessoas que tão ali na parte de trás... nos cuidados... olhando a pele dessa pessoa pra ver se ela ainda está num nível de elasticidade bom, que não chegue a abrir fissuras na pele que possam romper o tecido que provoque a queda da pessoa... ou até mesmo olhando a corda, as fitas se sofreram algum desgaste (Fabrício, 2017).

É pelo amor que eu sinto do todo, sabe? Pelo amor que eu sinto da equipe ali, trabalhando junta, da sensação que eu tenho quando é perfurado o gancho, do receio ou do medo que eu tenho de subir ou não subir, de subir quando tá tudo acontecendo, de conseguir curtir... é um amor gigante. A segunda vez que eu fui foi buscando isso [estar em grupo], a terceira... é um todo, sabe? Não funciona só quando tu tá lá em cima. Não tem como separar (Cami, 2016).

Não é só questão de se suspender, é o todo, é participar, é tá junto, é ver o outro subir e todo esse envolvimento, esse ritual... o momento coletivo mesmo, sabe? (João, 2016).

Você sai modificado, não só o fato de ser suspenso, mas todo a energia que se troca com as pessoas que te suspenderam. São rituais de passagem e de provação como eram as primitivas... Mesmo com técnicas modernas (Matheus – Jamaica, 2017).

Já havia mencionado a conexão entre equipe e suspensos e a comunidade formada por adeptos de modificações corporais. O grupo que tem o mesmo tipo de interesse se reúne para partilhar informações, segundo Patrícia Dias:

[os rituais] provocam reações semelhantes nos indivíduos de um mesmo grupo, se configurando em maneiras próprias de ver o mundo, de agir e pensar coletivamente. No entanto, os sistemas de sinais na sociedade não podem ser confundidos unicamente com mudanças corporais e psicológicas, pois fazem parte da individualidade das pessoas (LIMA-MESQUITELA; MARTINEZ; LOPESFILHO, 1991 *apud* DIAS, 2010, p. 74).

É visível, também nas sessões de suspensão coletivas atuais promovidas pelas *crews*, que as noções de liminaridade e *communitas* são reforçadas. Como descreve, abaixo, Nathalia Abreu:

Durante a suspensão corporal, o indivíduo ficaria, portanto, desprovido de *status*. Após sua volta ao chão, o indivíduo volta a se integrar à sociedade da modificação corporal tendo, portanto, uma nova posição, que o qualifica positivamente perante o grupo: isso acontece dentro dos Diabos Mutantes [equipe de suspensão paulista] quando o suspenso pode, então, experimentar outros tipos de suspensões, mais difíceis e delicadas, ganhando assim o respeito dos demais integrantes do grupo e mais “poder” dentro dele. O retorno ao chão, após o ato, seria, portanto, aos olhos do grupo, o momento após a “humilhação” (suspensão), que demonstra a força (...) pode-se analisar, segundo o conceito de liminaridade utilizado por Turner (1974) um procedimento da seguinte forma: o indivíduo passa pela fase limiar durante a suspensão. No momento em que o indivíduo está no ar, ele sai de sua

estrutura social e depois retorna com um novo *status*. O procedimento em si é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características dessa pessoa suspensa são ambíguas, no momento em que o indivíduo está transitando entre o “sagrado” e o “profano” (ABREU, 2013, p. 63).

No trecho, fica clara a transição de um *status* social para outro através da suspensão, ou a morte e o renascimento simbólicos e a margem entre os dois, que seria a prática de suspensão em si. Notei, também, técnicas corporais (MAUSS, 2003) de estágios do rito. Há procedimentos de entrada, uma técnica prévia que conta com massagem para o “descolamento” da pele do músculo e respiração adequada durante a colocação dos ganchos, uma etapa pré-elevação. É indicada uma preparação prévia mental e física como sono de qualidade na véspera, alimentação saudável e consumo de água para hidratação; cuidados que, como pude observar, são importantes para uma suspensão bem sucedida e aparecem na maioria dos relatos:

Uma boa noite de sono, busco comer umas frutas e bastante água no dia da suspensão e foco minha mente naquilo. (Matheus, 2017)

Cuidar da alimentação, descanso e funcionalidade do meu corpo são as formas que encontrei de me preparar. Uma hora antes - quando possível -, costumo me concentrar, alongar e relaxar. (Thi Angel, 2017)

Apenas alimentação boa e uma boa noite de sono. (Matheus - Jamaica, 2017)

Alguns dias antes, fico sem consumir álcool e aumento o meu consumo de água e frutas. Quase no dia eu já estou ansiosa, massageando minha pele, já imaginando. E me alongo um pouco antes de subir. (Giovana, 2017)

Mudo a alimentação uma semana antes, me preparo mentalmente e fisicamente. (Jow, 2017)

Busco me alimentar bem, evito álcool, carne... No dia, me mantenho calmo e em conexão com o grupo. (Anônimo, 2017)

Muita água e boa alimentação. (Thiago, 2017)

Uma boa noite de sono e, no dia da suspensão, sempre me alimentar e me hidratar bem. (Richard, 2017)

Depende da posição, pela barriga (*ressurrection*) - que foi uma das mais pesadas que fiz - me preparei meses antes, alimentação, alongamento, pois sabia que exigiria muito do meu físico que não tem o melhor preparo. Já nas outras posições, só procurei dormir bem, comer normal, mas nada de mais. (Karine, 2017)

Eu sempre procuro me preparar bem... eu procuro me alimentar melhor nessa semana, não bebo, ficar mais tranquila, não me estressar tanto... porque tem que ser um momento que eu me sinta totalmente relaxada, sabe? (Cami, 2016)

Há também os procedimentos profissionais de saída do quais fazem parte a retirada dos ganchos, a massagem para liberação das bolhas de ar e o curativo. Também ocorre a conversa com os presentes descrevendo as percepções, já que é através da oralidade que se cria a tradição da prática (MAUSS, 2003).

Assim, influenciada pelo discurso de alguns interlocutores que julgam que a prática é um ritual, entendi, num primeiro contato, as suspensões dessa forma. Após coletar e interpretar depoimentos, entendi que nem sempre o procedimento pode ser encarado assim, “o que o define como um ritual ou não, é o propósito do praticante”, como afirma Ralado.

Constatei que, antropologicamente, a bibliografia indica que é possível analisar, através dos conceitos de Victor Turner, as suspensões como ritual de iniciação e passagem para quem faz pela primeira vez. E tratar como pessoa de maior *status*, dentro do grupo, aqueles já iniciados e experientes que, rotineiramente, testam o corpo e experimentam posições cada vez mais difíceis. Como é o caso de Arthur, com o corpo todo cheio de tatuagens e *piercings*, já fez muitas suspensões. No encontro do Sul, ele se aventurou na posição coma com um gancho inclusive na testa e pode ser comparado com João (também do encontro de suspensão do sul e não o da *Ritulz* e do evento de performance) que quase não tem tatuagens e que se iniciou na posição *suicide* no mesmo encontro.

Porém, trata-se de um ritual moderno onde se perdem as referências de sagrado e profano. É um ritual novo, uma vez que os significados que serviam de móbil para a suspensão no contexto dos grupos tradicionais não serão mais alcançados, já que nem são desejados pelo grupo atual de praticantes. Como já visto, os significados e representações do corpo são diferentes nas sociedades individualistas modernas.

Percebe-se, da mesma forma, nessa técnica, o interesse não só de uma posição social no grupo, mas também estados mentais e sentimentais, igualmente salientados por Turner. Nas sociedades ocidentais modernas, os rituais corporais têm sido constantemente reinventados. Uma das diferenças entre as sociedades tradicionais e as urbanas é que, nessas últimas, a decisão de participar de determinado rito é eminentemente individual, enquanto nas primeiras, a participação é decorrente da tradição, socialização e educação corporal do coletivo social. Meus interlocutores dão ênfase para a pessoalidade da suspensão:

O ritual moderno acaba sendo um ritual pessoal e o primitivo muito mais coletivo... acho que diferem bastante nesse ponto. (Matheus, 2017)

O que define a suspensão como um ritual ou não, é o objetivo do praticante. (Gian Carlo - Ralado Piercer, 2017)

Sara Silva (2009) afirma que, no processo de marcar os indivíduos nos rituais das sociedades tribais, o sujeito é posto em um lugar de entrega, de vulnerabilidade, enquanto outros manipulam seu corpo. Porém, por trás dessa submissão, o corpo evoca um caráter de resistência. As práticas rituais tradicionais são conduzidas por agentes especializados (xamãs ou pajés), ou seja: mediadores entre o mundo real e o espiritual. As suspensões modernas, apesar de voluntárias, têm a mesma característica de superação dos limites corporais e a posse de maior poder sobre seu corpo. De forma análoga, os ritos contemporâneos também necessitam de um “suspensor” cuja figura é substituída pelos profissionais da modificação corporal. Porém, segundo Daniel Lírío (2010b), não existe no suspenso essa dimensão da “passividade”, o suspensor manipula o corpo do suspenso, mas na medida em que ele se torna ativo na escolha do modelo de suspensão, ele suporta as sensações mais intensas, ele se balança e dá movimento durante o período de elevação e decide quando esta deve terminar. Também nas sociedades tradicionais e nos grupos hindus, quem se suspendiam eram exclusivamente homens; atualmente, não há recorte de gênero e não observei o predomínio de mulheres ou homens adeptos.

Além disso, em referência às modificações corporais, é importante notar a relação que elas estabelecem com o tempo e a razão porque são feitas. Nas comunidades originárias, havia dois tipos de rituais quando eram inscritas marcas corporais: os que preparavam o indivíduo para determinada atividade em específica faixa etária e os que registravam seus atos de heroísmo. Já em nossa sociedade, as marcas são adquiridas pelos membros quando esses se consideram prontos para fazê-las (PIRES, 2005). Esse paralelo entre sociedades tradicionais e modernas é traçado assim por Beatriz Pires:

Essa marca será o registro, a referência da passagem, a lembrança física que fará o indivíduo ter sempre em mente sua nova condição. Dentre esses preceitos, para os *modern primitives* somente o item referente ao sangue, que antes simbolizava a vida e agora é relacionado à morte (AIDS), deixa de ser um requisito básico. [...] Uma das principais diferenças entre as manipulações corporais praticadas pelas sociedades tribais e as praticadas pelas sociedades urbanas é a relação que ambas estabelecem entre o tempo (momento em que a marca é feita e razão - motivo pelo qual a marca é feita). [...] Na nossa sociedade, mais marcas pessoais são adquiridas pelo indivíduo no momento em que este se sente preparado para recebê-las. [...] De modo geral, podemos dizer que, nas sociedades pré-letradas o ritual se dá, na maioria das vezes, depois do fato consumado e serve como registro do ocorrido. Em outras

palavras, os indivíduos registram no corpo o que já aconteceu; trata-se de um registro histórico, que ajuda a criar a identidade. (PIRES, 2005 p. 126- 127-128)

Cada grupo julga os eventos que são especiais para si, assim cada sociedade possui seus ritos e os fazem de formas muito diferentes. A suspensão humana contemporânea, então, pode ser vista como uma prática ritual, se for o desejo do suspenso, já que, apesar (e talvez por causa) da dor, é considerada como uma terapia, como um modo de transcender espiritualmente ou mesmo como uma forma de atingir o êxtase por seus adeptos.

Com o estudo, a análise e os depoimentos tomados é possível dizer que, ao se submeter a uma dessas sessões, o praticante se percebe como outra pessoa, diferente daquela que iniciou o processo de aprendizagem e integrando uma comunidade com a qual partilha valores expressos pelas marcas corporais adquiridas pela experiência da suspensão.

Porém, segundo Daniel Lírio (2007), alguns membros da comunidade *mod* criticam as ideias de Fakir Musafar - que pretendem simular a sacralidade da suspensão corporal, independentemente de onde aconteça e do contexto social dos que a praticam - uma vez que, atualmente, essa técnica pode ter uma infinidade de motivações, pois cada pessoa que se suspende procura uma experiência da prática de suspensão.

3.3.2 “Quem sabe, sobe”: o autoconhecimento e a superação

Em minhas entrevistas, obtive respostas que me levaram a interpretar que a questão da superação dos limites está intimamente relacionada com a dor. Levando em conta que, segundo Le Breton (2013), a dor corresponde a uma forma de defesa, um aviso de que o corpo está sendo ameaçado, ao se infringir essa barreira e sair ileso, tem-se a sensação de redenção. Como alguém que encarou a morte (simbólica) sem se esquivar. Talvez por isso, se explique a minha decepção e a do grupo quando Kita não conseguiu se suspender.

Há indícios que, através da suspensão, há um despertar de uma consciência corporal; os praticantes a fazem para pesquisar o controle de seu próprio corpo. Por exemplo, Itamar disse que notou a superação de seus limites quando realizou uma suspensão pelos joelhos:

Eu já fiz suspensão pelo joelho, fiquei trinta minutos suspenso pelo joelho. Eu achei que, quando fosse me suspender, eu ia morrer de dor, desmaiar, passar mal, vomitar, pensei um monte de coisas... Bah, fiquei apavorado!

Mas não foi nada disso, só doeu na hora de colocar os ganchos, é a dor de colocar um *piercing*... Foram só dois ganchos. É que eles dividem, calculam o peso pra saber quantos ganchos colocar. A sensação foi de ficar chapado sem ter usado nada. É isso aí, fiquei chapado sem ter usado nada, no ar! Superei meus limites, eu tinha um limite que era suspensão, agora não falta mais nada! (Itamar, 2010)

Pandão, por sua vez, relacionou diretamente a superação da dor, do medo e/ou de seus limites como incentivo para continuar se modificando. Ele declara:

Sempre que decido fazer alguma intervenção no meu corpo bate, sim, aquele certo medo ou frio na barriga, mas logo paro e lembro das dores das outras modificações ou até das dores de acidentes que já passei e isso me anima, pois se já passei por tantas outras e me saí bem sem choramingar, por que não faria alguma nova com medo da dor? Cada modificação é uma experiência diferente de autoconhecimento e superação; acho que essas duas palavras resumem muita coisa (Pandão *Piercer*, 2014).

Cami também manifesta orgulho a cada nova experiência superada com sucesso:

Por isso que eu sinto muita superação, sabe? Eu tento sempre abraçar a dor... teve algumas vezes que eu não consegui, mas quando eu consegui foi totalmente revelador, principalmente mental, sabe? Conseguir passar por aquilo, conseguir superar (Cami, 2016).

Assim, segundo Beatriz Pires (2005), a superação leva a um estado de topor e relaxamento. E é esse prazer que faz com que as pessoas tenham interesse por repetir a prática. De fato, segundo minha própria pesquisa e o censo, a maioria das pessoas faz suspensão com a motivação de autoconhecimento e superação dos limites psicofísicos.

A partir desses testemunhos, a superação é entendida como um momento importante e valorizado pelos adeptos. Por isso, “subir” ou elevar-se parece ser uma evolução para os praticantes, pois permite perfurar-se sem outra preocupação, além da higiene, e poder provar para si que se pode furar a pele sem acabar com o corpo herdado (ANDRIEU, 2004). No final, a pessoa é posta no chão, os ganchos são retirados e o ato é encarado como superação da dor, dos limites e dos medos.

No folder de divulgação da marca *Ritulz*, há uma definição da *Wikipédia* de suspensão e um breve histórico:

A suspensão tem sua origem na cultura ancestral como parte de rituais de tribos nativas americanas e diferentes seitas hindus, usada como ritos de passagem, rituais de cura e devoção. Foi adaptada ao mundo moderno, ampliando suas motivações e significados. Hoje, a suspensão pode representar tanto um ritual como uma forma de expressão artística ou até mesmo esporte e lazer, é uma ferramenta que pode ser usada de diversas formas de acordo com a busca de cada um. (*Ritulz*, 2016)

O trecho é seguido de um depoimento sem assinatura:

Suspensão é a forma que encontrei para me sentir vivo, para achar empolgação num mundo onde nada que nos oferecem é interessante. A maneira de conseguir se elevar num mundo caótico e corrido e sentir que vale a pena estar aqui. Uma maneira de sentir que posso muito mais e que meus limites existem enquanto minha mente os mantiver aqui. Através da adrenalina, do sangue, da carne, encontrar a leveza para alma (Anônimo, 2016).

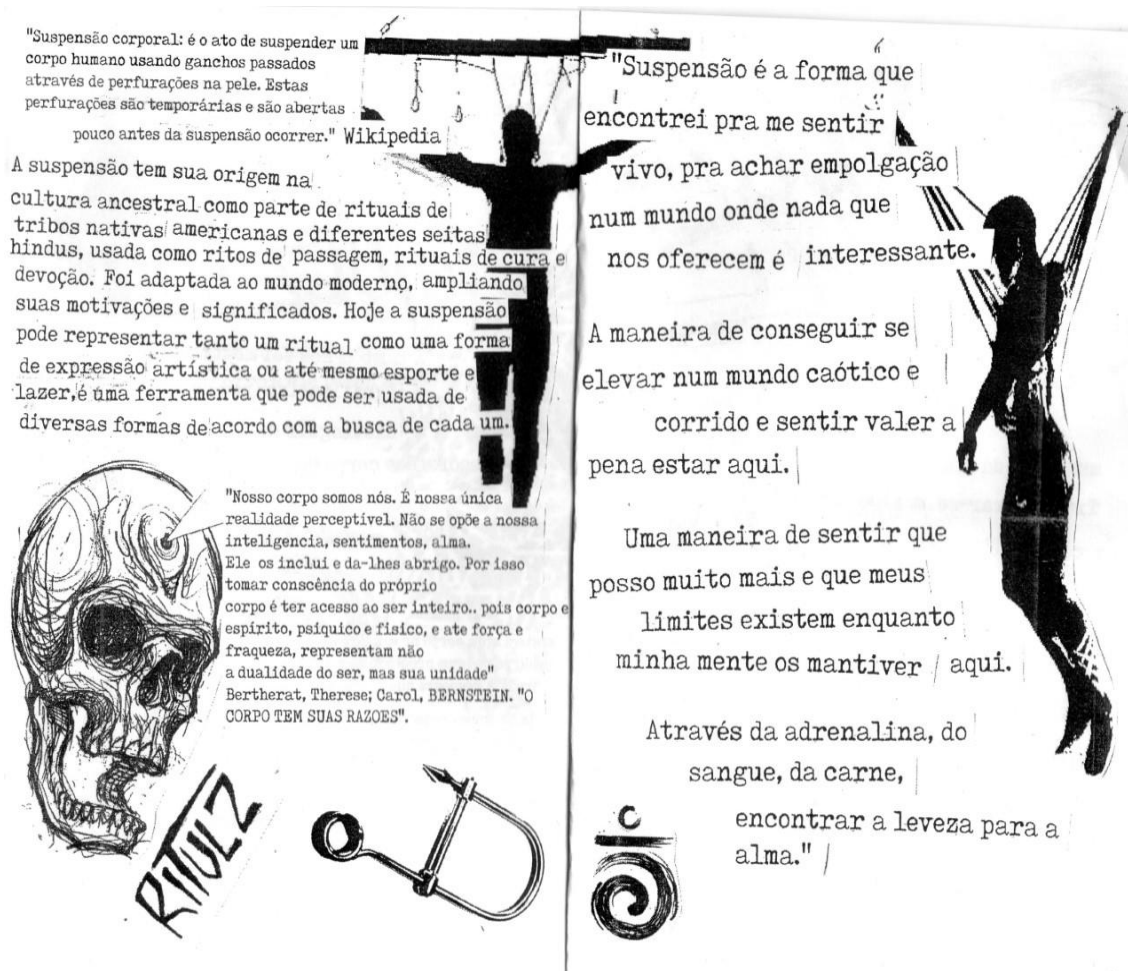


Figura 37: Folheto Ritual

O folheto acompanha ilustrações de João e mostra um gancho de suspensão, usado como símbolo da prática. Inclusive é comum adeptos da técnica exibirem o desenho do gancho gravado na pele, tanto como tatuagem ou como escarificação.

Nathalia Abreu e Priscila Soares (2012) afirmam que, para os que adotam práticas corporais extremas, a dor é algo constante e, ao se suspenderem, alguns justificam como algo transcendente das barreiras físicas e os eleva a um nível espiritual, uma experiência mais que corporal. Ou, como se pode ler no folheto, o corpo é um todo: espírito, físico e psíquico. As falas dos meus entrevistados evidenciam isso, conforme os trechos abaixo:

Meu corpo é minha prova de estar vivo. Levo como a única coisa que de fato me pertence na vida e também o que tenho de mais valioso. (Matheus - Jamaica, 2017).

Não vejo meu corpo em dualidade com um "eu interior", meu corpo sou eu (Giovana, 2017).

É o veículo com o qual eu compreendo esta existência e interajo com outros seres (Anônimo, 2017).

A parte física do Eu. O meio do Eu interagir com o mundo (Ricardo, 2017).

Então, além de modificação corporal, a suspensão é considerada também uma modificação mental (LÍRIO, 2008). Isso se observa na citação de Deise Bianchi, responsável pelo grupo *Corpo Suspenso* de profissionais da técnica, para a Revista Primeira Impressão: “Além da parte espiritual, todas as vezes que me suspendi, eu transcendí” (2016).

Em minha pesquisa, obtive relatos⁵⁰ parecidos com os de Deise. Com a ajuda dos depoimentos abaixo, é possível detectar a superação que a pessoa experimenta ao passar por esse tipo de prática:

Suspensão, na minha opinião, é a Modificação Corporal que mais altera o indivíduo, embora fisicamente ela não altere quase nada, além de algumas reações químicas na hora e uma sutil cicatriz...Uma pequena marquinha. Ela muda pra sempre uma pessoa, ninguém pode voltar a ser a mesma pessoa depois de se ter suspenso uma única vez [...] Já participei várias vezes... É sempre uma experiência nova e diferente, já suspendi mais de 30 pessoas, algumas delas mais de 10 vezes, e toda vez é única, espetacular, empolgante e, principalmente, emocionante. (Gian Carlo - Ralado Piercer, 2014)

Participei, em agosto de 2013, de suspensão realizada pelo meu esposo Rafael Leão Dias. Foi uma das melhores experiências que eu passei na vida, significou pra mim que eu posso superar qualquer coisa. (Jessyka, 2014)

Participei dos rituais de suspensão mais de uma vez. Pra mim, é uma das melhores sensações que já pude experimentar. Não é prazer em sentir dor como as pessoas pensam... como sadomasoquistas ou algo do tipo, mas sim pelo autoconhecimento e concentração e, por fim, a superação dos próprios limites. Pra mim, serve como uma mistura de terapia, relaxamento e esporte. (Pandão Piercer, 2014).

Os trechos indicam que a suspensão é uma experiência incrível e que parece mudar a vida de quem opta por fazê-la. A transcendência revela uma potência para além das limitações físicas. André Meyer (2011), o precursor da suspensão no Brasil, afirma que é na mistura da eternidade com a fugacidade que está o lado espiritual da prática. Meyer redige, em seu livro, a sensação de não sentir o tempo:

⁵⁰ Esses são trechos de entrevistas retirados de meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116373/000965988.pdf?sequence=1>

Depois eles me içaram mais, me balançaram de um lado para outro, me rodaram pela sala feito um brinquedo de parque de diversões, e eu fiquei lá, suspenso por um período que não sei precisar, porque a sensação de passagem do tempo se dissolveu enquanto eu estava suspenso. Hoje acho que é aí, nessa sensação, nessa mistura de eternidade com fugacidade que se encontra o lado espiritual da experiência. Porque naqueles instantes em que eu fiquei suspenso – que, depois me disseram, duraram pouco mais de vinte minutos –, eu estava realmente em outra realidade, em outro plano existencial. É uma sensação muito prazerosa mesmo, que mistura essa enxurrada química de alegria e felicidade, que automaticamente ocorre no corpo, num sentimento de vitória e superação (MEYER, 2011, p. 114).

Bárbara também já me havia dito que o tempo não passava durante a suspensão, como podemos ler a seguir:

Tinha a galera que faz [os profissionais] e uma amiga minha... tinha que levar música, uma música que eu escolhi tocou... e eu pensei que eu tinha ficado 10 / 15 minutos lá, mas eu fiquei 45 minutos lá em cima e eu só me liguei porque a minha amiga disse: “Não posso mais te filmar porque tá acabando a bateria do meu celular” “Como assim, meu? Eu recém subi” e ela me respondeu: “Meu, tu já tá aí há 40 minutos”... da segunda vez também, fiquei quase uma hora, o lance é que tu não sente o tempo, tu acha que recém subiu e o tempo não tá passando... parece que o tempo passa diferente (Bárbara, 2016).

As suspensões não têm tempo definido, cada um estabelece o tempo que julga necessário para si e até onde pode aguentar. Em campo, vi muitos manifestarem o desejo de permanecer mais tempo no ar e ficarem indecisos quando deveriam retornar ao chão.

Existe uma posição de suspensão bastante comum chamada Lótus (ver quadro de posições) em referência a posição de meditação (LÍRIO, 2010). Alguns dos meus entrevistados abordaram, também, o gosto por práticas como a meditação e o ioga. Como sustenta Magnani (2002), o grupo interessado por suspensão e modificações corporais cruza, no espaço urbano, com outros grupos de interesses por ioga, a feira orgânica de alimentos e *shows* de *hard core*, por exemplo. Os trechos revelam:

A primeira impressão que eu tive, que foi até aí que eu tive vontade de fazer... foi um cara que, numa revista, ele disse fazia ioga e que meditava e ele só conseguiu atingir o equilíbrio quando ele se suspendeu, porque daí ele viu que ele não era só corpo, ele tinha muito além disso... ele conseguiu chegar no estágio que ele queria e não sentiu dor, sabe? E na época, quando eu era mais nova, eu meditava muito e fazia projeção astral, então eu sabia que tinha necessidade de sair do corpo, não em sã consciência, mas sei lá... mas tu pode fazer isso estando acordada, entendeu? Tu vê que tu não é só o que a gente tá vendo, tu sabe que tu é mais, mas não acredita. Era incrível, eu lembro que ele relatou que foi muito louco ele não ter sentido dor... e foi o que eu senti depois quando eu me suspendi, sabe? Tu vê que fica todo mundo chocado porque “ah, escorreu sangue, a tua pele esticada!” e tu tá tipo ali em paz, entendeu? ... Lótus é uma posição realmente de meditação, tu fica em estado meditativo... não tem como dizer que isso é uma coisa ruim, cara...

de repente tu vai transcender muito mais nessa posição. Mas eu quero que chegue oportunidade certa e que seja no meio do mato... porque eu já fiz em uma casa, eu já fiz em uma convenção e agora eu quero que seja mais natural mesmo... pra sentir o que a mãe terra tem a me dizer (hahaha). (Bárbara, 2016)

A primeira vez fiz com o Suspende Ralado em Timbó [SC], próximo de uma cascata, e foi pela vivência no gancho, como uma brincadeira, hoje em dia é uma meditação. (Alex, 2017)

Nos depoimentos, o lado espiritual é exteriorizado, porém essa espiritualidade nada tem a ver com religião. O êxtase não é necessariamente uma experiência religiosa: ele existe efetivamente, como mostrava, em 1932, Roger Bastide, como “um misticismo sem deuses” com “êxtases laicos” (LAPASSADE, 1990). Os praticantes tratam esse êxtase como uma evolução, uma busca do sentido profundo de si, sem ligação nenhuma com divindades, o que fica claro nos depoimentos seguintes:

É uma experiência individual de encontro consigo mesmo, não tendo qualquer relação com nenhum tipo de entidade extracorpórea, se você entende o espírito, independente de entidades ou divindades, então sim, pode ser uma experiência espiritual, desde que seja isso que você busca e for direcionado pra isso. (Gian Carlo - Ralado *Piercer*, 2017)

Não deixa de ser um ritual, uma coisa pra ti. Não uma seita satânica que nem minha mãe disse, nada a ver! (hahaha) É um ritual de ti pra ti mesmo. Eu acho que as antigas tribos faziam como ritual de passagem, ou pra fazer parte de um grupo... é algo espiritual sim, porque a gente não é só corpo, a gente tem que ter a nossa fé e cada um tem a sua; e através dessa fé tu te supera. (Bárbara, 2016)

Assim, para a maior parte dos entrevistados, a espiritualidade está presente nas sessões de suspensão e parece ser bastante importante. Porém, isso depende das crenças e expectativas de cada um.

Uma mesma posição de suspensão pode significar experiências muito diferentes para distintas pessoas, tudo depende do contexto e do grupo do qual participa. O que ficou claro pra mim, nas sessões que presenciei, são dois objetivos (que às vezes podem se fundir): o de meditar e o de sentir sensações extremas, ambos na busca de ultrapassar limites pessoais.

3.3.3 Sentir o *rush*

Há também interlocutores que afirmaram que a suspensão não tem nada a ver com espiritualidade, mas sim e, principalmente, com o corpo físico. Os trechos, abaixo, deixam essa noção mais clara:

Não é espiritual. Relaciono diretamente ao controle físico, o sentir, a vivência, a tranquilidade de superar, gostar, brincar com o voo. (Alex, 2017)

Eu vejo como acima de tudo um ritual, não vejo como uma coisa assim espiritual... mas uma coisa bem física mesmo, porque o que faz valer a parada mesmo é o corpo, a adrenalina, endorfina, as substâncias que teu corpo libera é um efeito muito único... como se fosse uma droga mesmo... a sensação que aquilo proporciona no teu corpo. Tu sai num estado bem alterado de consciência. (João, 2016)

Estes parecem entender a prática como superação dos limites físicos do corpo, como já foi visto, mas também como uma espécie de lazer, um jogo, por ocorrer em momentos de descontração e com um grupo de amigos. Em algum momento escutei: “As pessoas se reúnem pra andar de *roller*, a gente se reúne pra fazer suspensão”. As seguintes declarações comprovam a suspensão como prática esportiva e de lazer:

Hoje a suspensão acaba sendo um esporte, um lazer, sei lá. Tipo, final de semana vamos fazer um churrasco, umas suspensões, curtir com amigos uma suspensãozinha (hahaha). (João, 2016)

Pretendo continuar [fazendo suspensões]. Já fiz em um helicóptero, em uma tirolesa... Pretendo fazer saltando de paraquedas. (Anônimo, 2017)

É possível comparar a suspensão com esportes radicais⁵¹, pois tanto a suspensão como o esporte em geral são usados como uma espécie catarse. As expressões de sentimentos, ou seja, as emoções durante essas práticas são permitidas, enquanto que, no resto na vida social, tendem a ser reprimidas e controladas. O trecho a seguir narra como a cultura controla os sentimentos desde cedo, a partir de Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho:

Outra ideia questionada pelas Ciências Sociais é a que atribui às emoções um caráter impulsivo, de reações que, como os fenômenos corporais, até certo ponto fogem ao controle da pessoa. Porém, se levarmos em conta que desde cedo na infância se aprende como, quando e com quem expressar os sentimentos, torna-se difícil encontrar um estado puro, de forma espontânea e sem controle algum. O que vemos é um aprendizado emocional que, por ser internalizado muito cedo, deixa de ser percebido como uma forma controlada de viver os sentimentos (REZENDE e COELHO, 2010, p. 31).

Assim, existe um autodomínio da exaltação exagerada, a repressão além de externa passa também ser interna. Marcel Mauss (2003) afirma que existe uma educação para o uso controlado do corpo e através dessa educação é que se diferenciam as comunidades.

⁵¹ É interessante a equipe dos russos do *The Sinner Team*, cujo mais recente trabalho foi uma suspensão em queda livre. Disponível em: <http://frrrkguys.com.br/direto-da-russia-suspensao-em-queda-livre/>. Acessando em 10 de Julho de 2017.

Norbert Elias (1992) afirma que a contenção das emoções e a necessidade de se ajustar à conduta social têm como consequência uma forma cada vez mais racionalizada de agir. As emoções são alvo de controle e restrições reguladas pela possibilidade de vergonha. E, a busca por excitação no tempo livre talvez seja uma forma de procurar alívio da repressão social. Segundo ele:

As tensões miméticas das atividades de lazer e a excitação com elas relacionadas isenta de perigo ou de culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do *stress* que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos (ELIAS, 1992, p. 73).

Sob a forma de lazer, a sociedade satisfaz a necessidade de provar fortes sensações em público, sem colocar em risco a “ordem” da vida social. A suspensão permite que o corpo entre em um estado de choque, deixando mais óbvia com a sensação “flutuante” de não estar ligada ao solo. Há então, na prática da suspensão como esporte, a busca por fortes doses de adrenalina e uma espécie de descontrole controlado.

3.3.4. Sexualidade

Outra forma interessante de estudar a suspensão é sob o aspecto do prazer, já que o corpo é local privilegiado de sensações, lugar do sexo biológico, onde se manifesta a sexualidade. Assim, tanto a concepção do exotismo a respeito das formas de perceber o outro, como uma reflexão sobre o corpo sexuado e sua valorização como elemento exótico são imprescindíveis (ROSSI, 2011).

Ao falar do meu projeto, muitas pessoas levantaram a hipótese de que a prática seria um fetiche, algo erótico com ligação com o sadomasoquismo ou BDSM. BDSM é um acrônimo que reúne diversas práticas sexuais que envolvem prazer e submissão/poder consensuais. Bruno Zilli (2007) esclarece bem o termo:

B é para *bondage*, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas. O par B e D para *bondage* e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições; que ligam-se ao par D e S que representam dominação e submissão. São fantasias de entrega ao parceiro sexual e jogos de representação de humilhação e violação. O par S e M representam sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico. O BDSM envolve ainda práticas ligadas ao fetichismo (ZILLI, 2007, p. 8).

Raira Santos (2016) afirma que, dentro dessas práticas há uma gama de possibilidades como dominação, servidão, interesses por imobilizações, castigos ou

penetrações. Há, inclusive, os que sentem necessidade de se submeter a dor e violações físicas severas podendo chegar à morte ou ao canibalismo.

De fato, às vezes, a passagem da dor ao prazer é extremamente sutil, a linha limítrofe é quase sempre imperceptível (ROSSI, 2011). Em algumas suspensões, talvez haja esse interesse pela imobilização, já que, às vezes, também são feitas com o uso de amarrações com cordas. Ao questionar os adeptos, a maioria declarou que, em suas suspensões, não é a intenção, mas pode sim ter relação com a sexualidade. Como diz Cami:

Na minha suspensão não tem relação, mas eu vejo muitas suspensões que sim. Até porque eu acho que a suspensão urbana vem muito do BDSM vem muito do sadomasoquismo... é como se fosse a raiz urbana. Como se pegasse o ritual indígena e pegasse o BDSM urbano e misturasse e agora tem várias vertentes... Pra mim não é erótico porque eu levo muito pro lado espiritual, sabe? Então eu não consigo ver nada de erotismo na suspensão. Mas eu sei que existe e é muito forte (Cami, 2016).

Outras narrativas indicaram que ainda não tiveram essa experiência, mas que pode ser assim interpretada e acham interessante:

Sim, acredito que a grande maioria dos praticantes já pensou em transar suspenso ou algo do tipo, semelhante ao shibari⁵². (Alex, 2017)

A suspensão corporal pode ser muitas coisas. Espero um dia ter uma experiência nesse sentido. Tenho interesse. (Thi Angel, 2017)

Acredito que sim. Para algumas pessoas, como eu, pode ser muito excitante ver um corpo suspenso, quando no contexto erótico. (Anônimo, 2017)

Segundo Fakir Musafar, há sim uma relação entre as modificações corporais, a sexualidade e os estados alterados de consciência; ao conseguir acessar esses estados, alcançariam um ganho de prazer. É o que confessa Xavier, o único adepto que entrevistei e que assume fazer suspensão com esse objetivo:

A suspensão vai mais pra lá de um simples ritual, pra mim, por exemplo, tem uma conotação muito mais sexual... algo mais tântrico, meu objetivo é meditar as sensações e levar elas a um ponto de colisão que é o orgasmo... acho que para cada pessoa a experiência é diferente. Geralmente...sim, eu consigo me concentrar, eu consigo chegar num orgasmo só estando pendurado...eu sou uma pessoa muito sexual... e eu acho que temos que entender o corpo como um instrumento de manifestação em todos os sentidos possíveis, ele é uma máquina perfeita, cada vez que eu consigo algo muito mais radical, corporalmente falando, meu objetivo sempre é intentar chegar nesse ponto de interação... sempre tentando chegar no orgasmo, transformar as sensações em prazer. As pessoas se equivocam muito ao pensar que a dor geralmente é sinônimo de sofrimento, a dor, como outras sensações, são dinâmicas... mudam constantemente e depende da capacidade de conhecimento que você possa ter do seu próprio corpo ...fazer que essas dinâmicas se tornem algo prazeroso pra você... Eu consigo chegar a um ponto

⁵² Atualmente, como visto, existem suspensões que aliam sua técnica com a do shibari.

de amor por meio da dor... os orgasmos não são outra coisa, senão isso. (Xavier, 2016).

Não pude analisar de uma forma mais abrangente esse aspecto da suspensão por não ter mais interlocutores que passaram por essa experiência, mas esse único relato leva a intuir que as modificações podem ter uma forte influência da sexualidade, seja pelo aumento do estímulo, por senti-los em diferentes áreas do corpo, por ter outras pessoas manipulando seu corpo ou pelo bloqueio do orgasmo.

A identidade sexual é definida pela prática corporal, a liberdade de utilização do corpo atinge o máximo de intensidade pela colocação de instrumentos na pele. Se o corpo social busca, através de políticas de saúde, um controle, uma “ordem de prisão”, o sujeito, por sua vez, busca encarnar seu ser, através de perfurações de seu próprio corpo (ANDRIEU, 2004).

Observa-se o prazer após a superação da dor, um prazer que diz respeito a todo um jogo de sensações em que se suportam estímulos em condição de entrega, relaxamento, dentre uma gama de sentidos e intensidades corporais. Assim, a relação entre suspensão e fetiche abre um caminho para a sedução e o erotismo, já que para alguns, o fato de marcar o corpo é um acontecimento erótico. Há uma substancial troca entre o suspensor e o cliente, uma relação de entrega e confiança. Apesar da associação com a sexualidade aparecer nessa última narrativa e se saber que ela existe para algumas pessoas, esse elo não será trabalhado de forma aprofundada no momento.

3.3.5. Performance

Qualquer evento, ação e comportamento podem ser examinados “enquanto” performance (SCHECHNER, 2006). A *Body Art* e a *Body Modification* adquirem importância simultânea no século XX. David Le Breton define a primeira:

A body art é uma crítica pelo corpo das condições de existência. Oscila de acordo com os artistas e as performances entre a radicalidade do ataque direto à carne por um exercício de crueldade sobre si, ou a conduta simbólica de uma vontade de perturbar o auditório, de romper a segurança do espetáculo. As performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos etc. (LE BRETON, 2003, p. 44, grifos meus).

A *body art* não só envolve os limites do *performer* como também os limites do espectador, ambos se expõem, não é apenas uma atuação. Se o antropólogo afirma que o corpo é o lugar onde o mundo é questionado, a intenção das performances é virar o corpo do avesso para que seja uma provocação à carne e não apenas belo.

Para Beatriz Pires (2005), as obras de arte como a pintura e a escultura transmitem sensações para os espectadores como repulsa, encanto ou indiferença, mas as artes que utilizam o corpo como linguagem são ainda mais impactantes, entre outros motivos, pelo caráter sagrado do corpo em nossa cultura. Segundo a autora: “a nossa cultura, há séculos, determina que o corpo seja preservado da exposição pública, pois ele é o reduto da intimidade e da dor”. A relação que estamos habituados a manter com a comunicação visual, sejam obras de arte ou publicidades, que são fixas, vem se modificando com a entrada do corpo como nova base da arte. Agora, o espectador pode interagir e circundar as obras e estas também podem circundá-lo (PIRES, 2005).

Então, o corpo é apropriado como “tela” em branco passível de ser decorada, como suporte da arte e lugar de experimentações. A suspensão corporal, por possuir forte apelo estético, pode também estar dentro do campo da arte, sendo o próprio artista suspenso o objeto de arte e crítica. Mas, como já visto, não é regra geral, há muitas outras motivações. Segundo Thiago Soares (2014), essa afirmação não significa desqualificar ou desvalidar a prática como fenômeno social e cultural e tampouco deslegitimar todas as suas demais ocorrências.

Para pensar dessa forma a suspensão ocidental, é necessário levar em conta que o campo dos estudos da performance pressupõe que vivamos em um mundo pós-colonial, onde as culturas colidem, recebem interferência uma da outra e se influenciam, tornando-se um híbrido (SCHECHNER, 2000). Nessa parte, pretendo analisar a suspensão como arte. Mas para isso, é necessário, antes, uma breve noção dos estudos da Antropologia da Performance.

3.3.5.1 Os Estudos de Performance

Os estudos de performance nas Ciências Sociais são dirigidos por dois eixos teóricos. O primeiro é o da realidade social do sociólogo já citado Erving Goffman. Esse tem como referência o modelo dramaturgico como metáfora da interação social; dessa forma, o teatro e a teoria dos jogos são usados para a interpretação analítica do comportamento dos indivíduos e da relação com os outros na vida cotidiana. O “mundo social” é um “palco”, há uma interação dos sujeitos que são atores e desempenham “papéis sociais”. A ação do personagem é moldada em função do significado que este supõe de como será interpretado pela “plateia”, composta por outros envolvidos. Ou seja, a performance é orientada pela expectativa da interpretação do espectador, aparece

como referência de “desempenho de papéis” nos ritos da vida cotidiana. Erving Goffman defende:

Uma performance pode ser definida como toda e qualquer atividade de um determinado participante em uma certa ocasião, e que serve para influenciar de qualquer maneira qualquer dos participantes. Tomando um participante em especial e sua atuação como ponto básico de referência, podemos nos referir a aqueles que contribuem para as outras performances como o público, os observadores, os outros participantes. O padrão pré-estabelecido da ação desenvolvida durante uma performance e que pode ser apresentada ou encenada em outras ocasiões pode ser chamada de “parte” ou de “rotina”. Estes termos situacionais podem facilmente ser relacionados com casos de estrutura convencional. Quando uma pessoa ou um ator executa o mesmo papel para o mesmo público em ocasiões diferentes, quase que surge uma relação social. Definir papel social como encenação de direitos e deveres de um certo *status*, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais dos papéis, e cada um destes papéis diferentes podem ser executados pelo performer em uma série de ocasiões, para os mesmos tipos de público ou para um público das mesmas pessoas. (GOFFMAN, 1985, p. 15-16).

O outro eixo refere-se à análise antropológica. Ao passo que Goffman é um sociólogo, observador do teatro da vida cotidiana; Turner, como já visto, se interessa, particularmente, pelos momentos de suspensão de papéis, ou seja, pelo meta-teatro da vida social (DAWSEY, 2005).

A Antropologia da Performance surge entre os anos 1960 e 70, quando Richard Schechner, diretor de teatro, se torna antropólogo e faz a sua aprendizagem teórica com Victor Turner que, na relação com Schechner, forma-se aprendiz de teatro.

Schechner tinha o objetivo de evidenciar a conexão entre “rito” e “teatro”. Para o autor, não há distinção entre os dois. Na sua concepção, eles representam eventos de mesma natureza: performances. No seu ponto de vista, performance compreende um movimento *continuum* que vai do rito ao teatro e vice-versa. Com essa definição, Schechner rompe com a clássica interpretação antropológica que afirma haver uma oposição binária entre categorias de eventos performáticos, classificados no sentido de sagrado/profano, conforme o próprio modelo de Turner.

O autor diferencia os dois tipos de performance. Um faz referência àquelas que promovem “eficácia”, ou seja, quando tem repercussões significativas na sociedade, como solucionar conflitos, provocar mudanças radicais, redefinir posições, papéis e/ou o *status* dos atores sociais, como são, por exemplo, os ritos de passagens e dramas sociais. Já o segundo, faz menção às performances voltadas para o “entretenimento”, que não alteram de modo efetivo a sociedade; é o caso dos espetáculos teatrais. Porém,

de fato, nenhuma performance é puramente entretenimento ou eficaz, considerando que depende das circunstâncias e envolvimento (SILVA, 2005).

Schechner acredita que a performance consiste numa atividade cultural dinâmica, repensada, reelaborada, reproduzida criativamente ao longo do tempo. É um processo permanente de aprendizagem e treinamentos repetitivos. Segundo ele:

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam. Assim, fica claro que, para realizar arte, isto envolve treino e ensaio. (SCHECHNER, 2006, p. 28)

Cada ação, desde a mais secundária até a mais complicada é feita de comportamentos duas vezes vivenciados. (SCHECHNER, 2006, p. 29)

A maioria dos performers gosta de ensaios. É neles que o “trabalho criativo” é feito. Caracterizações são construídas, coreografia inventada ou aprendida, os muitos elementos que compõem uma performance são testados. (SCHECHNER, 2011, p. 225)

Victor Turner, na segunda fase de seu estudo, começou a pesquisar as sociedades “pós-industriais”. O modelo de drama social, criado para analisar os Ndembu, lhe serviu como instrumento de análise nas formulações da Antropologia da Performance. Deslocou a ênfase de sua teoria dos dramas sociais, que em grande parte era voltada para exame das sociedades tradicionais, para a teoria da performance. Esse é um dos principais temas que marcam a diferença entre a perspectiva antropológica da “virada pós-moderna” das “tradicionalistas”, pois pode ser reconhecida como uma noção interdisciplinar que busca evidenciar as coisas que escapam das classificações e dos paradigmas da ordem (SILVA, 2005).

Para ele, a Antropologia da Performance faz parte da Antropologia da Experiência: “Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência”. Turner (1982) descreve cinco estações que constituem a estrutura processual da experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas de forma aguda; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical”, tornando possível a descoberta e construção de significado e 5) a experiência se

completa através de uma forma de “expressão”. Assim, retomo, segundo o antropólogo, a performance é uma expressão da experiência.

É através das manifestações artísticas que acontece a comunicação entre as partes, ou seja, é por meio das artes que se expressa inteiramente. É aqui que adquire importância a consciência de comunidade, já que é por meio da coletividade que a expressão artística tem reconhecimento, envolvendo atores e público.

Rito e performance estão ligados e entrelaçados. Turner repensa os ritos através da performance. Segundo o autor, as teorias da performance se ancoram nas rupturas que os momentos liminares permitem. O antropólogo entende a performance como manifestações de eventos rituais diferentes do cotidiano. Ele afirma que o ritual e as performances derivam do cerne liminar do drama social, propiciam aos sujeitos a possibilidade de tomarem distância dos seus papéis comuns e rotineiros numa atitude de reflexividade, repensar a si mesmos e a própria vida social e até mesmo refazê-la.

Na liminaridade, então, a norma dá lugar aos sonhos e aos desejos, nela se permite uma criatividade não regulada e potencialmente transformadora. Ao pensar os rituais atuais, os momentos à margem são compostos de um potencial criativo e subversivo, como os descritos por Esther Langdon e Éverton Pereira:

Nos momentos “liminóides”, que não seguem uma periodicidade espacial ou temporal, os eventos são potencializados com maior reflexividade ou subversão quanto à ordem social. Esses momentos encontram-se nas formas através das quais a sociedade pós-industrial se expressa: jogos, festas, brincadeiras, espetáculos, teatro, atos políticos e outros eventos de lazer ou mobilização (LANGDON e PEREIRA, 2012, p. 11).

John Dawsey comenta sobre o processo:

Essas experiências que interrompem o comportamento rotinizado e repetitivo— do qual elas irrompem —, iniciam-se com choques de dor ou prazer. Tais choques são evocativos: eles invocam precedentes e semelhanças de um passado consciente ou inconsciente — porque o incomum tem suas tradições, assim como o comum. Então, as emoções de experiências passadas dão cor às imagens e esboços revividos pelo choque no presente. (DAWSEY, 2005)

Dessa forma é possível estudar as suspensões contemporâneas como performances porque, como já visto, estão no momento liminar. Elas representam experiências antiestruturais, já que são extracotidianas, pois há um deslocamento da rotina e transporta os praticantes para outros espaços. São performances capazes de

causar transformações sociais, coletivas e individuais. Como afirma Richard Schechner, as performances produzem mudanças:

En tres lugares diferentes y en tres diferentes niveles: 1) en el drama, es decir, en el argumento; 2) en los actores, cuya tarea especial es experimentar un arreglo temporario de sus cuerpos/mentes, lo que llamo “transporte”; 3) en el publico donde los cambios pueden ser pasajeros (entretenimiento) o permanentes (ritual). (SCHECHNER, 2000, p. 89)⁵³

Seja permanentemente, como em ritos iniciáticos, ou temporariamente, como no teatro estético ou em danças em transe, os performers e algumas vezes os espectadores também – são alterados pela atividade de performatizar. (SCHECHNER, 2011, p. 213)

As modificações promovem experiências que permitem reflexões intensas sobre o corpo e o mundo. Em resumo, a suspensão corporal é uma técnica que altera o modo de vivenciar o próprio corpo. Já foi dito que, após uma dessas sessões, o indivíduo muda. Podendo, inclusive, utilizar-se do próprio corpo como objeto de arte e, a partir daí, alterar, também, o modo de estar em sociedade.

3.3.5.2 Suspensão performance

Conforme Katia Canton (2009), artistas modernos já utilizaram o corpo como moldura para obras. Diferentemente, artistas contemporâneos não usam o corpo como tela, mas ele assume papéis de sujeito e objeto concomitantemente para, assim, simbolizar a carne e a crítica misturadas. Segundo a autora:

O “corpo artista”, expressão cunhada pela pesquisadora Christine Greiner, é justamente o corpo que vibra na contramão desse panorama de idealização. Sua potência está na forma como ele ajudaria a humanidade a se alimentar de conhecimentos com base na desestabilização de antigas certezas. (CANTON, 2009, p. 25)

A suspensão foi incorporada no campo artístico, principalmente, por meio da obra do artista grego-australiano Stelios Arcadiou, mais conhecido como Stelarc⁵⁴. Ele começou a série *Suspensões* em 1971, primeiramente pendurando-se apenas com cordas e arreios para, posteriormente, a partir de 1976, transpassar a pele com ganchos (LE BRETON, 2003). O relato de David Le Breton, a seguir, narra os passos de uma de suas apresentações:

⁵³ Em três lugares diferentes e em três níveis diferentes: 1) no drama, quer dizer, no argumento; 2) nos atores, cuja tarefa especial é experimentar uma re arranjo temporário de seus corpos/mentes, o que chamo “transporte”; 3) no público no qual as mudanças podem ser passageiras (entretenimento) ou permanentes (ritual). (SCHECHNER, 2000. Tradução minha)

⁵⁴ Ver <http://stelarc.org/?catID=20316>

Um assistente pinça e levanta a pele, enquanto um outro enfia o gancho. A distribuição do peso implica entre 14 e 18 pontos de inserção de acordo com a performance. A operação exige, em média, cerca de 40 minutos. Alfinetado dessa forma sem qualquer recurso a analgésicos e graças à elasticidade, os lábios e as pálpebras muitas vezes costurados, Stelarc permanece pendurado por horas no espaço de acordo com as circunstâncias. (LE BRETON, 2003, p. 50)

Recentemente, foi lançado o livro chamado *Stretched Skin – obsolete, uncertain and indifferent body*⁵⁵ que documenta todas as suspensões do artista. Ele explora interfaces orgânico-maquínicas e propõe extensões mecânico-perceptivas e cognitivas. O trabalho dele é considerado como “ciberarte”, que faz referência à cibernética e surge como forma de arte que envolve as novas tecnologias, tentando agregá-las através da interatividade. O grego-australiano já fez mais de 25 suspensões como performances em diversas posições e situações como descreve, abaixo, Edgar Franco:

Ele tem sondado o corpo através de dispositivos visuais e acústicos – tendo ampliado ondas cerebrais, fluxo sanguíneo, e sinais musculares. Já filmou o interior de seus pulmões, estômago e cólon – aproximadamente dois metros de espaço interno. O trabalho do artista começou a ficar conhecido na década de 70 por suas performances *body-artísticas* baseadas em suspensões do corpo com perfurações da pele, em posições diferentes e situações variadas, nas mais diversas localidades. (FRANCO, 2010, p. 101)

O próprio Sterlac assim se expressa:

As suspensões são experimentos de sensações corporais, expressos em diferentes espaços e em diversas situações. Elas não são ações de interpretação, nem exigem qualquer explicação. Elas não são feitas para gerar qualquer significado. Ao contrário, elas são locais de indiferença e estados de apagamento. O corpo é vazio, ausente de sua própria atividade e obsoleto. (STELARC, 2012).⁵⁶

Então, seu trabalho está intimamente ligado com limites e a obsolescência do corpo, mesclando elementos biológicos e mecânicos. Para ele, o corpo é “uma espécie de carapaça anacrônica da qual é urgente se livrar” (LE BRETON, 2003). Suas teorias iconoclastas estão intimamente conectadas com suas propostas poéticas e a ciberarte assim definida:

A Ciberarte insere no contexto artístico o uso de tecnologias computadorizadas, resultantes das descobertas científicas da microinformática e da telemática, gerando ambientes interativos que usam a expressividade do ciberespaço, espaço de computadores pessoais ou conectados em redes. Ciberarte é uma das várias denominações para a arte possibilitada pela inserção das tecnologias computadorizadas no meio artístico, logo abrindo o uso da linguagem numérica e de suas qualidades

⁵⁵ *Stretched Skin – obsolete, uncertain and indifferent body*, by Stelarc. PS Media, 2017. Ver: <https://www.indiegogo.com/projects/stretched-skin-a-book-by-stelarc-books#/>.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>. Acessado em 11 de Julho de 2017.

para alimentar a criação e as novas relações de fruição por parte do público (DOMINGUES, 2002 *apud* FRANCO, 2010, p. 100).

O corpo, para o artista, deve buscar hibridizar-se com máquinas, nanoengenharia e biotecnologia para atender às necessidades pós-biológicas. Para Stelarc, ele apresenta problemas de engenharia e é isso que causa o envelhecimento. Propõe, então, um novo design do corpo cujos limites entre humano e máquina serão dissipados. Ele prega a importância de reprojeter o corpo e redefinir o “humano”, tomando corpo como objeto, não de desejo, mas sim de projeto. Segundo Thiago Soares (2014), é inegável, dentro da obra do artista, a presença de reflexões sobre os estados físicos e metafísicos através do ato de se suspender.

Após vinte e quatro anos de sua primeira suspensão, o artista retomou as atividades, estreou uma nova performance chamada de *Ear on arm suspension* (suspensão da orelha no braço). Seu corpo era suspenso sobre uma grande escultura branca que representava o braço dele unido a uma orelha, Thiago Soares narra no site *frrrkguys* a exibição:

Stelarc novamente entrou em ação em março de 2012 na *Scott Livesey Galleries*. Sua vigésima sexta performance com suspensão. Ao todo foram 16 *shark hooks* (ganchos para pesca de tubarão) espalhados pelo corpo do artista. O homem, que na ocasião estava com os seus 66 anos, era suspenso de uma gigante escultura branca, réplica de seu próprio braço. Um pequeno grupo de quarenta pessoas pode ver a ação como testemunhas. Sem dúvida, um momento único e precioso da história da arte (SOARES, 2014).⁵⁷

⁵⁷ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>



Figura 38: Performance de suspensão de Stelarc, em 2012

Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>.

Tratar a suspensão corporal como *performance art* - diferentemente das performances teatrais que implicam ensaio, porque para fazer uma suspensão pelo mesmo local da pele é necessário um tempo bastante grande de cicatrização dos furos - é não saber exatamente o que pode acontecer. Espera-se que o artista fique suspenso, mas não é totalmente garantido, como fica evidente no depoimento:

Honestamente eu não posso garantir se posso conseguir fazer isso. Em uma das minhas suspensões passadas, eu desmaiei depois de apenas 60 segundos. A maioria teve uma média de 20 minutos. A suspensão é estruturada, mas não escrita. (Stelarc para o *The Age*)⁵⁸

Segundo Beatriz Pires:

Além das mudanças na forma de apreciação da obra, as transformações corporais se utilizam de um suporte que não possui iguais – o corpo humano. Não é possível fazer uma reprodução perfeita de nenhum tipo de alteração corporal. Mesmo quando o tipo de adorno utilizado e a região do corpo escolhida para recebê-lo são os mesmos, o resultado estético é diferente. (PIRES, 2005, p. 23).

Para Thiago Soares, há nisso uma beleza excepcional: “não se simula ou se interpreta um estado psicofísico, se vivencia ou se experimenta, o que é da ordem das sensações” (2014, p. 87). Exatamente isso que percebi no único evento de suspensão

⁵⁸ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>. Acessado em 11 de Julho de 2017.

performance que compareci, ali estava em jogo todo o roteiro da apresentação, mas com evidência nas sensações sentidas e expressadas pela suspensão Naya.

Stelarc afirma que suas performances de suspensão não são resgate de rituais primitivos, mas sim um reflexo do sonho humano de voar, exploram “a imagem primal” do homem no espaço, substituída pela dos astronautas flutuando sem gravidade. (FRANCO, 2010). Depois de Sterlac, outros utilizaram (e ainda o fazem) a suspensão corporal como arte contemporânea.

Por exemplo, o *Body Suspension Symposium* é uma série de eventos com foco em suspensão como prática artística. O primeiro simpósio foi realizado em Oslo no ano de 2012 e, o segundo, em Nova York em 2015; já o mais recente ocorreu na cidade de Berlim em novembro de 2017, inclusive, com a participação do próprio Sterlac.

João, um dos meus interlocutores, o mesmo que elaborou a performance de suspensão com cordas, também participou e idealizou uma das suspensões desse evento. O simpósio é destinado à comunidade suspensa e, na programação, constam palestras, exibição de filmes, exposições de arte por vários artistas com fortes laços com a comunidade suspensa, aulas e *workshops* voltados para profissionais. Não é um evento para se suspender propriamente, como avisa o *site*⁵⁹:

The Symposium is not primarily an event to get suspended, the emphasis is on Education and Art. There is however a limited possibility to do so, if you are willing to submit your body for a performance and/or workshop/class. In other words; the suspension might not be one of your choice, and the timing and execution of the suspension will be at the practitioner in charge's discretion. (You will of course be informed in advance and choose to pass if the suspension in question is not yours to do.).⁶⁰

Segundo Nathalia Abreu (2013), no Brasil, as perfurações corporais começam a se tornar mais frequentes a partir da década de 1980. Um dos precursores do *piercing* e da suspensão corporal no país é André Meyer, que aprendeu as técnicas em viagens para Inglaterra, Índia e Estados Unidos. Em seu livro “Lindo de Doer”, ele cita a primeira performance de suspensão que assistiu em Oklahoma:

As performances, batizadas de *Cycle of Life*, começavam com um homem que saía de dentro de uma bola de borracha preta, uma metáfora do nascimento. O Alan saía, em posição fetal, só que estava pendurado, por

⁵⁹ Disponível em: <https://wingsofdesire.org/events/body-suspension-symposium-2/>. Acessado dia 12 de Janeiro de 2018.

⁶⁰ O Simpósio não é um evento para se suspender, a ênfase é sobre Educação e Arte. No entanto, existe uma possibilidade limitada de fazê-lo, se você estiver disposto a ceder seu corpo para uma performance e / ou *workshop*. Em outras palavras, a suspensão pode não ser em uma posição de sua escolha, o momento e a execução da suspensão serão decisão da pessoa responsável. (Você obviamente será informado com antecedência e poderá desistir caso não queira fazer a suspensão em questão.) [tradução livre minha].

ganchos cravados na pele dos joelhos. Os ganchos para suspensão medem cerca de 4 centímetros e são cravados como *piercings*, mas numa profundidade bem maior, para impedir que a pele se rasgue ao suportar todo o peso do corpo. Depois apareciam vários outros performáticos, todos suspensos daquele jeito, em posições e movimentos que simulavam as várias fases da vida humana: crescimento, casamento, velhice e morte. Havia suspensões de todos os tipos, em todas as posições: um cara que chegava numa cadeira de rodas e era erguido sentado, outro que, pendurado com a namorada, transformava o próprio corpo numa gangorra sadomasoquista, e assim por diante. E a cena final da morte era a mais impressionante. Um cara ficava pendurado deitado de barriga pra baixo, com vários ganchos cravados nas costas e nas partes posteriores das pernas. Embaixo dele, havia outra pessoa também suspensa por ganchos que eram presos no peito, abdômen e pernas do primeiro. Então, para o sujeito que estava em cima, era como se ele tivesse duplamente suspenso, esticando a pele ao máximo, numa cena incrivelmente agonizante (...) A apresentação deles era tão incrível que eu nunca mais vi nada tão intenso quanto aquilo. (...) Para mim, ver tudo aquilo foi ótimo, porque eu tinha certeza de que estava com os melhores, me sentia completamente seguro para ir ao extremo do universo *piercer*, para ser erguido por aqueles enormes anzóis de metal presos na pele. Assim, alguns dias depois do *show*, voei para Dallas, para encontrar o Alan Faulkner, que tinha topado me suspender e me incluir naquele seleto grupo de seres humanos. (MEYER, 2011, p. 109-110)

Décadas atrás, não havia local aberto destinado à performance de suspensão no Brasil com a justificativa de que esta era muito agressiva para o público visitante. Aos poucos, os organizadores foram aceitando e abrindo espaços. Como afirma Fabrício:

É uma coisa relativamente nova, eu tentei trazer pra eventos aqui [Santa Catarina] e foi bem difícil dos organizadores terem confiança. Pra trazer gente de fora também foi difícil em relação a patrocinadores... o pessoal que organizava os eventos era bastante receoso quanto algum problema, então a gente teve que trazer pessoas de fora... pessoas de fora tiveram que se oferecer pra isso (...) Teve que vir, assim pra ter um alcance grande pro público, o Ronaldo Sampaio de São Paulo e o Victor Peralta, que são dois profissionais da área. O Victor é *Guinness*, é mundial... ele e a esposa dele... faz suspensão seguidamente, profissional da mais alta categoria. Esses dois foram quem apresentaram a suspensão para a sociedade catarinense dentro do seu território de uma forma mais abrangente... em eventos públicos. (Fabrício, 2017).

Lentamente, os festivais de tatuagem em diversas cidades passam a ter, no programa, a presença da suspensão como apresentação, além de locais para discutir o assunto. Porém, em Porto Alegre, o caminho parece ser inverso pois, na capital gaúcha, segundo o organizador das convenções, a Vigilância Sanitária proibiu novos *shows* com a técnica. Amanda Mello Andrade de Araújo, que pesquisou modificações corporais em convenções de tatuagem, explica:

Contudo, a proibição de determinadas técnicas de modificação do corpo nesses eventos provavelmente possui relação com o público alvo que os organizadores almejam atingir. Se já não se pode dizer que esses eventos estão voltados exclusivamente para a “comunidade *body mod*”, certas interdições em relação às vertentes mais radicais das modificações parece ser a forma encontrada por aqueles que encabeçam a organização dos eventos

para não ferir a relação de compra e venda com o grande público, ou o que podemos chamar de “consumidor padrão”. (ARAÚJO, 2015, p. 69 -70)

Assim como eu, muitos dos meus interlocutores se aproximaram da suspensão, como descrevem abaixo, através de *shows*⁶¹ em eventos de tatuagem que parecem ser ambientes propícios para divulgação da prática por anos escondida.

Eu comecei a fazer suspensão corporal no final de 2016, me interessei depois de ver a o Victor Peralta na convenção aqui em Floripa. O Carlos, um amigo, já tinha dito que tinha vontade de fazer e daí vendo o Peralta se balançando me deu gana de subir, combinei com o Carlos e ficamos de marcar uma data. (Matheus, 2017)

Conheci a suspensão por meio de amigos que praticam e também em eventos de tatuagem em que tem um artista praticando alguma performance. (Assis, 2017)

Eu vi em convenção de *tattoo*, foi meio *freak show*... eles tavam de palhaço ou de caveira, cuspendo sangue. Pode ser performance também, né. Tem gente que ganha grana com isso... na gringa ⁶²eu sei que tem, aqui não sei. As pessoas mostram como elas querem mostrar, né? Mas com certeza pode ser um tipo de arte... (Bárbara, 2016)

Primeiro eu já tinha conhecido a suspensão em exposição de tatuagem, né e algumas pessoas que faziam *freak show* e eu sempre achei aquilo muito interessante assim... eu lembro que eu tinha uns 13 ou 12 anos... eu olhava e não sabia se eu gostava ou não gostava mas me intrigava muito, sabe? (Cami, 2016)

Os *freak shows* podem ser traduzidos como *show* de horrores. Eram bastante comuns na nos Estados Unidos no século XIX. Segundo Camile Vergara (2013), surgiram na década iniciada em 1870 com ápice em 1880. Ocorriam em praças públicas, onde eram exibidas pessoas tidas como “anormais”. Segundo a autora, o estranhamento a qualquer diferença era tão forte que os circos que exibiam indígenas, por exemplo, tinham grande público (VERGARA, 2013). Ela retrata as apresentações:

Freak shows, apresentados no meio de simpatizantes da modificação corporal, em que a ideia é desafiar a dor. Os praticantes realizam técnicas de faquirismo, provando ao público e a si mesmos que não tem medo de lastimar seu corpo ou até que podem se divertir com a sensação da dor. Esses *freak shows* são bastante caros e geralmente são exibidos em grandes convenções de tatuadores (VERGARA, 2013, p. 48).

Bárbara também faz referência às características da suspensão na forma de *freak show*:

⁶¹ As apresentações nas convenções de tatuagem nem sempre são performances.

⁶² Gíria para designar exterior.

Então, antes de participar eu via muito *freak show*, a galera muito louca tentando simular sangue e tentar parecer que é uma coisa feia, pra chocar o povo e não tem nada a ver...assim (Bárbara, 2016).

Segundo André Meyer (2011), contemporaneamente às modificações corporais, os *freak shows* foram um fenômeno em franca ascensão no mundo ocidental. Para ele, sinal dos tempos, ou quem sabe uma forma de externar a violência e o caos noticiados pelos jornais.

Hoje, são normalmente realizados em casas noturnas e reúnem pessoas com habilidades inusitadas com intuito de surpreender o público (LÍRIO, 2010). Os *freak shows* podem causar, e normalmente causam, repulsa na plateia porque, na grande maioria das vezes, se utilizam de fluidos corporais (ou simulação deles) como sangue, urina ou excrementos. Para Daniel Lírio, estes se distinguem da performance, pois essa organiza os atores para encenar uma ideia e tem uma narrativa mais bem elaborada; os atores são considerados artistas corporais.

Poucos dos meus entrevistados costumam praticar a técnica sob esse viés da performance. Thiago Soares, que faz apresentações como forma de trabalho, revela:

Hoje eu me suspendo por questões artísticas, pra mim tem sido arte há uma década. Não sei exatamente [quantas suspensões fiz], mas mais de 30. Pratico anualmente por conta do meu trabalho enquanto artista... Existe uma energia pulsante no espaço. Sinto como se todo mundo participasse do processo e da intensidade da ação. (Thi Angel, 2017).

João, em entrevista no ano de 2016, antes de realizar as performances em Berlim e no Von Teese, em Porto Alegre, declarou o interesse de trabalhar a prática nesse viés:

Eu gosto bastante dessa ideia, quero trabalhar ela no futuro... a suspensão como uma performance, uma apresentação, um processo artístico mesmo. Só um corpo suspenso já causa muito impacto nas pessoas e através disso transmitir uma mensagem, uma emoção... eu acho bem interessante, quero conseguir explorar essa ideia. (João, 2016).

Também já fez uma performance, sendo ele o próprio artista suspenso e conta:

Eu fiz uma apresentação só, tentei, sem nada muito explícito, passar uma mensagem com aquilo... no processo da apresentação comecei com sete ganchos, depois tirei dois, depois mais dois, até ficar com um só... e aí ia variando o movimento. Pra passar essa ideia primeiramente de um corpo morto, todo amarrado aos poucos renascendo a partir daquele processo. (João, 2016).

E Bárbara, que se apresentou em evento público em uma convenção de tatuagem, constata:

Foi muito bom, muita gente veio falar comigo lá [na convenção] em Tramandaí. Foi a segunda vez e eu nunca tinha feito uma suspensão tipo “ao vivo”... Eu aceitei e foi super legal, mas na hora eu pensei “bah, mas vai ter um monte de gente olhando”... era encerramento do evento, Eles tavam tocando música, tinha uns pratos... e daí foi umas cinco pessoas falar comigo. Foi até um guri chorando, ele disse que nunca tinha sentido nada tão puro... que ele sempre tinha achado uma coisa muito pesada, mas que foi muito leve me ver ali (Bárbara, 2016).

Dentre meus interlocutores - inclusive João que organiza performances -, notei a preferência por sessões privadas com presença apenas de pessoas envolvidas com a prática. Confirmam os seguintes trechos:

É muito legal quando tá todo mundo envolvido naquele momento... na mesma bolha assim...com pessoas aleatórias que tão assistindo é um pouco desconfortável. Porque tu tá num momento mais exposto, mais fragilizado e tu vê aquelas caras de pavor, os comentários desagradáveis... é bem desconfortável e quebra um pouco teu momento. A única experiência que eu tive de fazer em público eu até achei bem tranquilo, porque como foi muito forte tudo eu nem prestei muita atenção nas pessoas ao redor... fiquei tão na minha mente, nas minhas químicas (hahaha). Mas é massa a reação positiva das pessoas, que nem quando rola as jornadas, tem um monte de gente ali, só que todo mundo com o mesmo propósito... todo mundo já subiu ou vai subir. Fica todo mundo em silêncio só assistido. (João, 2016)

Acho que [a presença de outras pessoas] influencia muito, na energia do ambiente e tal, por isso curto me suspender mais em jornadas de suspensão privadas, onde só fica a equipe mais os participantes em algum lugar bacana um dia ou mais fazendo suspensão sem público. Também curto me suspender em apresentações, convenções, porém prefiro entre amigos pois a energia é mais leve, todos estão torcendo por você, enquanto com plateia nem sempre é assim (Karine, 2016).

Desde que respeitosas [as pessoas presentes] não me incomodam acho até legal ter pra quem olhar às vezes... embora uma vez suspenso, eu me desligo do povo embaixo... só quando começa a ficar aquela coisa esticada que daí quando tem bastante gente, logo dá vontade de descer e se tiver pouca, tu já testa mais os limites (Matheus, 2017).

Normalmente, me suspendo quando estou com um grupo envolvido com suspensão, sejam profissionais ou adeptos. Quando vou suspender alguém, prefiro que seja assim também. Mas, já fiz suspensões em *shows*... (Anônimo, 2017).

Pra mim, influencia muito, gosto de ter pessoas próximas a mim, presentes, não me sinto muito confortável com muita agitação de quem está perto, as energias das outras pessoas podem interferir bastante na experiência... quanto menos desconhecidos melhor. (Gian Carlo - Ralado *Piercer*, 2017)

É sempre bom ter apenas amigos para que eles sintam a energia que você está emitindo (Denise, 2017).

Faz muita diferença quando tu tá num grupo de amigos e, por exemplo, vai rolar a primeira suspensão de alguém e se tem muita gente que não tá dando muita atenção pra aquilo é uma coisa... mas quando tá todo mundo unido, tá todo mundo junto e a pessoa consegue subir, tu olha pra trás e tá todo mundo com o mesmo sentimento e isso sim faz sentido! Quando tá todo mundo unido pra aquilo acontecer (Cami, 2016).

O olhar da plateia é capaz de conferir estabilidade ou não ao corpo do suspenso. É notável que nem todas as suspensões são destinadas a serem exibidas a um público. Algumas têm a finalidade de serem performances artísticas, mas há também, como já citado, quem opte por rituais mais íntimos. Os praticantes são avessos aos olhares críticos e condenatórios de alguns espectadores, normalmente, não adeptos às modificações corporais ou que consideram a técnica “extrema”.

Dessa forma, os seguidores acabam se fechando em seu grupo e, talvez por isso, meu acesso ao campo tenha sido complicado em um primeiro momento. Possivelmente também, esse comportamento recluso seja reflexo do preconceito social sofrido por alguns deles. Fica claro o sentimento de comunidade, de querer estar apenas entre amigos e conhecidos, enfim um grupo com o qual “as energias” possam ser compartilhadas nas mesmas “frequências”. Inclusive, uma das motivações dos praticantes é fazer suspensão para estar “em grupo”.

É evidente que a suspensão, quando usada como performance pública, além de possibilitar o uso do corpo como fonte de trabalho, pode também ser um movimento de contestação para tentar transmitir uma mensagem. Seria interessante que os suspensos pudessem utilizar mais a performance como recurso para combater as ideias errôneas e preconceituosas, divulgando a prática e toda sua complexidade.

É preciso que se pense melhor nas relações com o corpo e, também, nas agressões que sofre ou não, visto que parece que ele só é percebido como “violentado” quando a prática é considerada “desagradável” pela coletividade. Creio eu que o adulto dono do corpo, independente de sua motivação, tem livre arbítrio sobre ele. Esse processo de aceitação social pode legitimar a técnica que tende a continuar e a crescer no compasso do surgimento de novas tecnologias, fazendo com que mais simpatizantes se libertem e se sintam dono de si.

Neste trabalho, destacam-se dois principais difusores da suspensão corporal urbana. Um deles, Sterlac, situa o corpo humano dentro do potencial de experimentação, usa a técnica da suspensão como ideia que consiste em se aproximar das condições de

gravitação em uma perspectiva que poderíamos definir hoje de pós-humanista. O outro, Fakir Musafar, revista os ritos das sociedades tradicionais e põe o corpo à prova com o intuito de experimentar as sensações corporais (LIOTARD, 2014).

Como propõem esses dois pilares da prática contemporânea e como foi investigado nessa dissertação, a suspensão pode ser performance ou ritual. Porém, cada indivíduo que opta pela técnica tem seus objetivos, que podem ser bastante variados e/ou combinados. Aqui, foram tratados apenas alguns para refletir e provocar um debate sobre essa prática ainda pouco conhecida no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Claro que o corpo não é feito só
para sofrer,
mas para sofrer e gozar.
Na inocência do sofrimento
como na inocência do gozo,
o corpo se realiza, vulnerável
e solene.*

*Salve, meu corpo, minha estrutura de viver
e de cumprir os ritos do existir!
Amo tuas imperfeições e maravilhas,
amo-as com gratidão, pena e raiva
intercadentes.*

*Em ti me sinto dividido, campo de batalha
sem vitória para nenhum lado
e sou feliz
na medida do que acaso me ofereças.*

*Será mesmo acaso,
será lei divina ou dragonária
que me parte e reparte em pedacinhos?*

*Meu corpo, minha dor,
Meu prazer e transcendência,
És afinal meu ser interior e único.*

*(Carlos Drummond de Andrade –
Missão do Corpo)*

Durante a pesquisa, constatei que as marcas corporais acompanham o homem, em todas as épocas, conforme o círculo social em que ele está inserido. Contemporaneamente, o corpo e suas práticas adquirem forte centralidade. Hoje, graças ao avanço da ciência, o indivíduo pode manipular o corpo herdado, sua identidade biológica, para refletir sobre sua própria natureza. Assim, pretendi analisar o corpo nesta dissertação, como a aproximação do homem com o mundo, como um dispositivo sensível em relação com a cultura e seu meio.

A suspensão corporal, como observado, é uma das vastas práticas que abrange o universo da *body modification*; é uma técnica muito antiga atualmente resgatada pela

sociedade ocidental. Com outras motivações, hoje é praticada por alguns grupos de amigos com interesse comum, ou seja, uma manifestação corporal que faz sentido em relação ao conjunto de símbolos do grupo.

Os membros da comunidade *mod*, influenciados por essa cultura, incorporam procedimentos e definem as faculdades do corpo de forma distinta. Fazem modificações constantes e progressivas, vão aos poucos testando seus corpos. Começam em práticas menos invasivas e, assim, a atração por outras mais ousadas vai surgindo. Desafiam seus corpos, contestando a dor suportável, de acordo com as categorias que a sociedade entende, como afirmava Marcel Mauss (2003).

Me chamou a atenção o comentário de uma das minhas interlocutoras Fê que afirma que seu corpo tem um tempo de cicatrização muito maior hoje em dia, que ele reage melhor aos “ferimentos” após cada modificação e que parece que, quanto mais intervenções faz, mais rápido o corpo se reconstitui. É notável no comportamento deles a intenção de explorar o desconhecido, experimentar cada nova prática, saber como o corpo se adapta a cada técnica que surge e, acima de tudo, ter controle sobre ele. Assim, segundo Amanda Araújo (2015), esse grupo adepto de várias práticas - cujo lócus é o corpo e a suspensão é apenas uma das técnicas que ratifica e retroalimenta outras práticas - busca essa “cultura das sensações”.

Aqui, no teste de capacidades, talvez resida a única semelhança com os rituais tradicionais dos indígenas americanos e dos homens hindus. Ter o corpo como centro das experiências e a superação gradativa de seus limites, ainda são os objetivos de quem se suspende.

Porém, diferentemente dos outros grupos, os que praticam a suspensão contemporânea não contestam o apego corpóreo. Pelo contrário, o corpo aqui é visto como símbolo do fortalecimento pessoal. Como membros de uma sociedade individualista, meus informantes são narcísicos. Cito os exemplos de Fernanda, que se maquiou, e Nayara, que passou *glitter* antes de suas suspensões. Sentem orgulho de seus adornos e marcas, há uma autoestima associada à prática.

Também, como já foi dito, dão muito importância para o registro fotográfico. As fotos parecem ser parte do processo de modificações corporais, auxiliam na divulgação da prática que é momentânea, ou seja, as marcas são pouco visíveis, feita em ambientes fechados e com público selecionado. Segundo Julyana Manguinho (2012), a suspensão privada torna-se pública através da postagem de registros visuais nas redes sociais. Isso

ficou evidente para mim certa vez que pedi permissão para o organizador de um encontro em julho de 2017 em Porto Alegre para comparecer e ele me respondeu:

Depende de quem quiser suspender e da vontade dessa pessoa, posso ver a possibilidade e te passo algo mais certo. Quem sabe você já não se suspende, seria incrível...fazer umas filmagens suas suspensa, têm varias posições que são super tranquilas e pra sua pesquisa seria muito mais completo. Te garanto que tem muita coisa mais dolorida. (Ericson, 2017).

Quando eu respondi que não tinha coragem, ele nunca mais fez contato.

Como abordado, tive dificuldades, inicialmente, de me aproximar do campo planejado. Mas logo após o primeiro contato, ao explicar a pesquisa, tanto os entrevistados como os participantes dos eventos que compareci, todos se mostraram receptivos e colaborativos e, inclusive, me convidaram para próximos encontros. Acredito que, por eu ter algumas tatuagens e alargadores, mais ou menos a mesma faixa etária e participar de um circuito “alternativo”, o estranhamento deles não foi tanto ao ver que a pesquisadora, de alguma forma, também faz parte do grupo mais amplo de modificações corporais ou compartilha do mesmo senso de estética. E, inclusive, essas minhas marcas serviam como forma de sociabilidade e de base para me estimularem a iniciar na prática. Ouvi muitas frases como: “Tu já tá cheia das *tattoos*, o que faltou pra te suspender?”, “O teu alargador deve ter doído mais que os furos pra suspensão!”; “Agora, tu vai ser nossa fotografia oficial, só falta te suspender!”. De fato, a alegria dos suspensos durante e pós prática é de despertar curiosidade, mas, por enquanto, prefiro apenas sentir a “energia” do entorno que já é bastante grande.

Este trabalho teve como objetivo principal analisar o comportamento do suspenso e sua percepção sobre diversos aspectos ligados ao tema, dando ênfase para o seu discurso. Entre experiência mística, performance artística, atividade de lazer, ritual e técnica de autoconhecimento, a suspensão corporal é uma das práticas contemporâneas ainda pouco conhecida, deslumbrante e, ao mesmo tempo, assustadora para os leigos.

Notei que os iniciados, de forma geral, encaram as suspensões como uma prática normal até como uma brincadeira, um jogo. Querem avançar e, a cada vez, escolhem posições mais difíceis. Ficam satisfeitos em vencer os desafios que eles próprios se impuseram. Já os estreantes, nos primeiros procedimentos de perfuração, manifestam um pouco de medo, mas ao subirem, dominam o temor e sentem prazer. Logo ao descer, manifestam a intenção de repetir. E, a palavra mais pronunciada é “superação” tanto pelos experientes como pelos iniciantes.

Percebi que os profissionais responsáveis pelos procedimentos têm grande preocupação em cuidar dos clientes em todas as etapas. Desde que chegam ao local, os adeptos são acolhidos de forma a se sentirem à vontade. A todo o momento são questionados se estão bem, independentemente se estão acostumados ou não. E, quando surge insegurança de alguém quanto à continuidade da sessão em andamento, são logo tranquilizados e apoiados. Suas inquietudes são respeitadas e tentam desfazê-las sem nunca forçar ou induzir o cumprimento da sessão. O mesmo ocorre quando se manifesta um mal estar físico por não terem sido respeitadas as recomendações prévias. É tudo a seu tempo, sem pressa e sem pressão.

Cheguei à conclusão que há muitas razões pelas quais as pessoas optam por se suspender, não há uma resposta única que explique o desejo de efetivar a suspensão - um evento a princípio antinatural e encarado como prática marginal. Tem quem faça para provar ser capaz, ou seja, para se desafiar, superar os limites, a dor e o medo, ou como conhecimento de si, com ênfase para a transcendência. Ou apenas por vontade de explorar o desconhecido, sentir prazer e adrenalina.

Para a pergunta “Qual o significado de seu corpo para você?”, os retornos dados foram “uma tela”, “um álbum de figurinhas” e “meu cartão de visitas”, além de, majoritariamente, “forma de se relacionar como o mundo”. Da mesma maneira, também eu vi a suspensão como modo de socialização entre o grupo. Através da prática, há uma busca por pertença.

Notei que há um limite do discurso perante as percepções sentidas; as pessoas muitas vezes não são capazes de interpretar algo que é da ordem das sensações e definem a técnica como “inexplicável”. É uma experiência que não pode ser traduzida fielmente, mesmo que seja vivida, sentida na pele. Como afirmava Maurice Merleau-Ponty, as nossas escolhas, os gostos, rejeições e desejos são configurados por meio de uma estrutura subjetiva na qual se correlaciona o corpo, o tempo e o mundo. É inegável a relação do corpo com o sensível, a experiência corporal é um conhecimento sensitivo sobre o mundo e a subjetividade é recortada pela cultura. Então, o corpo é visto como um acontecimento do ser no mundo. Segundo o filósofo:

A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 212).

Geralmente, independente da motivação, a suspensão se resume a uma experiência de aprendizagem das técnicas (respiração, postura), normalmente

transmitidas oralmente e de experimentação de vivências que fogem do “habitual”. Assim, constatei, a partir dos discursos dos suspensos, que essa prática permite um encontro do indivíduo com suas próprias capacidades.

Muitos definiram a dor da suspensão como suportável e compreendida como parte do procedimento. Assim, em busca dessa realização, aceitam pagar o preço da dor. Destaca-se, na fala dos entrevistados, a importância de passar por essa prova, ou seja, aguentar o sofrimento é um ato de coragem e só quem enfrenta isso é “digno⁶³” de ser suspenso. Os receptores da dor afirmam mergulhar profundamente em sua vida interior. Procuram, através da prática da suspensão, um estado de harmonização e bem estar, como um processo calmante, uma via de escape.

Paradoxalmente à vaidade individualista da suspensão, como grupo alternativo, os membros parecem fazer a prática de uma forma “ecológica”, que geralmente significa dobrar a personalidade individual pelas forças que a transcendem promovendo um abandono do ego (SOARES,1994). Há uma comunhão deles com o universo quando estão suspensos. É um tipo de integração, não só com os participantes do entorno – já que é uma experiência feita entre amigos - mas também com o meio. Creio que é uma atividade holística, em que corpo e ambiente estão em uma relação recíproca, onde a “transcendência” não é superar o corpo, mas sim a percepção de estar no mundo. Há, então, na prática de suspensão, uma epifania, uma sensação profunda de realização, no sentido de compreender a essência das coisas. Assim, a suspensão deve ser analisada em caráter relacional, dentro do contexto no qual vivem as pessoas dessa comunidade. O grupo procura um holismo, a busca da compreensão do sentido da vida em sua totalidade, dessa forma, só “conhecem” e tem consciência do mundo a partir de sua própria consciência que se dá através do corpo e da subjetividade.

É evidente que há uma construção corporal como processo social, então, se deve considerar as infinitas possibilidades de construir e desconstruir nosso próprio corpo para nos apropriarmos mais plenamente dele e assim vivê-lo no mundo que habitamos de forma mais autônoma e consciente (BARNSELEY, 2013).

A suspensão corporal parece, também, marcar um desejo de ir em direção contrária à disciplina imposta e a padrões pré-estabelecidos. O corpo, aqui, parece servir como dispositivo político, além de subjetivo, que passa a ter usos inusitados como uma forma de identidade e crítica da moralidade social.

⁶³ Expressão usada pelos interlocutores para designar quem é considerado apto para suspensão.

Os entrevistados procuram legitimidade e criticam o preconceito. Relatam que a prática da suspensão é “tabu”⁶⁴, que são vítimas de problemas sociais quando assumem ser adeptos e, por também terem muitas intervenções, eles têm dificuldade de conseguir emprego fora de ambientes da própria comunidade de modificações corporais ou de espaços mais alternativos.

Noto aqui outro paradoxo: o grupo pretende manifestar, com a suspensão, uma crítica à sociedade, porém, a faz avessa a olhares curiosos, com pouca divulgação e em espaços afastados, fechados, onde só é permitida a entrada dos próprios adeptos. A tribo contesta as normas de maneira distante da sociedade total.

Fiquei com a dúvida se a exposição e elucidação de toda complexidade da técnica, que foi o que tentei fazer aqui, colaboraria ou geraria ainda mais preconceito. Apesar de chocante, que, aliás, é um dos pontos mais interessantes da suspensão corporal, põe à prova o corpo, seus limites e suas forças.

De forma geral, segundo minhas observações, percebi que a suspensão contemporânea gira em torno do hedonismo e das práticas do bem-viver, sem relação com patologias e, na maioria dos casos, também não tem a ver com experiências sadomasoquistas, como leigamente costumam pensar. Em resumo, mesmo que entendida como radical pela sociedade, a suspensão parece ser uma busca do indivíduo por usar o corpo como forma de expressão, liberdade, singularidade e identidade contracultural.

⁶⁴ Termo utilizado pelos interlocutores para definir a censura de determinadas atividades sociais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nathalia. **Diabos mutantes: uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo**. São Paulo, 2013. 80 p. Monografia (pós-graduação). Fundação Armando Alvares Penteado. FAAP Pós-Graduação.
- ABREU, Nathalia; SOARES, Priscila. **Corpo ao Extremo: a nova face de uma cultura modificada**. Jundiaí, SP: Editora In House, 2012.
- ANDRIEU, Bernard. **A Nova Filosofia do Corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- ARAÚJO, Amanda Mello Andrade de. **Corpo e Subjetividade: estudo sobre *body modification* e suspensão corporal**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- BARNESLEY, Julie. **El Cuerpo como territorio de La rebeldía**. Unearte, 2013.
- BASTIDE, Roger. **Técnicas de repouso e de relaxamento**. In: QUEIROZ, M. I. Roger Bastide. São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- BATESON, Gregory. **Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- BECKER, Howard. **Outsider: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação e realidade, Porto Alegre, v.2, n. 20, p 133-184, jul./dez. 1995.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. **Além da Pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo**. Campinas, SP : [s. n.], 2006.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.
- CAMPS, François-David; BELLUT, Alexia; KERNIER, Nathalie de. **La suspension corporelle: une clinique de l'extrême**. *Annales Médico-psychologiques, revue psychiatrique* Volume 173, Issue 8, October 2015, Pages 688-694.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CLASTRES, Pierre. Da Tortura nas Sociedades primitivas. In: **A Sociedade Contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 123-131.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2008.

DAWSEY, John Cowart. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 527-570, 2008

DAWSEY, John Cowart. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet**. Campinas, SP: 2007.

DIAS, Patrícia Regina Corrêa. Ritos E Rituais - Vida, Morte E Marcas Corporais: A Importância Desses Símbolos Para A Sociedade. **Vidya**, V. 29, N. 2, P. 71-86, Jul./Dez., 2009 - Santa Maria, 2010.

DIAS, Vivian Maria Da Silva. **Sebastião Salgado: um olhar planetário para as ciências sociais trabalho** apresentado à disciplina de TCC II do curso de ciências sociais da Universidade Federal De Goiás - Regional Catalão, Catalão, 2014.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia E Internet: Quando O “Campo” É A Cidade E O Computador É A “Rede”. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan./jun. 2004

DOUGLAS, Mary. Los dos Cuerpos. In: **Símbolos naturales. Exploraciones en cosmología**. Madrid: Alianza, 1978.

DOUGLAS, Mary. As abominações do Levítico. In: **Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa: Edições 70, s/d.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**; As regras do método sociológico; o suicídio; as formas elementares da vida religiosa. Émile Durkheim; seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

ECKERT, Cornélia;ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A narrativa e a captura do movimento da vida vivida**. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 47. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2002.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: Notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian [org.]. **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.

ELIÁDE, M. **Yoga: imortalidade e liberdade**. São Paulo: Palas Athena, 1996.

ELIAS, Norbert. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo** 13, ano 14. USP, 2005.

Ferreira, Vítor. Marcas **Que Demarcam Corpo, Tatuagem E Body Piercing em Contextos Juvenis**. Lisboa: Instituto Superior De Ciências do Trabalho e da Empresa. Departamento de Sociologia. Tese submetida como requisito para a obtenção do grau de doutor em Sociologia, 2006.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, 1999 Nº 10.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Edgar. Stelarc: Arte, Tecnologia, Estética e Ética. **Revista Educação e Linguagem**. v. 13, n. 22 • 98-115, jul.-dez. 2010

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada** Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GOFFMAN: Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian [org.]. **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.

GURAN, Milton. **Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica**. Rio de Janeiro, 2011

GUTIÉRREZ, María Pérez. **LOVE**. Monografía (Seminario de las estéticas III). Montevideu/Uruguai: Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A: 2006.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; Kunzru, Hari; Tadeu, Tomaz (org.). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica/Mimo, 2009.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

HERTZ, Robert. **A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**. Religião e Sociedade, n. 6, 1980.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia Cultural e Social**. São Paulo: Cultrix, 1981.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone de. “Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação”. **Caderno de Saúde Pública** [online] v.25, n.4, 2009. p. 773-782.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado: corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

LANGDON, Esther Jean; PEREIRA, Èverton Luís (orgs.). **Rituais e Performances: iniciações em pesquisa de campo.** Florianópolis: UFSC/ Departamento de Antropologia, 2012..

LAPASSADE, Georges. **La Transe.** Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo.** Antropologia e Sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. **Escarificações na Adolescência: Uma Abordagem Antropológica.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010

LE BRETON, David. **La Sociología del Cuerpo.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2011.

LE MOS, André. Cibercultura: Alguns pontos para compreender nossa época. In: LEMOS, André; Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003;

ESCOBAR, Arturo. Bem-Vindos à Cyberia: Notas para uma Antropologia da Cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura.** Brasília : ABA Publicações ; Joinville :Editora Letradágua, 2016

LENCLUD, Gérard. La tradition n'est pas plus ce qu'elle était... Sur les notions de tradition et de société traditionnelle en ethnologie. Terrain, n.9, outubro de 1987. Tradução de José Otávio Nogueira Guimarães. In: **Revista história, histórias.** Brasília, vol. 1, n. 1, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.

LÍRIO, Daniel Rodrigues. **Suspensão corporal e algumas implicações intersubjetivas.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIRIO, Daniel Rodrigues. Suspensão corporal e as três dimensões da intercorporeidade. **Revista Brasileira de Psicanálise.** Volume 42, n. 2, 58-67, 2008

LIRIO, Daniel Rodrigues. Suspensão corporal e as três dimensões da intercorporeidade. **Anais do II Colóquio Internacional Práticas e Usos do Corpo na Modernidade**, 2010b.

LIRIO, Daniel Rodrigues. **Suspensão corporal**: Novas facetas da alteridade na cultura contemporânea. São Paulo: Annablume, 2010.

LÍRIO, Daniel. Suspensão Corporal, uma nova conjugação entre sensação e estética. **Correio Popular**, caderno opinião. Campinas, 28 de novembro de 2007.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACIEL, Maria Eunice. A atualização do passado. In: FÉLIX, Loiva Otero; RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti (orgs). **RS: 200 anos – Definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 191-206.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2002, vol.17, n.49

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade . São Paulo : Studio Nobel, 1999

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. **Arte, Prazer e Bisturi: Construção Corporal através da Body Modification**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Norte, 2012.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível**. 3a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994 e 4ª Ed, 2011.

MEYER, André. **Lindo de doer: piercings**, viagens estéticas, eróticas e esotéricas. São Paulo: Gaia, 2011

MOREIRA, Luiz Eduardo; JUNIOR, Nelson da Silva; CAITANO, Daniele Silva. **Corpo Como Destino Pulsional: Sublimação E Marcas Corporais**. A peste, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 395-406, jul./dez. 2010

OLIVEIRA, Michelle. Elevação da Alma In: Prazer e Dor. **Revista Primeira Impressão**. Nº 45, julho de 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Zahar, 2003.

PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Corpo inciso, vazado, transmutado: inscrições e temporalidades**. São Paulo: Annablume, 2009.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como suporte da arte**. Revista Latinoamericana Psicopat. Fund., VI, 1, 76-85, 2003.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: SENAC, 2005.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. RJ, Petrópolis: Vozes, 1973.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia No Ciberespaço Como “Repovoamento” E Explicação. Universidade Federal De Santa Catarina (Ufsc), Florianópolis – Sc. **Revista Brasileira De Ciências Sociais** - Vol. 31 Nº 90, Fevereiro/2016.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, vol. 44, no 2, 2004.

RODRIGUES, José C. E. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999, p. 155-172.

- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975
- ROSSI, Sandra Martínez. **La Piel como Superfície Simbólica**. Procesos de Transculturación en el Arte Contemporáneo. Madrid: FCE, 2011.
- SAMAIN, Etienne. Os Riscos Do Texto e Da Imagem - Em Torno De Balinese Character (1942), De Gregory Bateson e Margaret Mead. **Revista de Cultura Audiovisual**. USP n. 14 (2000)
- SANTOS, Raíra Bohrer dos. **Castelos De Pixels: Relacionamentos BDSM no Mundo Digital Virtual 3D Second Life**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e sociedade**. vol.10 no.1 São Paulo Jan./July 2001
- SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”. In: **Performance studies: an introduccion**, second edition. New York & London: Routledge. p. 28-51. Tradução de R. L. Almeida, publicada sob licença creative commons, classe 3. Abril de 2011
- SCHECHNER, Richard. **Performance, teoria y prácticas intelectuales**. Buenos Aires: Libros de Rojas, 2000.
- SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.
- SCHNEIDER, Laíno Alberto. Ritos e Mitos. In: **Teorias Antropológicas**. Organizada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Curitiba: Ibpx, 2008.
- SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto; DE CASTRO, Eduardo Viveiros. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Museu Nacional – UFRJ, 1987.
- SEEGER, Anthony. O significado dos ornamentos corporais In: **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SILVA, Rubens Alves da. _Entre “Artes” E “Ciências”: A Noção De Performance e Drama No Campo Das Ciências Sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 11, N. 24, P. 35-65, Jul./Dez. 2005

SILVA, Sara Panamby Rosa da. “Corpo-Obra: Manipulações Corporais como Processos de (Des)Construções Ético-Estéticas”. **Revista Gambiarra** - número 05 - ano V - 2013 - p. 29-40

SILVA, Sara Panamby Rosa da. **Corpo Limite**: uma análise dos corpos modificados. 2009. 64f. 2009 (Monografia de Bacharelado em Performance) – Curso de Comunicação Das Artes do Corpo, PUC-SP, São Paulo, 2009.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação flutuante: uma observação “desendereçada”. **Antropolítica**, Niterói, n.25, 2008.

SOARES, Luis Eduardo. Religioso por Natureza: Cultura Alternativa e Misticismo Ecológico no Brasil. In: **O Rigor da Indisciplina**. Ensaio de Antropologia Interpretativa. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

SOARES, Thiago Ricardo. **A modificação corporal no Brasil – 1980-1990**. São Paulo: CRV, 2015

SOARES, Thiago. Suspensão Corporal E Performance Art. In: FERRAZ, Wagner (Org.). **Experimentações Performáticas**. Porto Alegre: Indepin, 2014. 200 P. - (Coleção Estudos Do Corpo; V. 2)

TOSTA, Lena Tatiana Dias. **Iogues Dissidentes**. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2011.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte). **Cadernos de Campo – revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP**, São Paulo: PPGAS/USP, nº 13, ano 14, p. 177-185. 2005.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**. Niterói: Editora UFF, 2008.

TURNER, Victor. **From Ritual to Theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ Publications, 1992

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 116-159.

VAN GENNEP, Arnold. **Los Ritos de Paso**. Madrid: Alianza, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VERGARA, Camile Tejada. **Arte, Contracultura e Nomadismo: O Corpo em Movimento Contra a Autoridade**. Monografia para Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

VERGARA, Camile. **Corpo transgressão: a violência traduzida nas performances do Coletivo Coiote, Bloco Livre Reciclato e Black Blocs**. Cadernos de Arte e Antropologia Vol. 4, No 2. Artivismo: poéticas e performances políticas na rua e na rede, 2015.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em Nome do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82

ZILLI, Bruno Dallacort. **A perversão domesticada**: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Documentos eletrônicos:

BMEzine. **Body Modification Ezine**. Disponível em: <http://www.bme.com>. Acessado 20 de julho de 2017.

FRRRKGUYS. **FrrrkGuys**. Disponível em: <http://frrrkGuy.com>. Acessado em 20 de julho de 2017.

LIOTARD, Philippe. **Corps Culture Education. Body Suspensions**: Le corps éprouvé. 2014. Disponível em: <http://philippe-liotard.blogspot.com.br/2014/09/body-suspensions-le-corps-eprouve.html>. Acessado 27 de Julho de 2017.

MUSAFAR, Fakir. Fakir Rants and Raves: **Suspensions & Tensions: Yesterday**, 2003 Disponível em: <https://news.bme.com/wp-content/uploads/2008/09/pubring/fakir/20031115.html>. Acessado 08 de janeiro de 2018.

SAMPAIO, Ronaldo (*piercer Snoopy*). **Suspensão Humana: a minha experiência**. – *Old Hooks* – BR, 2010. Disponível em: <http://piercer-snoopy.blogspot.com.br/2010/11/suspensao-humana-minha-experiencia.html>; Acessado 04 de junho de 2017;

SOARES, Thiago Ricardo (T. Angel). **Manifesto Freak**. Osasco, São Paulo. 27 de Dezembro de 2015. Documento eletrônico disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/manifesto-freak/>; Acessado 30 de maio de 2017;

TOSTA, Lena Tatiana Dias. **Iogues Dissidentes**, 2014. Disponível em: <http://etnofoco.com/test/cinzas-sagradas-texto#.Wm-QD6inHIU>. Acessado em 12 de janeiro de 2018.

Filme:

“Um Homem Chamado Cavalo” (A Man Called Horse), 1970, USA. Direção: Elliot Silverstein.